





Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

A MEDITAÇÃO.
POEMA FILOSOFICO.
EM QUATRO CANTOS.

AUTHOR

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO.

Disce legens studium ex me , verumque laborem ,
Fortunam ex aliis , nam te mea penna Minervæ
Adictum dabit , & nulla inter præmia ducet.

O A.



LISBOA,
NA IMPRESSÃO REGIA.

1813.



Com Licença.

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

A' UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

SENHORES.

A Filosofia não estreita , nem circunscreve o Imperio das Boas Artes , antes sim dilata mais seus limites , e engrandece seu dominio. Offerece ás Musas o que os tímidos preceitos , e a servil cadeia do exemplo lhes havião por tantos seculos negado , a meditação , e a contemplação da Natureza. Esta meditação he o emprego mais proprio do entendimento humano ; e não havendo linguagem mais sublime que a das Musas , nada ha mais proprio da magestade da Poesia , que a magestade da Natureza. O espectáculo do Universo he o despertador do verdadeiro Enthusiasmo. E porque não seria em Portugal exposto este immenso Quadro pela voz da Poesia ,

como o começou a ser já entre os cultos *Allemaes*, e meditadores *Inglezes*? He acaso menos apta a lingua *Portugueza*, menos fêrvido, menos levantado o nosso engenho para conseguir esta empresa? As leis compassadas de huma escôla inerte, os arbitrarios preceitos pedantescos, e encolhidos, podem acaso encadear os vãos livres da imaginação, para não conhecer outros generos de Poesia, mais que os determinados até agora, e seguidos religiosamente pelos nossos Poetas? A verdadeira Poesia he a **Poesia** descriptiva; o que mais nos toca em Milton são os seus pomposos Quadros. E porque nos ha de ser mais agradavel a ficção, que a verdade? Mais hum **Mundo** ideal com suas quimeras, que o **Mundo** physico com suas maravilhas, sua formosura, e seu portentoso, e invariavel magisterio? Possuido destes sentimentos, eu ousou romper as sombras de hum seculo, que á cinte parece querer volver-se á barbaridade. Sem consultar outro Livro, mais que o Grande Volume da Natureza, cujos sellos se rompem aos olhos do Filosofo, entreguei-me ás impressões, que em meu engenho fazião os prodigios, que o **SER** immortal com caracteres de luz escreveo nas paginas deste grande volume. Constitui-me no centro do immenso circulo dos Entes, e a mim mesmo me fiz as questões primeiras, que o Filosofo se faz no seio do sagrado si-

lencio das suas meditações. Quem sou eu ? Eis-aqui o conhecimento do homem *fysico*, e *moral*. Onde estou eu ? Eis-aqui o conhecimento *cosmologico* do *Universo visivel*. Com quem estou eu ? Eis-aqui o conhecimento *analytico* dos vastissimos Reinos da *Natureza*. Donde vim eu ? Eis-aqui a parte da *Filosofia transcendental* mais interessante, e mais digna do *Homem*. Nada ha tão simples como estas questões, nada tão sublime, e tão opulento como a sua resposta, nada tão digno do engenho *Poetico-Filosofico*. Mas acaso no *Imperio da Poesia*, cujos confins o pedantismo tem até agora limitado tanto, devem estas materias tão fecundas, e tão vastas, ser tratadas como as costuma expôr hum esterilmente *methodico Tratadista* ? Não ; porque, quando as trata, as suas produções devem ser tão multiplices, e tão varias, como a mesma *Natureza*. Quando desprego as livres azas da imaginação, e vou com rápidos vãos contemplando a *Natureza*, e a immensa congerie de *Seres*, que a povoão, lanço mão de todas as idéas analogas aos mesmos *Seres*, que se me despertão como depositadas nos thesouros de antecedentes estudos, e desta variedade de objectos, encadeados entre si por huma ligação intima, resulta o *Todo harmonico*, admiravel, *symmetriaco*, e perfeito, que se chama *Poema*, cuja lei unica, e cuja

formosura he a Unidade. Não ha para mim outro modello mais , que o Universo , onde tantos objectos varios , mas concatenados , compõem huma Totalidade tão pasmosa , que ella , por si só , he a expressão do SER immortal , seu Artifice , e seu Arbitro. Não faria hum Poema , se eu comprehendesse em versos a nua historia da Natureza , isto fazem muito melhor Plinio , e Buffon : quando a pinto , deixo que o engenho corra , e se precipite , aproveitando para os seus Quadros quantos objectos em ordem natural , e exacta , se lhe offerecem na sua impetuosa , e sempre livre carreira.

Este he o monumento , que eu levanto á Gloria da Nação , e da Litteratura , que o delirio , ou frenzím politico-revolucionario , parece querer de todo apagar na Europa ; e , se deve dar o ultimo arranco , brilhe hum clarão , e seja permanente ; elle o será por certo , escudado da sombra do Vosso Nome Immortal. Se neste Poema se divisão a espaços luminosas jaiscas de profundissimos estudos , a quem o poderia eu mais dignamente dirigir , e consagrar , que á que por tantos Seculos tem sustentado o titulo de Athenas Lusitana ? He o Fôco das Sciencias , o Domicilio das Artes , o Augusto Templo das Musas , o Magestoso Alcaçar do Gosto , e o Deposito Sagrado da Litteratura. Onde com mais perfeição ,

e mais profundamente se conhecem as Sciencias exactas ? Onde tem a Fysica , e a Historia Natural feito móres progressos , e lançado mais profundas raizes ? Onde são Themis , e o Nume de Epidauro conhecidos com menos enfase , è maior magestade ? Onde tem a Filosofia mais seguros , e mais luminosos Interpretes ? Respeitavel Academia , cujos Annaes são ennobrecidos em todas as suas paginas com os nomes dos Varões mais illustres da Nação : de seu seio forão encher a Europa com a merecida fama ; e assombrar o Mundo com as suas luzes. Qualquer que fosse o estado da Litteratura , e , ou lento , ou rápido o progresso das Sciencias , Ella se distinguio sempre entre todas ; e quando sobre o horisonte da Europa se mostrou luminoso o Astro das Sciencias , escondido atélli na vastidão do espaço dos Seculos da barbaridade , mostrou em seu mesmo berço a plenitude de todas as luzes.

Esta offerta he o testemunho da minha admiração. Eu não pertenco por titulo algum a tão respeitavel Corpo , e por todos lhe sou alheio , e estranho. Confundido entre o vulgo , não tenho outra existencia mais , que huma silenciosa contemplação , outros estudos mais , que a meditação da Natureza , e outro mérito litterario mais , que o desejo de illustrar a Patria. E como a poderei eu illustrar ,

e distinguir com huma Arte , em que parece que as outras Nações nos levão assignalada ventagem , dando-nos tão acabados modellos de Poesia descriptiva , como julgou França as *Producções de Delille* , e julga Inglaterra as de Thomson ? Se eu não pensára , que este Poema , pela sua originalidade , pela sua elevação , e pela grandeza de seu plano , e de seu objecto , mantinha a Gloria da Nação , excedendo o que as outras neste genero de Poesia nos propõe como modellos , eu o não consagrára á Immortal Universidade Portugueza , que deve reputar seu , qualquer que seja , e onde quer exista , o homem Filosofo , e meditador do grande espectaculo da Natureza.

Lisboa 15 de Janeiro
de 1811.

A MEDITAÇÃO, POEMA.

CANTO I.

Eu existo. Quem sou ? Eu sinto , eu penso.
Em que morada estou , vasta , infinita ?
Que seres estes são , que nella existem ?
Quem de tudo o que vejo he fonte , he causa ?

Eis o brado que escuto , a voz que sôa
Dentro em minha alma no silencio e sombra
Em que todo o meu ser se immerge , e envolve ,
Quando n' hum vôo extatico me lanço
No vasto seio da alma Natureza ,
E o genio observador contempla o quadro

Em que o supremo Artifice se mostra
Nas suas mesmas producções impresso :
Recolhido em mim mesmo , eu me concentro
Neste , digno d'hum Vate , emprêgo , e estudo ;
Os mais só nada , ou sombras se me antolhão.
Guerras , armas , heróes , e o que até agora
Roma espantada ouvio , e ouvíra Athenas
D'altisonante Pindaro na Lyra ,
E magestosa Homérica trombeta ;
Do fogo ethéreo os impetos divinos
São , na voz da Poesia , a voz do Eterno ;
Elle a Lyra me deo , seus dons eu canto.

E pois tiraste a máquina do Mundo
C'hum a só voz do Nada , ó SER immenso ,
E com teu sopro o espirito creaste
No mortal pensador , meu genio inflamma ;
Tu só pódes vencer co' a luz que esparzes
De meu rasteiro entendimento a sombra :
Esta luz divinisa , eleva , accende
Os almos sons da Cithara toante ,
Que só de Gregos , e Romanos Vates
Tégora ousou seguir Canções humildes.
Desta luz ao clarão meu ser dilata
O circulo mortal ; a alma , levada
Apóz o seu fulgor , com elle encara
Luminosos relampagos , que mostra

De Tua Sapiencia o Mundo impressos.
De belleza immortal hum raio assoma
Nas tuas producções, Tu te retratas
Na inteira creação desde o momento
Em que o compasso, que sustens na dextra,
O' Creador Geómetra Divino,
Marcou aos Astros órbitas immensas,
Assignalando os térmios ao Mundo.
Do Nada eterno nos confins ignotos
Então te déste a vêr no ardente disco
Do Luminar diurno, então lançaste
No campo azul do Ceo rotantes Globos,
De espaço a espaço lúcidas safras
Por Ti da umbrosa noute os véos recamão,
Tu no seio das nuvens tenebrosas
Estendeste o listão raiado, e bello,
Faxa em que pinta a Natureza as côres,
Estandarte de paz, depois que o Globo,
Da tua dextra ao poderoso abalo,
Naufrago, e salvo repousou nos eixos.
Na primeira manhã nos Ceos a Aurora
Fizeste despontar, inda lhe entornas
Alvos lyrios nas mãos, nas faces rosas;
Duros penhascos, agras serranias
A hum teu sorriso subito se animão;
E brados são da magestade tua

Esses , que esconde o Ceo , soberbos Andes ,
Cuja cima espantosa o raio ignora.
Por toda a parte em variante aspecto
Mostra os vestigios de teu passo a Terra.
Mas onde não fulgura , onde não brilha
Teu raio avivador ? Na juba hirsuta
Do generoso Déspota das Féras
Bem te descobre o tórrido Africano :
No mosqueado dorso indoceis Tigres
Signaes daquella formosura guardão
Com que enfeitaste a Natureza inteira.
Onde não brilhas Tu ? Se as procellosas
Negras nuvens rasgadas , se os ardentes
De huma sulfurea luz fulmineos trilhos ,
Que com vapor electrico espedação
O tenebroso véo , são teus vestigios ,
Da tua dextra omnipotente as armas ?
Nada posso sem ti , se teus prodigios ,
De estranha Lyra recorrendo as cordas ,
E ajuntando-lhe os sons tégora ignotos
Aos illusos mortaes , publico ao Mundo.
Eu prêzo existo em circulo apertado ,
Onde da humana insipiencia a nuvem
Me rouba objectos mil , que os que me cercão
Indefinitos horisontes guardão.
Rasga ante os olhos meus pezadas sombras ,

Que d'alma luz reverberos me roubão ;
Tu de meu vôo os impetos dirige ;
Que gyre , abranja a Natureza inteira ,
Oh Soberano Architector de tudo.
São tuas as Canções , que Tu me inspiras ;
Sejão dignas de Ti , e eternas sejam.

Existô ; mas quem sou ? Hum grito intenso ,
Huma incessante voz dest' arte brada.
Fito em mim mesmo attonito meus olhos ,
Minha alma dentro em si se immerge e pensa ;
E , quebrado o silencio , a voz se escuta :
Ella diz , que sou corpo organizado ,
E hum de infinitos animaes , que a Terra ,
Mui carinhosa mãe , produz , e nutre.
Como elles nasço , e vivo , e cresço , e morro ;
Como elles sinto a dôr , sinto os prazeres ;
São meus iguaes nas sensações corporeas ;
A vigilia tenaz me cança , e prostra ,
E a fadiga aturada enerva as forças ;
E as mesmas forças me restaura o somno.
Hei mister respirar nos livres ares ;
Nenhum dos animaes no vacuo vive.
O calor hei mister , que a Natureza
Benigna em toda a parte espalha , e accende ;
Delle igualmente os animaes precisão :
D'agua , e terra tambem , que em mim renovão

Quanto em segredo incognito , e profundo
Consummador principio acaba , e gasta.

De tudo quanto me rodeia , e sinto ,
Como animal para existir dependo.

Mas , que pasmosa architectura he esta ,
Do corpo que eu diviso ? Augusta fronte ,
Qual Soberana , lhe preside , e manda !
Quanto me assombrão scintillantes olhos ,
Que della , quaes dois sóes , despedem luzes !
São mudos , mas interpretes fecundos ,
Lenços onde as paixões vivas se pintão :
Tòrvos , se o odio , ou raiva o peito inflamma ;
Serenos , se o prazer hum doce , e meigo ,
Orvalhado fulgor nelles entorna ;
A tristeza , o pezar , os turva , e fecha ;
Se teme o coração , com elle temem ;
A compaixão de lagrimas os banha ;
Prende nelles de amor o fogo , a chamma ;
E os faz atrozes , tremulos a raiva.
Que tecido de tunicas pasmoso !
Que lentes subtilissimas por onde
Ao centro d'alma a luz leva as especies ,
Que do vasto espectaculo do Mundo
(Insondavel arcano !) se despedem !
As brandas faces , portentoso quadro
Em que o pêjo de purpura se tinge ,

Imagem da innocencia , e da virtude ,
Da pura natureza inda hum vislumbre !
A cartilagem firme , que no centro
Do rosto se divisa ; ao fundo peito
Por ella aura vital se absorve , e expelle.
A boca , igual prodigio ! órgão pasmoso ,
Onde se fórma a voz , onde recebe
A complicada máquina o sustento ,
Que officina int'rior transmuta em sangue.
Hum coração de elastica substancia ,
(Singular estrutura !) acolhe o sangue :
Eis se dilata vigorosamente ,
E o vaza nas arterias espumante ;
E serpeando pelas fundas veias
Gyra com elle a vida. Assim rompendo
Rios caudaes dos montes cavernosos
Gyrão nos póros da fecunda Terra.
A força vegetal as plantas nutre ;
Ou moto , ou fogo os alimentos coze ,
E delles nasce o chilo nutritivo ,
Donde a vital substancia as forças tira
Nas fatigadas azas do trabalho.
Almo vigor descreve , e se dissipa ;
Torna a força , e vigor por elle aos membros ,
Massa subtil' , elastica , esponjosa
Do ar , que se introduz , se enche , e dilata ,

E comprimida logo o ar transmite :
Continua undulação , continuo moto ,
Quando tu páras , A'tropos de todo
Corta o precario miseravel fio
A' mais nobre porção do fragil corpo.
De sublimes funcções orgão profundo ,
De suas fibras o subtil composto
Do incançavel Harvey se esconde á vista ,
E Willis nada póde ; e ignota a deixa
De Spalanzani o porfiado estudo ,
Que , os véos rasgando á sabia Natureza ,
Da animal geração sombras aclara.

Desta substancia incognita se alonga
A varia teia dos sensiveis nervos ,
Que , mensageiros rápidos , n'hum ponto
Levão ao centro d'alma a idéa , a imagem
Dos externos objectos ; fundo abysmo ,
Impenetraveis sombras , de quem foge
O dom da Poesia , o dom das Graças :
Cahem das mãos os pinceis , pára assustada ,
E retrocede altiva fantasia ;
Dentro do corpo férvidos combatem
Inimigos crueis em guerra horrenda ;
Os alimentos armas lhes ministração ,
São concordes na voz , que chama a morte.
Podem acaso na feroz batalha

Os fugitivos apressados dias
Descrever longo circulo , evitando
Cachopos e parceiros , que as ondas bordão
Do procelloso mar da humana vida ?

A mão de eterno Artifice só póde r
Suster em vida o barro organizado ,
Sem que o ligeiro assopro da existencia
Se desvaneça subito nos ares.

Mas a estrutura , a força , o officio , o termo
Desta , que eu vejo , máquina corporea
Não são nos outros animaes o mesmo ?

Eu sou , e nada mais , hum desse immenso
Esquadrão de animaes , que a terra nutre ;
E posso acaso tanto levantar-me ,
Que espere huma existencia eterna , e firme ?
E não vejo cahir nas mãos da morte

A cada instante os miseraveis entes ,
Quaes do robusto segador co' a foice
Cahem pelo campo as palidas espigas ?

Pósso ; que nesta habitação de terra
Existe , mora , simplice substancia

Incorporea , immortal : assim do eterno
O quiz a immobil lei ; silencio , ó Musa ,

Tu não penetras a enrolada nuvem ,
A occulta ligação , que prende occulta

A simplice substancia á terrea massa ;

De huma , e outra a reciproca harmonia
Mistura he de concordia , e de tumulto :
A razão neste pélago se perde ;
Escuta , sente a lei , o mais ignora.
Mas desta ligação se fórma o todo
Admiravel , harmónico , perfeito.
Alternativas sensações se passam
De huma em outra substancia , e sempre ignoto
Fica o canal. Que hypótheses profundas
A clamorosa escola inventa , e fórma ,
Que mais e mais o pensamento enleião !
Do Germano Filosofo a harmonia
Nem teus delirios , teu compasso ouzado ,
O' taciturno Malebranche , podem
Densa tréva romper , que envolve o arcano.
Soltar não devo temerarias azas
Por este espaço incognito aos humanos ;
Não he dado ao mortal subir tão alto ,
Errar he seu destino , he sua herança ;
De hum pai cruel o testamento he este :
As mãos do crime as luzes apagarão ,
Qu' erão partilha da innocencia antiga.
Fito os olhos no Sol , se a nevoa o cobre ;
Minha fraca razão divisa a penas
Substancia não corporea , e della nasce
O pensamento rápido , que abrange

N' hum fugitivo instante os Ceos , e a Terra ;
Que , oppostos em diametro , combina
Objectos mil contrarios: e debalde
Fragil mortal lhe encára a natureza
Em quanto vive no corporeo alvergue.
Sei que he substancia immat'rial minha alma,
Hum tenebroso véo me envolve o resto.
Taes limites prescreve a mão do Eterno
De meu entendimento á força , ás luzes ;
Bem como á furia de encrespadas ondas
Hum grilhão quiz lançar na mole arêa:
Vem enrolado o tumido Oceano,
Toca , recua humilde , as furias quebra.
Esta minha porção etherea , e pura
Do corpo sente as rispidas cadeias ,
O ferreo imperio dos sentidos soffre ;
Assim o quiz o Eterno : em quanto unida
A incorporea substancia ao barro existe ,
Liga-se ao jugo , ás leis do sentimento ,
Soffre o prazer , a dôr , soffre a tristeza ,
Imperio indispensavel ; e sem elle
Com que indolencia arruinar veria ,
Ou aluir-se o carcere corporeo !
Soffro a pungente dôr , e então cuidadoso
O busco conservar , e á dôr me esquivo:
Eis apóz o prazer corro anhelante ,

E adoço o tédio da prizão suturna.
Se eu arrasto do corpo o ferreo jugo ,
Tambem lhe dicto a lei , livre vontade
Nunca , se quer , obstaculos encontra :
Na minha habitação do fragil corpo
Modero , se me apraz , seus movimentos ;
Dos precipicios , se me apraz , o tiro.
- Qual sobre o mar azul sabio Piloto ,
Que a vista alonga aos refulgentes astros ,
E dirige o timão com braço experto ,
E por entre escarceos de vagas negras
Leva seguro o fluctuante lenho ;
Solte-se embora o vento , e tolde os ares ,
Das nuvens desça o raio estrepitoso ,
E as ondas referendo ás nuvens subão ,
E abertas deixem vêr o escuro abysmo ;
De amotinados furacões affronta
As iras , o furor ; a Não triunfante
Tranquillo o porto , que demanda , ferra :
Tal de minha alma foi o imperio e throno ,
Assim da eterna mão surgio perfeito
O primeiro mortal : seu reino , e sceptro
Que momentanea duração tiverão !

Musa , da eterna fonte ao aguas toma ,
Não te corras em extases sublimes
De deixar por Moysés quantos d'Athenas

Os magestosos Pórticos honrarão ,
Quantos na idade das soberbas luzes
Ouvio o Sena , e o frigido Tamiza.
Ergue o mortal sacrilego sem pejo
O braço rebellado ao pomo infausto ;
Colheo , tragou , e subito de bronze
Se fez o claro Ceo , se armou de raios ;
Ficou de bronze a Terra , e apenas paga
Com mesquinha escassez trabalho , e lida :
O laço se affrouxou dos elementos ,
Gerou-se o raio , das pezadas nuvens
Sahindo com fragor a vez primeira ,
Dos estranhados Ceos cahio na Terra :
Sahio dos fundos carcerees a Morte ,
Quebrou da ferrea porta os ferreos gonzos ,
As negras azas sobre o Mundo estende ;
E , pavoroso espectro , assusta os entes ;
Seu reino tudo foi , e escravos todos ;
Abrio-lhe o Crime a estrada , e espavorida
A' vista horrenda a tímida Innocencia
Co' a Justiça incorrupta aos astros fuge :
Turba funesta de remorsos vòa ,
De par em par se abrio do inferno a porta ;
Sanguineo açoute , sibilantes cobras
Nas frentes , e nas mãos de estygias furias
Pelo assustado Mundo estalla , e silvão.

Do proprio crime a victima primeira
Dos homens fôï o Pai ; por desatino
Foi escravo do mal , foi delle a causa ;
Do cume da ventura ao centro escuro
Da miseria , e da dôr rodou n' hum ponto ,
Qual do cabeça d' aspera montanha
Cahe penhasco arrancado , e no profundo
Valle pavorosissimo baquêa.

Em sempiterno eclypse a formosura
Da Natureza entrou , mudou-se em sombra
A luz que outr' ora o rosto lhe banhava ;
E do mortal no combatido peito
Se accendeo das paixões a guerra insana ;
Cercou-lhe o coração falange horrenda ;
Liberdade , e Razão sem força cedem ,
E , anuviando o claro entendimento ,
Da servidão se apraz , seus ferros beija.
O proprio Amor desordenado , e cêgo ,
Empestada raiz dos males todos ,
No coração mortal firmou seu throno :
A multidão de indomitos caprichos
Do subtil impostor fórmão a Corte ,
Sobre a luz da Razão seus véos desdobra ;
Crê verdades tocar , tóca fantasmas ,
E abraça illuso imagens da ventura :
Mas , desfeita a illusão , só erro encontra.

Diz-lhe , que sóbe ao Templo da Memoria
Por militares feitos , e , excitando
O cégo peito á rabida carnagem ,
Faz raios do Universo o Corso , ou Cesar ;
Delirante Alexandre estreitos julga
Os limites do Mundo , e se lhe antolha
Muito apertado o circulo da Terra ;
Como captivo em carcere se aneia ,
Inda reputa numero pequeno
De seus escravos os humanos todos ,
A' fraqueza mortal redobra as forças ,
E , lisongeiro , e pérfido , derrama
No peito a embriaguez de gloria , e nome.
Surge outra furia , pálida e funesta ,
Tyranno Amor , que em vergonhosos cepos
Mete escrava a Razão : chama o Ciume
Dos afumados carceres do Inferno ;
Sahe venenosa vibora , e retalha
O mortal coração , e alli se nutre
De suspeitas fantasticas que fórma.
Rompem do Abysmo escuro as furias todas ,
A vil Cubiça , o sórdido Interesse ,
Dos vicios o mais feio a torpe Inveja ,
A quem o mal apraz , e o bem desgosta ;
He seu sustento o livido veneno ,
As armas só depõe , repousa hum pouco

Quando a Virtude , e o Mérito se esconde
Nas sombras sepulcraes : no altar da Morte
Dessangrou ella a victima primeira ;
Ao mal seguro , timido valido
Por entre nuvens luminosas sempre
Lhe faz vêr seus rivaes ; a dura espada
Do vingativo atroz sustem na dextra ,
Grita que he lei vingar-se , e que he virtude
Das almas nobres a vingança , seja
Embora a affronta vá , supposto o ultraje.
Foi destes feros horridos contrarios
Ludibrio o coração ; mesquinho escravo
O duro Imperio soffre , o sceptro beija ;
Da guerra infausta he victima ; e theatro ;
Comsigo entra em combate , se pretende
O jugo sacudir , eis se amontoão ,
Eis se embravecem mais que as turvas ondas
Quando oppostos tufões no mar peleijão ,
He delles a victoria , o louro he delles ;
O mesmo escravo então seus duros ferros
Por cumulo de horror tranquillo beija.
Só da mão do mortal são obra os males ,
Que tão crueis no Mundo o imperio estendem ;
Outra fonte não tem mais do que a culpa ;
Não são da eterna sabia economia ,
Que aos bens os misturou , que o Mundo formão ,

Sendo o mais bello dos possiveis este.

Não louvo os erros teus , Pope ; desculpa ,
Verdade pôde mais que amor das Musas ;
He falso teu systema , e grande o engenho :
Da culpa he primogenita a ignorancia ,
Della nascêrão carregadas sombras ,
Que os claros horisontes enlutárão
Da illustrada atélli Razão sublime.
Qual dos corruptos pantanos se eleva
Corrupta exhalação que a esfera abafa ,
E a luz do Sol benefico embacia ;
Foste só Rei da creação , ficaste
Misero escravo em carcere profundo ;
A doce habitação do Eden viçoso ,
Onde hum momento se firmou teu solio ,
Perdeste para sempre , errante e triste
Foste habitar nos bosques solitarios ,
Das estações ludibrio , horror da Terra ,
Que indocil a teu braço entre os abrolhos
Te deo apenas misero sustento ,
Que disputaste ás rebelladas fêras ;
Foi tua dita efémera sómente.
Qual costuma nascer na Primavera
Resplandecente o Sol , risonho o dia ,
Que subito negrume em nuvem densa
Rouba ao Sol' o clarão , e a paz aos ares ;

Tal o destino do mortal primeiro.
Nascendo vio a luz serena e pura ,
Vio-a no berço , e tumulto n'hum ponto ;
E tanto pôde em nós inda seu crime ,
Que temos por herança o mal , e a morte :
Foi para nós desterro o que era Patria ,
A hum dia d'ouro , seculos de ferro
Se virão succeder ; fechada noute ,
Profunda escuridão pousou na Terra :
De mistura co' as feras alimarias
O Rei da criação nos bosques vive .
Estado insocial , embora acclame
Teus falsos bens quimerica Igualdade
O sabio hypocondriaco eloquente ,
Que os homens aborrece , os homens busca ,
Que anheia os bosques só , e estima a Corte ;
Que adora a solidão , martyr da gloria ;
Se elle comigo nas agrestes margens
Do Amazonas medonho os homens vira ,
Nús sem cultura , barbaros sem Patria ,
Então chamára a liberdade sua
Mais penoza que o carcere , e que os ferros ,
E só menos cruel que o jugo injusto ,
Qu' esses , que elle illustrou , cobardes soffrem .
Pelo vasto sertão sem lares gyrão ,
Quaes feras brutas , só que o pasto buscão

Nos lacerados membros palpitantes
De seus mesmos iguaes , e de assustada
Doce mãe Natureza os olhos cobre ;
A fome atroz , e a gula ávida cevão.
Amortecida a luz do entendimento ,
O debil maquinal , confuso instincto
Contra a injuria do ar lhe ensina apenas
A mal vestir enregelados membros
De hirsutas pelles de animaes que matão.
Gente errante , infeliz , não sente apego
A' terra em que nasceo ; repousa , e dorme
Onde a seus olhos se esvaece o dia ,
E , quasi hum tronco a outro , o corpo encosta.
Se o Sol surgindo c'os ardentes raios
Toca os olhos ao barbaro , desperta ;
Ora hum Tygre veloz o despedaça ,
Ora elle , se mais pôde , afoga hum Tygre.
Não s'ouve hum pranto , lagrimas não correm
(Feudo , que á morte , e á dor , paga a ternura)
Quando a Parca lhe corta o fio extremo.
O cadáver esqualido na terra
Jaz , ou no ventre de esfaimado abutre ;
Nenhuma pia mão seus olhos fecha ,
Nenhuma boca os ultimos suspiros
Lhe toma , e lhe conserva : assim nos bosques
Vivêrão meus iguaes , e inda hoje vivem

Muitos que esconde a America opulenta.

Deste barbaro estado a raça humana
Foi dando passos vagarosamente
A' sociedade , barbaras usanças
Em costumes mais doces se mudárão ;
Hum moral laço os homens pressentirão :
Co' as mutuas precisões a força unida
De inimigos crueis rebate os golpes.
Este o primeiro original ensaio
Dos homens Cidadãos nas Leis seguros ;
Foi obra só de seculos , e tanto ,
Tanto se houve mister para que as luzes
Reconcentradas n'alma se evadissem ;
N'alma as tinha fechado a mão do Crime :
Bem como o fogo ardente , a chamma activa.
Jaz nos veios reconditos da pedra ,
Té que o golpe do ferro a excite , e solte ;
O Imperio da Razão viveo sem força :
Mas era em fim Razão bem como he fogo
O Sol , inda que envolto em pardas nuvens.
A successão dos seculos de todo
As sombras desterrou , e a Natureza
O grande esforço fez , quebrou seus ferros ;
A mutua precisão bradou soccorro ,
Conheceo-se o mortal ; occulta força ,
Irresistivel sympathia , os laços

Do estado social com leis aperta.
Os Entes racionaes as brenhas deixão ,
Onde entre fêras barbaras , incultas ,
Surdos á voz da Natureza estavam :
Nem do paterno imperio a lei , e o jugo
Sabião conhecer , quando do peito ,
E braços maternas se desprendião ;
Findava a dependencia , amor findava ,
Hião longe buscar pasto , e guarida.
Foi da excelsa Razão primeiro effeito
A affeição paternal , e a lei primeira ;
Ou na mesma caverna o esposo , e a esposa ,
(Dulcissima união !) e os tenros filhos
As mutuas precisões , e amor os ligão. —
A industria natural se desenvolve ;
De secas folhas , de quebrados troncos
Primeiro alvergue rustico se tece ;
Das brandas aves o mimoso ninho ,
Das fêras o covil foi seu modelo ;
Dos claros rios o Castor nas margens
Ergue , edifica rustica pontzada ,
E inuda de lugar , mudando a quadra ;
De ferteis plantas espontaneo fructo
N' hum celleiro commum se ajunta , e guarda.

Salve primeiro braço , que intentaste
Rasgar o seio da fecunda terra ,

Obedeceo-te a Natureza , e veste
A teu aceno formosura estranha ;
A teu nobre suor agradecida ,
Do maternal regaço entorna em ondas
Seus fructos , e seus dons , que os votos enchem
Dos já não féros , prósidos colonos !
Por degrãos mais , e mais a industria cresce ;
A sebe fecha os campos , defendidos
Só das feras então , depois dos homens ,
Quando Avareza vil , Cubiça insana ,
Quiz dar jús á rapina , e jús á força.
Das varias estações já sente a volta
Cultivador sagaz , reflecte , e segue
O passo sempre igual da Natureza :
Brotão das plantas fructos espontaneos ,
O estudo as forças naturaes augmenta ,
Por arte a producção se multiplica !
Crescem as precisões , e as luzes crescem ;
Em maior collisão desperta o engenho.
A' doce Agricultura o brando armento
Foi da industria mortal primeiro emprego ;
Foi segundo mister formar seus lares
Agazalhados , sólidos , seguros.
Hobbes , profundo e triste , embora diga
Aos Britanos magnanimos , que fôra
Só dos mortaes o primitivo estado

A guerra , a dura guerra , o roubo , a morte ;
Onde tudo he comunum , discordia expira ;
De todos era a Terra , e o fructo della ;
Quem vence as precisões ignora o luxo :
Depois de quantos seculos no Mundo
Este monstro voraz ergueo seu throno !
Apóz elle Ambição , Cubiça infausta
A torpissima frente aos Ceos alçarão.
N'hum campo as Tribus nômaes parárão ,
Quaes no opposto hemisferio agora as vemos ;
Então erguêrão simplicies aldêas.

A precisão foi mãi das artes uteis :
O acaso , de hum volcão no extincto seio ,
Em cuja boea seculos cahissem
Para apagar de todo o vasto incendio ,
Foi encontrar metaes ; funesto encontro !
De outro accezo volcão roubando o fogo
Sobre alizada pedra o ferro estendem.
Ah miseros mortaes ! Não foi por certo
A cortadora lamina fulgente ,
O rigido pavez , e a brava chuça
Primeira producção da industria vossa ;
Foi pezado alvião , foi lizo arado :
Tal foi do ferro o primitivo emprego.
O seio se rompeo da meiga terra ,
E em pouco se cubrio de louras messes ;

E no empinado outeiro , ao Sol opposto ,
Já vicejantes pampanos se enlação.

Estas da idade de ouro as artes forão ;
Nunca os humanos outras estudassem !
Não corrêra o Danubio envolto em sangue ,
Nem temêra grilhões inda hoje o Téjo !
A natureza então de seus thesouros
Pompa frugal fazia , então sincero
Era o sabor que as iguarias tinham :
Não manchava o mortal profana dextra
Dos animaes pacificos no sangue ;
A' vida só bastava o fructo , a planta.
Não foi por certo do nascente Mundo
Outro o frugal sustento , e só com elle
Se volvia mais pura a longa idade ;
Nem conhecia a pálida doença :
Vinha a morte , qual vem tranquillo somno ,
E cortava sem dôr da vida o fio ,
Antes que o duro cataclysmo , ou golpe
Do braço vingador cubrisse a Terra
De hum sem limites turbido Oceano ,
Que as ondas arrojou até por cima
De empinadas inhospitas montanhas :
Desatados em chuva os turvos ares
Ao mar , sem freio já , dobrarão furias :
Miseranda catastrophe do Globo ,

Qu'inda os vestigios lastimosos guarda !
São pregões do Diluvio essas , que esconde ,
Marinhas producções , no seio a Terra ;
Antes d'elle os mortaes contentes vão
Correr a longa idade alheia aos males ,
Que ora tanto o periodo lhe encurtão ,
E vagarosamente as parcas duras
Hião fiando seculos Titonios ,
Chamados immortaes na idade de ouro.
Agora , apenas saciada , a fome
Dos elementos c' o despojo apressa
O fado , então tardio , e a morte chama.

Mas rápida fugio do Mundo a scena
De huma vida frugal , risonha , ingenua ;
Deixarão debeis , enlaçados troncos
De servir de reparo á pobre aldêa ;
Das entranhas dos montes se arrancarão
Com sacrilego insulto as duras pedras ;
Foi Soberba , e não foi sonóra Lyra ,
Quem fez chegar oiteiros penhascosos ,
Como sentindo a força da harmonia ,
Para Thebas se erguer : só foi Vaidade
Quem no campo , que corta o turvo Eufrates ,
Quiz ir romper o Ceo com torre immensa ,
E os raios accender na eterna dextra.
Então lisonja aos déspotas soberbos ,

A Terra profanando , eleva aos ares
As immortaes Pyramides , que affrontão
Inda do tempo estragador a força ,
Pelas margens do Nilo , onde , transpondo
O leito natural , o campo alaga ,
E em constante periodo fecunda
A desejada messe : inuteis restos
O viandante attónito descobre
Dos troféos da Vaidade , onde o Tyranno
Poder dos monstros consumio thesouros ,
E degoladas á ambição se virão
Mil innocentes victimas , oppressas
Sob hum jugo de ferro , a cujo aspecto
A humanidade , enternecida , geme.

O engenho humano estende os horizontes ,
Quanto no estado social se apura .
Sobre as azas dos seculos as Artes ,
Como hum rio caudal , que o pezo augmenta
Quanto he mais longe da materna fonte ,
E se engrossa , se espraia , e se entumece ;
Ajudadas do Genio se apurárão ,
Perfectivel sem termo , e sem limites ,
Ao menos que a Razão marcar-lhe possa.
He nos homens razão , he douto o Engenho.
Os Fenicios primeiro se atrevêrão
Mostrar á vista as vozes debuxadas ,

E com signaes pasmosos as deixáráo
Sempiternas aos olhos , e á memoria.
Pelas sombras dos seculos não posso
Tanto ávante romper , que hum ponto marque ,
Em que dêsse principio o engenho humano
A' portentosa formação das letras ,
Que de males , e bens tem cheio o mundo :
Certo se havião já rudes choupanas
Transformado em dourados alizares ;
Da terra Oriental déspotas muitos
Tinhão sobre oppressão fundado Imperios ,
Que o tempo devorou , inda que o nome
Guardem impresso as paginas da Historia ,
Ou dispersos os membros se descubráo
Em tão vastas Metropoles , que outr' ora
Assombráráo do Nilo as longas margens
Té donde entra no mar por bocas sete.
Na doutrina do Egypto , e letras suas ,
Sacro Analysta do nascente Mundo ,
Illustrado sahio , antes que aos mares
Co' a fatidica vara as ondas parta ;
Já então sobre os marmores se vião
Esculpidos os symbolos das artes ;
Escriptura enigmatica mostrava
Da Terra o vasto gyro , e as leis dos Astros.
Quanto estender o circulo das luzes

No estado social o genio pôde !
Quanto o ser pensador he grande , he nobre !
Pôde chegar do rustico tugurio
Por progressões sem número ás soberbas
Muralhas de Babel , de Tyro ao fasto ,
E aos Gigantescos Pórticos , que aos olhos
Do viandante attónito , e confuso ,
Mostrão na arêa os restos de Palmyra ,
Do rustico Pastor guarida apenas ,
Que á sombra melancolica das pedras
Rouba aos raios do Sol tímido armento.
Eis o luxo das Reis , dos Reis a pompa
Que os thesouros dispensa , o premio , a gloria ,
Aos miseros mortaes lançou cadeias ,
De seus caprichos fez escravo o Genio ;
Mas desta escravidão nascêrão tantos
Monumentos das Artes , e prodigios ,
De hum genio creador , que os livres vãos
Deo pela esfera das sciencias todas.

Campos de Senaar , onde orgulhosa
Levantou Babylonia a frente aos ares ,
Ou sois primeiro , ou sois hum berço antigo
Da sciencia , que os Ceos contempla , e mede ,
Que o gyro marca dos fulgentes astros.
Do indagador á vista a Natureza
Alli mostrou primeiro o seio immenso :

A' vaidosa Semiramis o genio
Em grandes producções pagou tributos.
Mas basta-me o paiz, que o Nilo alaga;
Nelle contemplo, e estudo a especie humana,
E me sei conhecer na origem minha,
No meu progresso, e cumulo perfeito:
Primeiro agricultor, depois ouvindo
A eterna lei da sabia Natureza,
Que ao social estado os homens chama.
Alli vejo o mortal, alli se escuta,
Da universal vontade o brado augusto;
Esta a primeira lei que o vicio pune,
E que a virtude, e o mérito premeia,
Que o privado interesse ao bem do todo
Manda sacrificar: alli das Artes
Ao Templo excelso as bases se lançarão,
Alli forão subindo, alli de todo
No maior lustre os seculos as vírão;
O Persa adorador do Sol, ou fogo,
Veio ao Nilo buscar luzes mais claras;
Talvez co' as armas de Sesostris fossem
Té do adusto Oriente á plaga extrema.

No estado da opulencia, e da victoria,
Vasta imaginação desprega os vôos;
Nas obras dos mortaes provas existem
D' hum Immortal Espirito sublime,

Qu' o taciturno Atheo rebate , e chama
Hum mais perfeito instincto , e mais activo ,
Qu' esse que mostrão brutos uniformes :
Eu hum delles não sou , lampeja , e brilha ,
A imagem do Immortal sobre meu rosto :
Imaginar , crear , são dotes d' alma ,
E não do inerte mechanismo effeito.
Thebas , Thebas immensa abre cem portas ,
Que aguerridos Exercitos vomitão ;
Do seio á terra os marmores se arrancão ,
E o braço do mortal os afeição
Em pedestaes , que sólidos sustentão
Esfinges , Bustos , respirantes bronzes.
O viandante obstupefacto observa
Inda os restos do lago em que encerrado
O trasbordante Nilo hum mar formava ,
Cujo espantoso circulo parece
Ser obra só das mãos da Natureza ,
Não da industria mortal , e humano esforço.
A ferrea mão dos seculos vorazes
Não pôde inda (qu' injuria !) a massa eterna
Desfazer das Pyramides soberbas ;
Restão pedaços só da immensa Thebas ,
Jaz sobre o culto Egypto agreste Egypto ,
E do sabio Antiquario a mão teimosa
Das incultas arêas desenterra

Cem columnas de pórfido lascadas ,
Restos d' antigos Porticos ; hum delles
Vale , ó Roma immortal , tudo o que a furia
Do Godo assolador em ti deixára ,
Ou que em ti deixa o Vandalo do Sena ,
Montão de estragos , Templos sobre Templos ,
De teus monstros , teus Reis vaidade , e luxo.
Volveis grãos de tórridas arêas
De Amasis , Méris , e Sesostris cobrem
Os aureos paços , aqueductos , tudo ;
E as immortaes Pyramides disputão
Ao Mundo a duração , fanaes eternos
Pelas sombras dos seculos plantados.
No Egypto as Artes perfeição tiverão ;
Mas estas Artes tem seu fado , e morte ;
Da gigantesca architectura apenas
Se desenterrão miseraveis restos.

Só perduraveis são , são quasi eternas
As luzes da Sciencia. As bases firmes
Da Geometria ao Templo se lançarão
No portentoso Egypto : estudo augusto ,
Que abre da inteira Natureza as portas ;
Sem elle , nem do Sol se mede o Globo ,
Nem sem elle poderá achar dos astros
As sempiternas leis profundo Kepler ;
Até com elle o Sabio ousa lançar-se

Na vasta elypse excentrica do triste ,
Inda encoberto a nós , Cometa errante.
Se eu Geómetra sou , não he materia
Isto que pensa em mim , que eu sinto , e ignoro.
Celeste Geometria , he filha tua
Contempladora lente , que examina
Do humano corpo a fabrica pasmosa ;
Util sciencia , que suspende á morte
O passo acelerado , e que dilata
Da fragil vida a têa quebradiça ;
Sem ti , no Templo das Sciencias todas ,
Não queria Platão , que ousado entrasse
O Ente racional , tu só mostraste
As leis , que observa em movimento o corpo
Ao martyr Galileo ; Buffon contigo
As épocas marcou da Natureza.
Comão embora os seculos vorazes
(Immensa perda !) os calculos , as linhas
De extatico Apollonio , o aureo compasso
De Viviani abriste , eis salva intacto
O que a idade voraz roubára ao Sabio.
Tu sómente ao Filosofo demostras
Quanto sobre o nivel de extensos mares
Se levantem ignivomos cabeços ,
Que d'atmosfera nos limites guardão
Eterno o frio gêlo , eterna a chamma ,

Quaes Bridone foi vêr no Etna abrazado.
Contigo ao lado seu , Piloto insomne ,
Por entre hum mar cruzado em noite horrenda ,
A vêr hum Mundo antipoda , seguro
Leva o fragil baixel , e observa os astros.
Até contigo em pélago profundo
De sombras methafysicas se lança
Muito audaz Espinoza ; errando he grande :
Tu és a prova da grandeza humana ,
E quem seja o mortal tu me annuncias.

Da Sciencia os reverberos convergem
No Ente racional , entra em si mesmo ,
Aprende a conhecer-se , e lê gravada
No centro da sua alma a voz do Eterno ,
Que tu , Revelação dos Ceos , fizeste
Depois mais claro ouvir , voz que publica
A lei , que huma só vez dictára aos homens.
Nunca foi outra a lei da Natureza ,
E da austera Moral o grito he este ;
Indomitas paixões ella encadeia ;
Entre o bem , entre o mal limites marca ;
O honesto determina , o torpe odeia ;
Ella a espada firmou nas mãos de Themis ,
E lhe equilibra imparcial balança ;
Digna sciencia só do estudo humano ,
Que em laço estreito prende o Ceo , e a Terra ,

Qu' á Ambição delirante , á vil Cubiça ,
Faz sentir , conhecer pezado freio.

Quanto pôde atinar o engenho humano
Co' as sendas da Verdade , e da Virtude ,
Antes que a luz do Ceo marcasse o trilho ,
O Egypto possuio ; dalli surgirão
As doudas gerações , que a Grecia douda
Abrihantárão com saber profundo.

Grande no Egypto foi , maior na Grecia
Se descobre o mortal , e aqui mais claro.
Vejo o meu ser , aprendo a conhecer-me ,
C' o pensamento rápido passeio

Nas salas de Platão , já de Epicuro
Oo viçosos Jardins contemplo , e vejo
O Pórtico da Estóá , o de Académo
Frandoso bosque ; accezo enthusiasmo
Se apodéra de mim , rasga-se a nuvem ;
Em supremo esplendor vejo a Sciencia ,
Aili firma seu throno , empunha o sceptro ;
Vencem Artes alli ; do Egypto ás Artes
Na magestade gigantesca cedem ;

Mas vencem na belleza , em gosto vencem :
De Corintho os cinzeis respirão vida ,
Animão bronzes , que o Guerreiro indouto
A cinzas reduzio ; Zeuxis , Apelles ,
Rivaes da Natureza , aos olhos fallão

Na portentosa Poesia muda.
E tu, das Musas magestoso alumno,
Tu, pai, tu, creador de eternos versos,
Quanto seja o mortal inda hoje mostras,
Teus quadros, teus pinceis respeita o Mundo,
Entre o medonho estrepito das armas
Ao soberbo Alexandre os olhos prendes;
A teu sublime engenho a Natureza
Sem véos se descubrio, mostrou-se toda;
Eu te pôsso seguir, vencer-te nunca;
Tu podeste pintar do Mundo o quadro;
Conhecello inda he mais, a fantasia
He menos que a razão, e he mais que os versos
O saber do Filosofo profundo.

Dilatados sem fim na Grecia vejo
Do esp'rito humano os vastos horisontes.
Da etherea, da immortal substancia da alma,
São prova as Gregas producções sublimes,
Não he dado ao mortal subir mais alto,
Suspende-se onde o mais he cégo abysmo;
Intransgredivel termo ao ser pensante
Seu Author prescreveo. Cook atrevido,
Assim do clima austral rompendo o seio,
Só pára, e torna atraz c'o lenho ovante,
Quando de eterno gelo, e sombra eterna,
Barreira insuperavel se lhe antolha!

Dos mundos ideaes a esfera abrange
Platão , encara ouzado a essencia d'alma ,
Chega dos Entes á fecunda origem ,
Pára , e conhece hum Deos , quanto sem sombras
Do Mundo no espectáculo se mostra ;
Parte do véo que encobre a Natureza
Aos olhos d'Aristoteles se rasga ;
Porém passar dos Pórticos não pôde ,
Que só foi dado a ti , Britanno , ou Anjo ;
Mas passo a passo o humano entendimento
Em seus occultos labyrinthos segue ;
Conta dos Ceos brilhantes meteóros ,
Inda que ignore a causa , observa o effeito ;
Pela aturada analyse descobre ,
Arcanos mil , que a Natureza esconde ;
As luzes filosoficas ajunta ,
Enérgico pincel , que exprime ao vivo
Quanto depois Buffon mais douto anima
Dos animaes no quadro portentoso ;
Leis aos Vates dictou , e ao mais sublime
Dom que aos humanos déra a Natureza ,
A' Eloquencia , tambem prescreve as regras ,
Dirige o coração , fórma os costumes ;
Seus escriptos moraes da especie humana
São honra , são braços. E , já não vivo ,
Por mais de vinte seculos occupa

N' hum imperio servil da Escola o throno.
O moto vario dos rotantes Globos
Encontra Filoláo , e elle o primeiro ,
Que o Sol , astro central , declara immovel ,
E nos pequenos , luminosos pontos ,
Que recamão da noute o véo sombrio ,
Descobre ardentes sóes , descobre centros
D' outros ignotos planetarios mundos ;
E , em quanto gyra no profundo espaço ,
Sequaz do honesto , e rigido Cleantes ,
Dá mais uteis lições , virtude inspira :
Foi della imagem Sócrates , foi della
▲ magnanima victima , que a morte
Entre os dons collocou da Natureza.
Da fonte da Sciencia as Artes brotão ,
Que os tragadores seculos respeitão ;
He já pequena Aldêa , ou cinza Athenas ,
E abraça envolto em lagrimas Delille ,
De pó cubertas , Dóricas Columnas ,
Do Templo de Minerva inuteis restos ;
Mas inda as azas pelo ethereo espaço
Altisonante Pindaro sacode.
Longe d'elle não vão , e ao Pindo sobem
De Mitylene os inclytos alumnos ;
Alceo , que os hymnos immortaes entôa ,
Que segue , ou vence o Vate de Venosa ;

A desditosa Sapho , amor das Musas.
Com fluctuantes roupas magestosas ,
Com tórvo aspecto , na sanguinea dextra
Com buído punhal , sombria , e triste ,
Levanta a voz d' Eurípides a Musa ,
Pinta o fado dos Reis , da Sorte os golpes ;
E do Vicio os baldões , e o torpe aspecto ,
Festival Aristófanes dibuxa ,
E nos seus quadros naturaes ainda
O Vicio se divisa , e se confunde.
Luzes , trovões , relampagos brilhantes
Da boca fecundissima desfecha
Assustador Demósthènes , e salva
Do precipicio a Patria vacillante ;
No throno assusta os pálidos tyrannos ,
A soberba a Filippe , e as armas quebra :
Só destes loiros a Eloquencia pôde
Cingir , ornar , victoriosa frente !
Tanto a esfera mortal s'estende , e illustra
Entre o Grego saber !

Como em polidos
Cristaes , que unio Buffon , do Sol a chamma
Reverbéra mais forte activa , e clara ;
Da avassallada Grecia assim ressurte
No vasto Imperio da Potente Roma
Luz , que espalhou revérberos mais vivos.

Roma vence em poder , e em letras vence ;
Té onde altivas , fulminantes Aguias ,
Levão de hum Povo Rei o nome , e as armas ,
Penetra , e brilha da Sciencia o lume.
Qual dos Guerreiros seus na excelsa fronte ,
Co' as triunfantes mãos não prende , e enlaça
O loiro de Minerva , e o de Mavorte ?
Quem ha , que opponha a Tullio a Grecia , o Mundo ?
Este o brazão maior de especie humana.
Tu mesmo , ó vão Lucrecio , e tu , Vanini ,
Vê se a materia combinada pôde
As grandes obras produzir d' hum Tullio !
Mais que nenhum mortal entre ellas vive ,
Se , de Consul a purpura arrastrando ,
Magestoso na voz , no gésto augusto ,
Nas mãos de Themis encadeia os raios ,
E os inflados réos salva da morte ;
Se invectivando hum déspota sustenta ,
Da vacillante Patria a liberdade ,
Nem Górgias , nem Demósthenez tiverão
Tanto dos labios seus pendente o Mundo.
Mas inda mais em Tusculo o respeito.
Na boca de Platão tinham deposto
Seus doces favos Atticas abelhas ,
Com brando eloquio amenisando austeras
Varedas da Razão ; profundas luzes

Cercário de Aristoteles a mente ;
Ambos excede Tullio , e excede a todos ,
Quando entre heroes , e Consules disputa.
Eis apóz elle do modonho Nero
O generoso Mestre , o sabio , o forte ,
Que he só menos que Tullio , e mais que todos :
De Zeno , de Xenócrates austero
Alumno , e vencedor no engenho , e vida ;
Mais sublime que Socrates na morte.
Tullio me assombra sim , mas tu me ensinas ,
O' doce emprego das vigalias minhas ;
Tudo o que sou te devo ; e se a fortuna ,
Avara para mim , risinho encáro ,
Se muito abaixo da voluvel roda
Existo por estado , e muito acima
Por coração magnanimo me elevo ;
Se os bens , se os males seus desprezo , e pizo ;
Se as solidões da Lybia , e o Téjo ameno ,
São para mim morada indifferente ;
Se eu posso livre ser , captivo , e prezo ;
A teus escriptos immortaes o devo ,
A' mente luz me dão , valor ao peito ,
Inda mais que Theofrasto , e mais que o mestre
Do barbaro oppressor da Persia , e Tyro.
O mais douto Pintor da Natureza
Lhe indaga , e descortina o seio augusto ,

Quando impéra Trajano , existe Plinio ,
Honra o Monarca o throno , o Sabio as Artes :
Inda por entre as nuvens globadas ,
Que exhala de Vesuvio a horrenda boca ,
A magestosa sombra se me antolha ,
Inda do grande Plinio a imagem vejo ;
Traz sobraçado o inclyto volume ,
Co' a dextra aponta á torrida garganta ,
D'onde a chamma sulfurea aos ares rompe.
Eu fui , lhe oiço bradar , da Natureza
Incançavel interprete , e ministro ,
E a victima tambem ; e a seu sacrario
Fiz avançar Buffon , mostrei-lhe a estrada.

Não me assombro de vêr em Roma tantos
Arcos , Templos , Pyramides , Columnas ,
Não prende a vista a hum Vate a pompa , o luxo ;
Apraz-me o homem vêr o ambito immenso ,
Ou vasta esféra das sciencias todas ,
Quasi á suprema perfeição levadas.
Os sons da Poesia , eternos loiros ,
Quantas frentes alli cingem , coroaõ ?
Foste o primeiro tu , cantor do Acaso ,
Quem ao Pindo levou Filosofia ;
Podeste-lhe ajustar Latinos cantos ,
E és sublime no abysmo em que te engolfas ,
E's rival de Demócrito no Tybre ;

Em magestade , em graça , em sons cadentes
Venceste o Cysne , que primeiro á Patria
Transplantar pôde as Palmas de Iduméa.
Enche Roma co' a voz , co' a fama o Mundo ,
Falla á razão , e Homero á fantasia.
Anacreonte , e Pindaro se enlaçam
N' altisonante Lyra de Venosa ,
Que a dura lei de Libitina evita.
Frias aguas do Tanais se suspendem ,
Duras margens do Ponto se amenisam ,
Se a maviosa voz levanta Ovidio ;
Nella se exprime Amor , e as Graças chorão ;
Só de astuto tyranno o peito he surdo ,
E , o que a Cinna abraçou , desterra hum Vate !
E tu , Cysne immortal , que excedes todos ,
Em cuja mente excelsa a Natureza
'Todo o thesouro derramou das Musas ,
Encobrem tuas magestosas sombras
Hum luminoso Ceo : rasgão-se as nuvens ,
E mil astros , mil sóes subito brillão ;
A densa escuridão realça as luzes.
Os tristes sons da lúgubre trombeta ,
A magestosa dôr , a morte , o Averno ,
As Furias , os punhaes , Jocasta , Edípo ;
Na pyra fraternal as discordantes
Chammas em sedição , de Jove os raios ,

Que abraza impio mortal , que ousa a combate
Os Numes provocar , aos Ceos te elevão ,
O' portentoso Estacio , e te merecem
De mais subido Vate o timbre , e a gloria :
Jámais te volvo as paginas divinas ,
Que em mim não sinta derramar-se o fogo
De impetuoso , audaz entusiasmo ;
Pope te quiz verter , Pope não pôde ,
Do Vate do Tamisa he pobre a lingua ;
Se em Britanicos sons se escuta Homero ,
Nem mente que te iguale , ou lingua existe.

Miserandas catástrofes os thronos
Deixão no abatimento , em cinzas deixão ,
E se hum braço escondido ás Monarquias
Fixa o termo da gloria , e decadencia ,
Tambem suspende o seculo das luzes ;
Manda as sombras , retrógrado caminha
Para o barbaro berço o esp'rito humano :
Finda o poder de Roma , as Artes findão ,
Aos Brutos , aos Catões , a Tullio , a Cesar ,
Succede a escravidão , succedem trévas.
Do solitario Volga eis vem sahindo
Duros filhos de Marte , e da Ignorancia ;
Lampeja-lhes na dextra o ferro irado ,
E o mesmo braço , que mutila os bustos ,
Chega a tocha fatal , reduz a cinzas

Do Pindo as producções, do Mundo os Mestres :
Quasi no estado insocial parece
Qu'entra outra vez de novo a especie humana ;
Sombra espessa pouzou na culta Europa,
Sombra, que muitos seculos não rompem.

Porém, qual vemos que de pardas nuvens
Cala o Sol mais brilhante, e aclara o dia,
E qual se observa de abafado incendio
Desprender-se mais viva a labareda ;
Assim rompe dos carcereiros sombrios
A enlutada Razão, e as nuvens rasga ;
Reconcentrado o espirito se expande,
O mortal se conhece, e os ferros quebra.
Bem como offusca o Sol vulgares astros,
Qu'absortos no esplendor aos olhos fogem ;
Tal da nova Sciencia o raio accezo
Da douta Grecia, e Roma a luz excede.
Tu, Petrarca immortal, tu déste o aballo,
Góthicas sombras afugentas, tiras
Do frio pó do torpe esquecimento,
Aureos volumes que a Sciencia guardão,
Qu'outr' ora honrará o Tybre, honrará Athenas.
Vinde illustrar meu canto, heroes famosos,
Nomes só dignos de existir na Terra,
Vós, Gregos, que fugís da furia insana
Do Scyta assolador, á Hesperia vinde,

Por vós o Genio da Sciencia aguarda ;
Vinde accender na Etruria ó facho extinto.
A aviltada Razão já sóbe ao Throno ,
A barbarie dos seculos se muda ;
Qual he , qual póde ser o homem se mostra.
O brilho , que não vio nas Artes bellas
O douto Egypcio , o Grego delicado ,
Dentro em seu vasto seio observa Roma.
Da muda Poesia o Genio surge ,
Rival da Natureza ; inda mais bella.
A mostra Rafael ; corrida e triste ,
Manda que a vingue a Morte , e a Morte a vinga ,
E corta em flôr os preciosos dias :
(Lastimoso troféo !) mas vive eterno
Entre os raios de luz , que hum Nume esparge
No cume do Thabor , e hum Deos se mostra.
Das ruinas , dos túmulos d'Athenas
Surgem caladas invejosas sombras
De Fidias , de Miron , de Praxitéles ,
E com ciume os marmores , os bronzes ,
Quasi vem respirar , quasi mover-se.
Na face de Moysés fulgura a chamma ,
Todo cheio d'hum Deos , c'o braço erguido ,
Parece que divide ao mar as ondas ,
E que em doce liquor transforma as pedras.
Tanto póde hum cinzel nas mãos das Artes !

Muito mais da Sciencia as luzes podem :
Profundo Galiléu , robusto Atlante ,
Sustenta novos Ceos , mostra mais Astros ;
Da Natureza nos abysmos planta
Luminoso faual ; seguem-lhe os vôos ,
O que entre sombras Bátavas s'esconde ,
E livre , a seu sabor , suppõe no espaço
Agitadores Turbilhões dos Mundos ,
E o douto filho da celeste Urania ,
Qu' á indómita Albion deo nome , e gloria.
De polidos cristaes em tubo obscuro
(Feliz disposição !) rasga as cortinas
Em que por tantos seculos esteve
Envolta a Natureza , e os solitarios
Campos azues dos Ceos se mostram cheios
De não vistos té alli rotantes Globos.
Cassini empunha o tubo , ao vasto espaço
Mais estende os confins , mais cresce o Mundo ;
Inda o termo não vê , não vê limites
Do palacio , que hum Deos fundára aos homens.

Fez a Sciencia domador das ondas
O homem , que , apezar do vento insano ,
Corre em cavada faia , e já rodêa
D' hum lado , e d' outro lado o mar , o Globo :
De hum novo Continente as praias toca
Resoluto Colombo ; heroes , ou tigres ,

Sobre armigeros lenhos esquipados
Vão cevar-se apôz elle em oiro, e sangue;
Deixão sem magoa ingenuos habitantes
Nas mãos do vencedor ricos thesouros,
Rubins accezos, pálidos topazios,
São pedras no Perú, na Europa Numes:
E aquelles sabios naturaes nos davão
Por hum só alvião quantos esconde
Metaes o Potozí. Mas destes males
Maiores bens a Providencia tira;
Hum só laço preudeo dois hemisferios,
E são communs as producções dos Mundos.

O homem pensador sua luz estende
Com maior progressão; a esfera passa
Onde preside o Sol, e os Astros mede;
Da complicada máquina do Mundo
Observa as leis, calcúla o movimento,
E os pasmosos fenómenos penetra,
Que ostenta em vasto quadro a Natureza;
Vence Archimédes, Apollonio, Architas,
Nos mysterios do calculo profundo,
Que força a descobrir-se a Natureza:
Mostra o poder dos simplicies, que applica
Ao corpo enfermo a mão da Medicina;
E, pelo fogo ardente, as qualidades,
Os elementos decompõe dos corpos;

E do composto humano os frageis órgãos,
Complicados em si, nos conta, e marca;
N'hum só raio de luz encontra as côres,
Dellas he causa refração pasmosa;
Do ar o pezo, incognito segredo
No Lycêo d'Acadêmo, e de Stagira,
Mostra principio de milagres tantos,
Que a Natureza aos olhos descubria,
Guardando sempre a causa. Inda mais ousa
O homem descortinar, o Ceo transpouder
Contempla a immensidade, observa o todo,
E no profundo deste abysmo augusto
Profundo explorador seus olhos fita;
Mas, deslumbrado, attónito, suspende
Junto do abysmo immenso o passo ousado;
Sente a Divina Essencia, isto só basta.
Hum termo está prescripto á mente humana,
Além delle sómente existem sombras,
Caliginosa escuridão profunda,
Que em roda do seu throno o Eterno espalha.
O homem de novo abrange a vasta esfêra
Das bellas Artes, das Sciencias todas;
A força triumphal d'alta Eloquencia,
Qual Athenas sentio, qual Roma outr' ora,
Do decimo Leão no Imperio brilha;
E de Luiz Magnanimo aos acenos

Surgem novos Demóstheneſ , e Tullios ,
Surgem Virgílios , Píndaros , Horácios ,
Cujá escałdada fantasia excede
Da Grecia , e Lacio antigo , a gloria , o nome ;
E as doudas Musas de laureis circundão
Vates , que ao lado vão do grande Homero ;
(Talvez lhe deixem duvidosa a palma :)
Entre a sombra dos seculos só fica
Intacta , sem rival a magestade
Do altisonante Estacio ; inda que avultem
Vates em genio , e fogo a par de antigos .
São levantadas íngremes montanhas ;
Mas elle , qual Atlante , as nuvens rasga ,
E n'hum Ceo mais subido esconde a frente.

Não pensa o homem só , mas cria , e tece
Na vasta fantasia imagens vivas ,
Sabe emprestar-lhe o colorido , as graças ;
D'hum Ser , que nasce eterno , a prova he esta .
Oh ! quanto me levanto , e quanto excedo
Os brutos animaes ! Se a tuba escuto
Do Cantor de Goffredo , eu sinto os olhos
De burbulhantes lagrimas turvados ,
Ao vêr d'Erminia triste o amor , e os trances :
A palidez se entorna , e falla o susto
Nas minhas faces trémulas , ouvindo
D'Olindo , e de Sofronia a magoa , o fado .

D'outr'arte o coração bate em meu peito,
Eu d'outra arte respiro, ouvindo os éccos,
Que do Inferno o grão Déspota me pintão
Alevantando o corpo do sombrio
Pélago horrendo d'abrazado enxofre,
Qual bronca, alcantilada penedia
S'ergue do seio do profundo Oceano;
Treme-me o corpo, eriça-se o cabello,
S'escuto o silvo á Serpe desmedida,
Qu'a afogueada mão por Sceptro empunha,
Vendo sahir da cavernosa boca
Horrendos turbilhões de fumo, e fogo,
Quaes do Ecla, ou do Vesuvio exhala o seio.
Maravilhoso quadro, quanto excedes
Os do Vate Esmirnêo! Mas quanto pôde
A creadora fantasia, o genio!
No grão Cysne do Téjo absorto admiro,
Sigo co'a vista os lenhos atrevidos,
Que vão da Aurora devassar o Imperio;
Ferventes mares, soltas tempestades,
Mais do que he dado á humana valentia,
Tem contrastado indómito; mas chega
Ao padrão tormentoso, onde, indignada
Da mortal ousadia, a Natureza
Mandava suspender o esforço humano:
O ar se turva, e fecha, e foge o dia,

E os véos da escuridão desdobra a noute ,
Recresce o vento em furacão medonho ,
Encapela-se o mar , e em fiôr rebenta ;
Os sulfureos relampagos , que aclarão
De espaço a espaço os negros horizontes ,
Mais das trévas o horror ao nauta afeião :
Eis que do seio da quebrada nuvem
Envolto em ferrea luz rompe hum Fantasma :
Ao vêllo a voz se prende , as carnes tremem ;
Tem firme os pés no fundo do Oceano ,
E alça no imperio dos trovões a frente ;
Cahe-lhe na espadua a grenha enimaranhada ,
Como os bosques no Caucaso , ou no Tauro ;
De aterrador Cometa a luz medonha
Nos encovados olhos lhe chammeja ,
Da hirsuta barba as ondas empessadas
Lhe cahem no peito ; e , levantando féro
O esquerdo braço , do vedado Oriente
Mostra a chave suspensa , e em vão buscada .
O denodado Gama as mãos triunfantes
Ao fadado penhor lança , e vencido
Deixa o monstro cahir já frouxo o braço :
Os grossos mares tímidos amainão ,
O tufão se desfaz , e os ares brilhão .
Já deixa atraz o Promontorio infausto ,
Põe no accezo Oriente o Gama a prôa ,

Dá thesouros ao Mundo , a Lysia Imperios.
Em vão , já guarda inutil do Oceano ,
Brame o Monstro fatidico , e descobre
Dos destinos reconditos segredos ,
Expõe tristes desastres , que inda esperão
Os Heróes immortaes , que as Lusas Quinas ,
Nas margens hão de erguer do Hydaspe , e Ganges ;
Porém debalde exclama , as Nãos triunfantes.
Engolfadas no mar já tocão perto
Praias não vistas das Romanas Aguias.
Inda de todo a humana fantasia
Neste assombroso quadro os horisontes
Não tocou derradeiros ; he mais vasta.
Quem lhe assignala hum termo ? O imperio d'alma.
Incircumscrippta força lhe descubro ,
Se o Britanico Homero aos astros vòa.
Sobre as azas de Cantico Divino ,
Quando do fundo pélago abrazado
Faz sahir Satanaz , e os gonzos quebra
Da grão porta do Aysmo , e opposto aos monstros ,
Que o medonho vestibulo guardavão ,
Das sombras infernaes já livre , os vãos.
Sólta por entre as órbitas dos Globos ,
E junto ao Sol passando o Sol se enluta ,
E com central eclypse assusta o Mundo.
Da humana fantasia imperio immenso !

Mais extensos seus térmios descubro,
Se, Klópstóck immortal, teu canto escuto,
Quando assombradas as Esféras todas,
Do Mundo ao Salvador Canções entoão!
Da etherea parte, que me anima, e rege,
Tal vejo a condição, tal vejo a essencia;
E, se he capaz de intellecção profunda,
He propria de meu ser moral virtude.

Mais facil he sondar o turvo Oceano,
Correr, medir o solitario espaço,
Onde por muitos seculos não acha
Na marcha sua obstaculos hum Globo,
Que vêr meu coração; pezadas sombras,
E triplicados véos o envolvem sempre;
Se nelle os olhos fito, observo horrores,
Depois que a culpa ao mal déra principio.
Qual deixa o crepitante accezo raio
C'o subitaneo golpe estrago, e cinzas,
Sem magestade, e pompa alto Palacio:
Tal ficou c'o primeiro horrendo crime
O humano coração. Debalde, ó Sabios,
Outra origem buscaes dos males todos;
Indómitas paixões dalli brotárão,
Nelle o throno firmou Discordia, e Guerra;
Ficou revolto mar, que apenas goza
De momentanea calma; os furiosos

Sopros levantão vagas tormentosas.
Qual montanha ficou , que o fogo ardente
No escuro abysmo das entranhas guarda ,
Que d'alta cima trémula , e convulsa
Ignea lava arremeça , igneos penhascos ;
Assim rompe o volcão , que o Vicio atéa :
Azas á Morte deo , deo força á Morte ,
Elle alli se alimenta , alli renasce ,
Tira dos golpes seus vigor , e vida ,
Qual Hydra , inda que o ferro embeba Alcides
Na livida garganta ; céga audacia
He sua producção , e insulta , e piza
O pudor innocente , que outras armas
Não veste mais que lagrimas , e gritos.
A sórdida Cubiça , que devora
A substancia do misero pupilo ;
Que , a Terra profanando , até lhe rasga ,
Faminta d'ouro , as lôbregas entranhas ;
A sombria Calumnia , envolta em nuvens ,
Dalli seus negros tóxicos vomita ;
A Vingança atrocissima , que embebe
No seio do inimigo incauto , inerme ,
(Paixão das almas vís ,) punhal buído ;
A embuçada Traição , que o rosto esconde
No ingenuo véo da candida Amizade ,
E supplantando o Mérito , a Virtude ,

Ora embarga á Verdade o passo ao throno ,
Ora sobre hum rival prostrado , e morto
Levanta o busto da fortuna propria :
Da triste Humanidade ultraje eterno !
Mais que hum diluvio assolador flagello ,
Revólta , enlata , despeva o Globo
Nunca farta Ambição. Tinha enramado
Cesar a frente de viçosos louros ;
Tantas palmas colheo , que , já cansada ,
Mal lhe sustinha a dextra o pezo infausto ;
Co' a fama de seu nome , ou seus estragos
Tinha o Mundo em grilhões , e Roma em susto ,
E aos Britanos , que o mar divide , e guarda ,
(Nunca cegado fosso a Gallia agora)
Os ferros quiz lançar. Soou no Eufrates
O espantoso trovão , voou qual raio ,
Qual a morte , voou do Calpe ao Nilo.
Tão dilatado Imperio estreito julga ,
Se as cadeias fataes não lança a Roma ;
Céga Ambição lhe diz , que o ferro encrava
No livre seio á Patria ; este o fantasma
Que lhe manda cortar vedadas ondas
Do fatal Rubicon. Já corre o sangue
Do peito de Pompeo ; Utica encerra
As cinzas de Catão ; nas mesmas cinzas
Envolta jaz a Patria , a Liberdade ;

Do escravo da Ambição he Roma escrava :
Entre escravos tão vís só Bruto he livre ,
Alça o punhal demócrata , que vinga
Do Mundo a escravidão , de Roma a injuria.
Se quebrantasse das paixões as furias ,
Cesar , não monstro , mas chorado , e livre ,
Pelas sombras do tumulto entraria.
Romana Liberdade , ó lei sem força ,
A Ambição te supplanta , e della nasce
A dura aluvião dos males todos ,
Que Roma então sentio , e o Mundo agora !

Infructuosa dôr ! Debalde intento
A's ferozas Paixões pôr jugo , e freio ;
Não são alheias do mortal , mas forão
Tiradas do equilibrio ; a mão do Crime
Mudar as pôde em Déspotas soberbos :
Se a Razão as modera , então se tornão
Instrumentos da vida , e da ventura ;
Assim sujeitas , e concordes erão
Do primeiro mortal no peito ingenuo
No estado da innocencia , antes que a Culpa
Do Rei da creação fizesse hum servo.
Extinctas as paixões , profundo somno
Dos membros sociaes eis se apodera ;
Em vapores lethargicos se enervão
Força , virtude , industria , actividade :

Tal ondeante labareda sóbe
Em quanto na materia o fogo prende ,
E , se acaba a materia , o fogo expira.
Sabio dominio das paixões ministra
Calor ao coração , luzes á inente ;
Por fixo , immovel pólo então se julga
O bem da Sociedade , o bem da Patria ;
Contra os Tyrannos vís a Gloria leva
O intrépido Guerreiro , e d'ouro o preço
Faz affrontar os ventos , e as borrascas ;
Ata com laço estreito o Hydaspe , e o Téjo ;
Das riquezas o amor , e o moderado
Desejo de saber levanta o Sabio ;
O amor da fama os Vates esporêa
Por fragosos atalhos , que conduzem
Ao mais alto do Pindo. E quanto estudo ,
O' versos , me custais ! Com vosco o dia
Me encontra quando nasce , e quando morre.
Ora que a sombra , que o silencio abrangem
A abobeda do Ceo , da Terra o Globo ,
Eu roubo á noute as horas do repouso ,
A solidão me apraz , e , alheio ao Mundo ,
Entre o fragor da guerra escuto as Musas ;
Fôra imperfeita morte esta existencia ,
Se eu não vivêra assim , sepulcro fôra.
E quem me torna extatico , e me leva.

Aos Ceos , contemplador de Mundo , e Mundo ?
Hum desejado nome , e inutil brado ,
Que sôa sobre o tumulto , que a cinza
Dentro da campa lugubre não ouve.
Se hum austera virtude enfrêa os monstros ,
Torna-os em fonte de maior ventura.
Só a voz da Virtude á gloria chama :
Ao suave clamor sahe do lethargo
A alma excitada , e vivo sentimento
Lhe dá força , e calor ; he sombra , he morte
A frigida inacção , Virtude impéra.

Tudo empr'ende o Mortal , este almo fogo
Lhe sopráo as Paixões quando a Virtude
Lhes véda transgredir meta prescripta ,
E os atrevidos impetos modéra ;
A sua embriaguez amorticida
Produz grandes acções : Tal o Ginete
Inquieto , feroz , impetuoso ,
Subjugado do freio então se torna
Mais util aos mortaes. O' tu , Virtude ,
Minha alma ao contemplar-te eis se dilata ,
Bem como adquire viço a flôr mimosa ,
Se ao rocío do Ceo se desabroxa ,
E á nova luz que surge as folhas abre ;
Vês que meu coração sincero , e puro ,
Em tributo te pagã amor , e estima ;

De ti vem todo o bem , contigo eu gozo
Da liberdade , e paz. Existe hum ponto ,
Hum termo fixo na moral esféra ,
Que sempre dista igual dos dois extremos :
Sobre o meu coração desfecho os raios ,
Se a meta transgredi ; se me suspendo ,
Volver-se-hão para mim serenos dias ;
No borrascoso mar da humana vida
Só Virtude he fanal , só ella he pólo.
Oh presente do Ceo , doce Virtude ,
Oh voz da Consciencia , oh voz do Eterno ,
Trazes ao Mundo a paz , sabor á vida ,
Tu domas as paixões , tu me aproximas
Da suprema ventura ao gráo supremo ;
Em ti consiste o mérito , a nobreza ;
Se tu não fórmás os braços , são crimes ;
No estado social mil bens derramas ;
Quando sóbes , de purpura cuberta ,
Ao solio huma só vez , ditosos povos !
Nunca deste espectáculo gozárão
Os miseros mortaes quando no throno
Triste Roma hum só vio : ao Mundo escravo ,
Dictava o Crime as leis , lançava os ferros :
Se teve dias d'ouro , os dias forão
Em que Fabricio , Cincinato , e Curio ,
O timão da República sustinhão .

E passavão da purpura á charrua.
Só vio sceptros sem ferro o Téjo undoso ,
Lysia em mais d'hum Monarca hum pai conhece ,
No throno muitos vio lembrados sempre
Da condição mortal, que iguala todos.
Ditoso o Cidadão se o brado escuta ,
Que a Virtude lhe dá ! Não ousa o Crime
Amostrar-lhe o semblante horrendo , e feio ;
Com pouco se contenta , e só deseja
O que o Ceo determina em seus decretos ;
Sua alma he féra , he nobre , e o trato ignora
Com que o vil lisongeiro incensa os Grandes ,
Ou Numes os suppõe , nunca lembrado
Que homens nascem iguaes , e iguaes expirão ;
Chame-lhe escravos a soberba embora ,
Da mesma fonte vem , e a mesma terra
A todos berço dá , sepulcro a todos.
Onde existe Virtude , a paz existe ;
Se escuda o coração , feita em pedaços
Se precipite a máquina do Mundo ,
Torna-lhe o peito impavido a Virtude ,
Nem a vista do mal receia , ou teme ,
Fortuna he nome vão , desgraça he nada ;
Entre estragos crueis tranquillo existe ,
Seguro na Virtude , o Varão justo :
Tal o Cedro do Libano frondoso

De soltos furacões accommettido ,
D' hum lado , e d' outro lado , e verga , e nuta ,
Mas nunca o bravo impetuoso vento
Desarreiga da terra o tronco annoso.
Sobre as ruínas das Paixões vencidas
Só constantes troféos ergue a Virtude.
O' Virtude ! ó Virtude ! As Monarquias
Terião bases sólidas , e eternas ,
Se em ti Legislador , se em ti Monarca
Firmasse as suas leis , firmasse o sólio !
Nunca céga Ambição de luto enchera ,
Nem de estragos mortíferos a terra ;
A torrente de bens , jámais exhausta ,
Déra outra vez ao Mundo a Idade d' ouro ;
O estado social a imagem fôra
De hum familia só. Tal n' outras eras
Entre os rebanhos seus , e entre seus filhos ,
Viveo tranquillo o ingenuo Palestino ;
Era o Monarca pai , filho o Vassallo ,
Triunfos da Virtude Heroes eu vejo ;
(Quanto o poderão ser antes que a eterna
Sanctificante luz do Ceo baixasse :)
Esta formar só pôde o Heroe perfeito.

Tão escrava não fez o Crime a Terra ,
Que não tivesse hum Sócrates Athenas ,
E entre o furor sacrilego das armas

Ao menos hum Themistocles não visse ,
E do Ostracismo a victima não fora
Aristides modesto. E tu , das Gentes
Soberana n'hum tempo , agora escrava
De hum Déspota brutal , Roma , contaste
Entre immortaes Democratas a muitos
Alumnos da Virtude austera , e sancta ;
Régulo vejo , pródigo da vida ,
Marcello igual na Patria , e no desterro ,
O inflexivel Catão , que a liberdade
Préza mais do que a vida , e mais que a gloria ;
E o derradeiro dos Romanos todos ,
Em que Eloquencia , e Roma se acabárão ;
Tu , grande até na Corsega entre ferros ,
(Imperfeito no estilo) amar me fazes
Na desgraça , e na morte , o honesto , o justo.

Meditação profunda ! ah , tu me ensinas ,
Que immortal , puro espirito me anima ,
Que he dote meu profunda intelligencia ,
Que he meu dom privativo a fantasia ;
Só della effeitos são sublimes Artes.
Entranhado em meu ser conheço , e vejo ,
Que d'elle he timbre , he habito a Virtude ;
Se da esfêra em que vivo o ambito abraço ,
Em mim sinto hum pendor , e escuto hum brado ,
Que incessante me chama , e chama a todos ,

A' posse da Ventura ; immovel pólo ,
A que olha immovel sempre a Essencia humana ;
Dos projectos mortaes o escopo he este ,
De força immensa estimulo patente ,
Que nos faz affrontar trabalho , e morte ,
Que em lide perennal , em ancia eterna ,
Nos agita n'hum circulo continuo ;
Por ella , sem pavor , Guerreiro empunha
A scintillante espada , e o pegureiro
Por ella vaga nos alpestres montes.
He voz da Natureza esta conquista ,
Huma apparencia vã , hum vão fantasma
Da buscada Ventura , isto só basta
A alma anhelante ; em extase os sentidos
Vão apôz esta sombra. E acaso he sombra
Quanto na Terra se chamou Ventura ,
Doce bem dos mortaes , que buscão todos ?
Dos prazeres na posse acaso a encontro ,
Qual nos jardins frugaes busca Epicuro ?
Se na victoria das paixões existe ,
Que imperturbavel Seneca me acena ,
Que os gritos suffocou da Natureza ,
C' hum a indolente frigida apathia ?
Na privação do mal Ventura existe ;
Consular Orador , tal foi teu brado ,
Quando , entre mil Hypotheses suspenso ,

Eloquente Académico disputas :
Nem tu mesmo do mal izento existes ,
Tu dás as Leis a Roma , e Roma ao Mundo ,
A teu aceno rigidos Lictores
Deixão cahir a Consular Secure
Na humilhada cerviz d'hum Réo tremente ;
Mas o mal sobre a purpura que vestes
Tambem deixa cahir sombrias azas.

Do mal que existe victimas são todos ,
Deo o crime esta herança á Natureza ;
E deste negro pantano corrupto
Sahe triste exalação , que o Mundo envolve.
Não vem o mal da humana sociedade ,
Penetrante Espinosa ; Hobbes profundo
Vê que se encontra o mal té nos tranquillos
Homens da Natureza , inda não juntos
Nos laços sociaes ; e abrange a todos
Hum crime universal d'hum pai perverso ;
Não vem da Sociedade , he erro , he sombra ,
Paradoxal opinião que adoptas ;
Não fórma a essencia da ventura hum nome ,
Que , ou a mão da lisonja , ou da vaidade ,
Cinzéla em pedestaes de jaspe , ou d'ouro.
Acaso abraça a imagem da Ventura
Esse , que entre o prazer , a pompa , o fausto ,
Sobre usurpado throno empunha o Sceptro ,

Que aspira a conhecer do Imperio termos
Baltico , e Tibre , Bósforo , e Oceano ?
Ah ! Se no abysmo penetrar podesse
De seu ralado coração , só víra
Dentro lide maior que a guerra insana ,
Com que apoquentá , tyrannisa os Póvos ;
Se existe escravo desditoso , he elle !
Seu Diadema he fosforo brilhante ,
Que apenas cégos precipícios mostra ;
Só descobre ante si punhaes , e furias ,
Em cada escravo seu justo assassino ,
Qu' a injuria universal vingue em seu sangue :
Entre somno inquieto a imagem vôa
Da vingança do Ceo nas mãos da Morte :
Aos olhos da impostura , e da ignorancia .
Parece que he ditoso , e que seus dias
Tecem de fios d'ouro amigas Parcas ;
Porém se a vista da Razão penetra
A superficie vã da falsa gloria ,
Só divisa amargura , e tedio observa ;
Dentro em seu seio turbido , agitado ,
Dos remorsos a vibora se enrosca .
Tantas Nações , que gemem , tantos Póvos ,
Que atados a seu carro arrastão ferros ,
Seu mesmo coração da affronta os vinga .
Da instavel sorte a subita mudança

Continuamente se lhe antolha ; observa
Mario entre os restos de Carthago occulto ,
Qu' o triste pão mendiga onde a victoria
Lhe cingira de louro outr' ora a fronte ;
Vê Sylla , que , deixando o gráo supremo ,
Comsigo mesmo leva os vicios todos ;
Algoz no coração , n' alma tyranno ,
Não Sylla consular , mas Sylla obscuro ,
Inda he seguido das funestas sombras
Das victimas que déra outr' ora á morte ;
Seu ferro as degolou , e inda o não deixão ,
E vão turbar-lhe a paz n' ocio , e retiro.
Se apparece entre barbaros , que formão
Hum Senado servil , o susto , o medo
Lhe faz vêr os punhaes nas mãos d' hum Bruto ,
E que tropeça no cadaver frio
De Julio que inda ensopa , e que inda banha
No sangue que espadana o peito aberto.
E , se volve os annaes da excelsa Roma ,
Já não vê Scipiões , não vê Marcellos ,
Onde estude o valor , virtude aprenda.
Só vê Tiberio , que o remorso ancêa ,
A quem nem solidões , nem fausto podem
Aquietar no combatido peito
D' amargosos cuidados a tormenta ;
Só vê Sejano , victima do Povo ,

Que o cadaver sem vida insulta , e piza ,
Que nem aos mudos marmores perdea ;
A imagem lhe detesta , o nome apaga :
Descobre a Nero , que ao supplicio foge ,
Tão deixado , e tão só , que até não acha
Quem de Roma , e de si co' a morte o livre ;
D' hum Nero he digno algoz a mão d' hum Nero :
Vê de Cheréa a lamina fulgente ,
Que se embacia no espumante sangue
Do atroz Domiciano , á morte entregue
Apenas Plebe vil temeo seu throno.

Se não abraça a imagem da Ventura
Este , que desde o pó subíra ao Sceptro ,
Que , a todos sobranceiro , a todos piza ;
Será ditoso o Aulico assustado ,
O Valido inquieto , a quem Fortuna
No circulo de hum dia eleva , e eclipsa ?
Será feliz o misero Opulento ,
D' hum thesouro fatal Senhor , e escravo ?
Será feliz o Sabio , que envelhece
Curvado , e mudo , e só no estudo , e volve
Escritos immortaes de Grecia , e Roma ,
Da Sciencia os depositos sagrados ;
Que , amigo dos mortaes , continuo illustra
Com suas doudas producções o Mundo ?
A Inveja céga , e turbida envenena

De huma douta existencia os aureos dias ;
Viva nas sombras do retiro envolto ,
Saiba embora esconder-se , e ser obscuro ;
Aqui lhe vão rasgar tranquillo seio ,
Hervadas settas da Calumnia impura.
Nem duro Agricultor rasgando a terra ,
Solitario entre montes , e arvoredos ,
A quem nenhuma culpa , e nenhum crime ,
Torna pálido o rosto , o peito ancioso ,
Que a Ambição desconhece , o Mundo ignora ,
A quem da Marcia tuba o som medonho ,
Jámais quebrára o somno repousado ;
Vive izento do mal , goza a ventura :
A existencia he prizão , desterro o Mundo.
Depois que a culpa se apossou da Terra ,
D'entre os homens fugio Tranquillidade ,
Foi habitar nos Ceos d'onde baixára ;
Lá nos dirige sólida esperança ,
Com seu lume immortal nos rege , e escuda ,
Até que surja o decretorio dia
D'hum eterno prazer , e immerso o Justo
No seio do Immortal sem susto goze
Dessa , que em vão buscára , alta Ventura ,
Que morada não tem no terreo Globo ,
Onde Optimismo he fábula sonhada ,
Onde he precario o bem , e o mal constante.

Fim do primeiro Canto.

A MEDITAÇÃO.

CANTO II.

Eu pude entrar no pélago profundo
De minha mesma essencia ; e , quanto he dado
Ao mortal pensador , meu ser conheço :
Eu obra sou de Artifice supremo ,
Sou capaz de sciencia , e de virtude ;
Degradou-se meu ser na infausta culpa
Do primeiro mortal ; meu ser se exalta ,
De hum Redemptor no mérito , na graça.

Mas onde existo ? Que morada he esta ,
Que nem co' a mente , nem co' a vista abranjo
Sem que os sentidos na extensão se percão ?
Foge sempre a meus olhos o Horizonte ,
Por mais que o passo avance , e os olhos cancem
Na scena que a luz mostra , a noite augmenta.
Tal foi o assombro , o extase sublime ,

Que o primeiro mortal sentio primeiro ,
Quando ao Divino assopro o inerte barro
Recebe a vida , as palpebras se rompem ,
E a seus olhos brilhou do Mundo o quadro.
Do entusiasmo fêrvido nas azas ,
Qual sua alma voou , minha alma vóa ;
Elle os Ceos contemplou , e os Ceos contemplo ;
Profundamente meditando encára
Este insigne espectáculo do Mundo ;
E neste quadro antigo , e novo sempre ,
Como elle meditou , medito agora.

He este , he este o domicilio augusto ,
Que o Divino Architecto aos homens déra ;
Eu delle sou porção , eu nelle existo ;
Em quanto os brutos animaes só fitão
Na terra os olhos , aos mortaes foi dado
A vista apascentar no ethereo assento ;
Descortinando a abóbada azulada ,
Em cujo espaço immenso , astros vaguêão :
Eu descubro estes Ceos , brilhantes pontos ,
Safiras lucidissimas se engastão
Neste azulado interminavel fundo.
De eterno braço producção primeira ,
Disse ao Ceo que existisse , o Ceo se estende.
Portentosa extensão ! . . . Continuo vôo
Sobre as azas de seculos immensos

Não me levára ao término , que a mente ,
Cançada de voar , ousa marcar-lhe
Nas barreiras do Nada , ou Vácuo eterno ,
Onde a congerie do Universo existe.
O' sombra augusta , escuridão profunda ,
He Newton junto a ti , qual eu , quaes todos
Huns impalpaveis atomos obtusos.
Se lá chega a Razão , pára , e recúa ,
Como assustadas retrocedem frias ,
Se a arêa vão tocar , quebradas ondas.

Nesta immensa extensão milhões de globos ,
Em profundo silencio , em gyro eterno ,
Sem encontrar obstaculo caminhão ,
E a lei primeira , que escutárão , guardão :
Como surgirão na primeira noite ,
Inda surgem agora , e aos olhos brilhão ,
D'extasiado Astrónomo , que véla ,
No silencio da noite , absorto , immerso
No quadro encantador. Descubro , e vejo
Astro origem da luz , que fôrma o dia ;
Este o mais bello dos objectos todos ,
Que o mortal domicilio aformozêão ;
Nem póde a vista em magestade tanta
Deter-se hum pouco , e suportar-lhe os raios !
Se onde as Estrellas fulgurantes brilhão
Longe andasse de nós , fôra hum só ponto ;

E como ellas são centro , he centro a globos ,
Que gyrão delle em torno , e a luz lhes presta.
Ao choque horrivel de cometa errante
Forão delle arrancados (o delirio
Que tão grande te fez , ministro augusto ,
Da Natureza interprete profundo ,
Este aos Planetas nascimento márca !)
Avivadora chamma ! A escura Terra
De luz se banha se elle nasce , e logo
Se elle desce dos Ceos , s'envolve em sombra ,
Da noite se desdobra o véo profundo ,
Melancólico luto encobre o Globo !

Assim te vêm meus olhos , mas a mente
Que junta em si dos seculos o estudo ,
(Que desde Athenas ao Tamiza vòa ,
E aonde o Arno espraia as vitreas ondas
Comtigo , ó Galilêo , sóbe ás Estrellas)
Vai de perto encarar-te , e ver-te , immóbil
Massa abrazada , pélago insondavel ,
De fogo liquidissimo , que , apenas
Rodando a Terra no seu eixo , a face
Te mostra , em vibrações tua luz s'entorna ;
E vestem-se apartados horizontes
De multiforme côr ; e os véos se enrolão ,
Que desdobrára no hemisferio a Noite.

O' fulgerante Sol ! Figura , emblema

De esplendor immortal ! Hes delle a copia ;
Vate inspirado em ti seu throno observa ;
Symbolo hes vivo da bondade eterna !
Com chamma ardente , e pura o Mundo aclaras ,
O cáhos fuge , se lhe a face amostras ;
Os Entes todos teu fulgor aviva ,
E purifica os Elementos todos :
Do sempiterno Artifice de tudo
He copia teu clarão ; dardejas raios
Do vasto espaço aos ultimos limites :
Pelos ares diáfanos te espalhas ,
Chegas do mar ao seio , aos astros chegas.
He teu calor manancial perenne
Dos thesouros , e dons , que a Terra ostenta ;
Tu lhe envias mil dons , tu não recebes
Da Terra galardão ; renasces , vive
A Natureza amortecida , quando
A's cavernas do Polo o Inverno fuge ;
E do throno dos ares desce á Terra
A Primavera envolta em rosea nuvem.
Sente-te a força a séve amortecida ,
Plantas , arbustos , arvores abrólhão.
Tal o supremo SER , de si principio ;
De si mesmo se nutre , e se sustenta :
No throno eterno triunfante sempre
Do Tempo affronta a sanha , e quebra a foice.

De ti se entorna o fogo, e a copia ingente
Não te enfraquece a força igual, e eterna;
E brilhas tanto luminoso agora
Como brillhaste no momento, e dia,
Em que á voz do Immortal prompto acudiste,
Que te chamava do confuso Nada.
Ergues (se a vista creio) a excelsa fronte,
E os inflammados horizontes cortas,
Sem transgredir os Trópicos, em ponto
Sempre diverso, e variante sempre.
Infatigavel sempre a noite, e o dia
Pública sabias leis, e a Natureza
Ao decreto obedéce, e a voz escuta
De seu supremo Author. O Sol lha entende,
D'onde hoje solta a rapida quadriga
Não avança á manhã; sem que transponha
Entre immudaveis terminos a méta,
Onde deve chegar. Se acaso a tóca,
Eis volve, eis guia o coche ao Polo opposto.
No éther liquidissimo pre-sente
Reguladora mão, que o traz seguro
Pelo espaço da Ecliptica brilhante:
Depois de tantos seculos, intacta
Conserva a mesma luz, sem mancha, ou sombra.
Do frigido Saturno o globo ingente,
O portentoso annel, que o fecha, e cinge,

E as frouxas luas , que em continuo móto ,
Qual brilha a nossa aqui , tambem lá brilhão ,
Vivo , immenso calor do Sol recebem ,
E a viva força da atracção lhe sentem ,
Qual sentirão no instante , em que do Nada
O quiz chamar Architector Supremo.
O diluvio ardentissimo de chammas ,
Que do nascente Mundo em quarto instante
Quiz o Immortal que derramasse , entorna
Da Creação no portentoso quadro.
Não falléce o Volcão de fogo ondeante ,
Que sobre o eixo sem cessar se agita
Do grão astro central ; materia immensa
Alli produz continuo a mão do Eterno.

A Razão te acabou , fuge a meus olhos ,
O' chimerica hypóthese da Escóla ,
Rival de Athenas , que a cidade honraste
Do Joven Macedonio obra , que encerra
Do Romano Pompêo choradas cinzas :
Calcão pés o sepulcro , a vista o ignóra ;
Que a ferrea mão dos seculos estraga
Os letreiros do orgulho , e até ruinas !
E inda tempo ha de vir , que o nome acabe !
Vaidoso Ptolomeo manda que os astros
Tenhão por centro de seu gyro a Terra :
Dentre os gêlos Sarmáticos hum Sabio

Volve os olhos ao Ceo , co' a mente os corre ,
Devassa os penetraes da Natureza ;
Salva do opprobrio a alampada do dia.
Do throno seu fantastico tirada
A Terra , já Planeta , e globo errante ,
Gyra , tornêa o Sol , e , igual aos outros
Tristes globos sem luz , no espaço ondêa.

Do Planetar Systema , alvergue humano ,
Tu foste , ó Sol , brilhante , immobil centro !
Tal te vio Galilêo , que ousado rompe
Esse véo , que a ignorancia outr' ora tinha
Lançado , audaz , no rosto á Natureza.
Olha aos Ceos Galilêo , rasga-se a nuvem ,
Que a mente dos mortaes té alli cercara.
Estendem-se os confins do Ceo , do Mundo ;
Assombroso Britano , eis mede , eis marca
(Atrevido compasso !) o gyro aos astros ;
Na creação descobre oppostas forças ;
Huma só da tangente os globos tira ,
Outra lhes manda descrever as curvas ,
D'ambas a ellipse regular se fôrma ;
O Sol no centro pôz , e o Sol abrange ,
Prende , sujeita em seu Imperio os astros
Vistos té agora no systema nosso :
Talvez que mais os seculos me mostrem.

Mas ah ! que em yôo extático me elévo

Inda acima do Sol ! Daqui descubro ,
Ou quasi , quasi se me antolha a Terra ,
Como n'hum prado estivo o insecto accezo ,
Gyrar no espaço azul pequena , e muda !
O' , desse globo habitadora , Alcippe , (*)
De quem me lembro só , de quem contemplo
No compassado scintilar dos astros ,
E magestoso móto , a imagem viva
De teu suave , angelico semblante !
Do carcere corporeo inda não sôlta
Minha alma lá te deixa , e o vôo alonga ;
Do pensamento rápido co' as azas
Transponho os claros Ceos , transponho os Astros ;
Attende ao que medito envolto dentro
Do turbilhão dos lúcidos Planetas ,
D'onde atrevido indagador alongo
Sobre quadros incógnitos a vista.

Cego ! Que apraz cuidar que os Sóes , gravados
Por todo o esmalte azul a cento , e cento ,
Sirvão só de espargir (mortal soberba !)

(*) A Condessa de V. . . . mulher douta , e com
bastantes conhecimentos astronomicos , a quem
este Poema era dirigido n'outra fôrma , e em
tempos mais tranquilllos ainda , no seculo que
acabou.

Inuteis , sem vigor , languidas luzes
Quando a noite serena os astros mostra
No desdobrado véo , vasto , infinito !
Acaso as semeou do Eterno a dextra
(Tantas , e mais que o tímido Oceano
Ondas em si contém , e a praia arêas)
Só porque as roupas lúgubres recamem
Da noite muda , e triste ? Oh sempre incertas
Conjecturas mortaes ! Póde ignorante ,
Não polido Pastor , que vê d'hum tronco
D'alta faia assombrar co' a frente ao longe
Nobre cidade as nuvens enroladas ,
Julgar inhabitado , e solitario
O pomposo espectáculo que avista ,
E povoada a misera choupana ,
Onde do Inverno inoperosos dias
No seio passa da familia inerte ?
Tão estreitos confins não sente o Mundo !

Mil vezes solitario , e pensativo
Cançado do fervor d'arido Agosto ,
Já quando posto o Sol , bafajem doce
Se derrama no ar co' as mudas sombras ,
Sobre a relva odorifera me assento ,
E no vasto painel da noite umbrosa
Meditador tranquillo os olhos fito ;
No pomposo espectáculo me embebo ;

Esquecido de mim , rapidas horas
Do repouso enganei filosofando.
Absorto exclamo então : talvez que o mesmo
Quadro que a Lua aos olhos me offerece ,
Ora que em coche argenteo as sombras córta ,
Tal de lá me mostrára o terreo glóbo ,
Se hum momento ao satéllite voára !
Elle errante tambem , e ao Sol opposto ,
Ora todo illustrado , e logo em parte ,
De igual figura , e semelhante marcha ;
Tambem fazes análogas lhe vira ,
Quaes na Lua estou vendo , argenteos rios ,
Ilhas dispersas , máres , promontorios.
E não será de habitador estranho
Qual vejo a Terra , povoáda a Lua ?
Diverso clima embora eu me afigure ,
Vapor mais denso , ou raro , e outro diverso
Pálpitar de pulmões , e estranha fórma ,
Ao circumfuso fluido ajustada ,
Em cárcere mortal , substancia eterna ,
Alma d'ordem sublime em corpo humano ,
Que o quadro possa meditar da immensa
Pamosa criação , qual eu medito ;
Que calcule da Terra a marcha incerta ,
Qual eu de seu Planeta a marcha indágo ;
Que alli se alvergue extatico Poeta . . .

E que não póde o braço Omnipotente
Do Eterno Animador , se novos Mundos
Elle póde crear , mandando ao Nada
Que encha d'Astros os Ceos , de luz os Astros?

Se remontada fantasia póde

Publicar teu louvor , teu nome , e gloria ,

He este o hymno da grandeza tua ,

Sempiterno Motor. Seu pezo immenso.

A' mesma fantasia encolhe as azas ,

Ao pensamento ouzado o vôo encurta.

Eu neste abysmo immensural me perco ! . . .

Globos , que o Mundo Planetario formão ,

Que os já passados seculos não virão ,

Que Hérshel não pôde achar , que Olbers descobre ,

Que os immensos periodos não podem

N' hum seculo acabar , que errantes gyrão ,

E deste immobil Sol recebem luzes . . .

E Astros , Astros não vistos , que recebem

D'outros Soes o clarão ; Globos que sejam

De pensadores Entes domicilio ,

Que adorem como nós , que incensos queimem

Ao sempiterno Author , que rege o todo . . .

Oh sublime delirio ! A mente acceza

Rompe os estreitos circulos , que ao Mundo

Os débeis órgãos visuaes lhe márcão.

Tantos brilhantes Sóes , tantos Planetas

Da vida habitação , qual gyra a Terra . . .
Nunca mais digna ao pensamento humano
Idéa se amostrou . . . De hum Deos a gloria ,
Como hum brado sonóro , os Ceos publicação . . .
O silencio profundo , a magestade
Com que em si mesma esconde a Natureza
Seus mysterios , seus dons , me assusta , e prende . . .
Debalde julgo que no espaço inertes
Brilhão dispersas lúcidas Estrellas ,
Quaes contemplo entre os véos da noite umbrosa ;
Se este mesquinho globo alvergue fosse
Da nobre imagem do Immortal sómente , (*)
Ah ! quão mesquinho globo , inda que aos olhos
Da vaidosa ambição vasto pareça !
Pois quasi confundido , e quasi ignoto
Correndo vai no Ceo , qual vái de arêa
Pequeno grão rodando em ar vazio
Nas leves azas rapidas do vento ,

(*) Todas estas imagens , ainda que sejam conjecturas Filosoficas , como se achão expostas elegantemente por Fontenelle no Tratado da Pluralidade dos Mundos , nem como taes aqui desejo que sejam recebidas ; mas como raptos , e extases de hum Poeta , que se deixa tocar do immenso quadro da criação.

Do calmoso Verão nas longas tardes ;
Assim gyra , assim corre ignoto , escuro
Entre maiores lucidos Planetas ,
Que tem por centro o Sol no espaço immenso . . .

Oh soberbo mortal ! jámais te abastas
De grandeza , de titulos , de gloria !
Chegue teu nome embóra ao tardo Arcturo ,
Onde o gelado habitador divide
Grosseiro pasto com medonhos Ursos ,
Da tua gloria , dize-me , que sabem
Da Lybia adusta as torridas arêas ?
Triunfador exercito te siga ,
Antes que hóra suprema o regio manto
Nas urnas sepulcraes esconda , attende ,
Quão pouco avultes no fastoso e rico
Marmóreo Paço ignoto a Bactro , e Thule ,
Aos longiquos antípodas ignoto ,
E inda a tantas nações : hum ponto occupas
Na Terra que tu vês , átomo apenas
No interminavel ether vagabundo ,
Onde outros astros rápidos s'engolfão ,
Distantes entre si , remotos tanto ,
Que ao pensamento as azas se afadigão ,
Se os quer seguir nas solidões do espaço.

Ah ! Que me alongo mais ! Descubro ao perto
Fluxamente movendo-se a tardia

Do frigido Saturno ingente massa !
Eu pararia attónico se ousára ,
Calcular , e medir o espaço immenso ,
Que me sepára do terrestre globo !
Em seculos , e seculos não fôra
Inda proxima aqui balla , que acceza
Parte do bronze militar , que o mesmo
Incalculavel impeto levasse
Com que toando sahe , e os ares córta.

Mais se me escalda a viva fantasia !
Os Mundos que eu diviso , os Ceos que eu tóco
A' mente emprestão desusada chamma !
Teu fogo , ó Milton , teu transporte he frouxo ,
Teus quadros ideaes cedem na força
Aos que Verdade , e Natureza ostentão !
Remonto os vôos , que animoso eu sólto
Inda além de Saturno , além dos tárdos
Quasi opácos satellites , que o cingem.
Do Sol o Imperio deixo , inda me avanço
Além de Urano aos terminos da esfêra.
Rasgão-se os véos impenetraveis , novas
Maravilhas descubro , e scenas vejo.
Tal acontece ao navegante , quando
D'onde inda não salgado o Téjo corre
Em ligeiro baixel vem manso , e manso
Rompendo a vêa das ceruleas ondas ,

Que pouco a pouco a desigual marinha
Começa de observar, e a ruiva arêa,
Onde inda vivos, prateádos peixes
Lança contente o pescador insómne.
Subito o Téjo aurífero, espraído,
E largo, e fundo, e procelloso, e turvo,
Como assombrado vê: volvem-se ondadas
Nos altos tópes flamulas ligeiras
Das velívolas náos: mais denso hum bosque
Já vê de perto; na ferrada prêa
Jaz mal seguro o descorado medo
Do mercador aváro; em tanto objecto
Confusa a vista, e trémula se perde:
Se elle cruzára a foz, a immensa vira,
Perdida n' horizonte, azul planície,
E na vasta extensão, turvado, absorto
Julgára haver tocado o termo ao Globo.

Tal he d'alma a illusão, e inda s'estendem
A mais, e mais os terminos do Mundo.
Assim minha alma se despréga, e sóta
As livres azas no estranhado espaço:
Vê novos Astros, rubidos Cometas
Vagando por excentricas ellipses;
Outra Esfera, e Planetas, e outro Pólo.
E tanto s'esmerou Motor Supremo
Em formar ao mortal Palacio, e Côrte!

Eu vejo . . . e perto do abraçado Sirio ,
Das fabulas do Pindo inda lembrado ,
Cuido ouvir o latido ao cão de Pócris ;
Mas que delirio ! He Sol mais rico , e farto
De luzes que esse Sol , que a Terra aclára ,
E que visto de cá parece apenas
Sem fogo estrella turbida , sem luzes ,
Sem quadríga , sem rapidos Ethontes ,
Quaes eu da Terra vi no espaço as outras !

Inutilmente me afadigo ! Ajunto
Novas cifras a calculos eternos ,
Nunca o compasso de Archimedes chega
A descrever o circulo espantoso
Onde , quasi perdida , a Terra observo ,
E desde cá n' hum ponto o pensamento
O espaço immenso córta , e a Terra encontra.
Tal he d'alma o poder , substancia etherea ,
Que nos caducos véos inda envolvida
Da origem se recorda , inda conserva
Hum habito divino , e só n' hum ponto
Sem mudar de lugar , gyra volante
Se muda o pensamento ! Ella nas tristes
Casas penetra da espantosa morte ,
Quebra os ferrolhos de diamante , e dentro
S'entranha nos abysmos , e retórna
A ver os claros Ceos. Do Hydaspe , e Ganges

A's margens corre , pelos Reinos vòã
Da molleza , e do orgulho , e vai mil vezes ,
Passear sobre o Iris , e contempla ,
Desde o curvo listão , da chuva , e gêlo
Os immensos depositos , e logo ,
Nas igneas azas do trovão ruidoso
Desce , e correndo no sulfureo trilho
O raio segue sem temer , e prompta
Nas ondas se mergulha , e busca , e mede
O fundo escuro do Oceano ondeante.
As nuvens fende , intrepida voando ,
Mais longos dias , vagarosos annos
D'outros astros na esfera indága , e conta !
Feliz aquelle , que ao mordaz cuidado ,
A mil pezâres turbidos dest' arte
Se souber esquivar ! E mais ditoso ,
O que das cousas conhecer as causas
Pondo abaixo dos pés o Fado , a morte !

Mas inda mais distante , inda mais longe
Posso da Terra separar-me : he Sirio
A mais chegada a nós , mais clara estrella
De quantas o ceruleo esmalte bordão.
São milhões , e milhões ! Que Hyparco póde
Reduzilas a calculo seguro ?
Distantes entre si , quanto he distante
De Sirio o nosso Sol , La Lande diga

Que immoveis centros são de opácos glóbos ;
Que são brilhantes sóes na luz , na massa
Iguaes ao nosso Sol : Tal ao profundo ,
Portentoso Demócrito , dos Mundos
A imagem se amostrou , e outr' ora Athenas
Taes mysterios ouviu. O' Grecia , ó Grecia ,
Em ti seu throno a sapiencia teve ;
Mas onde existes tu ! Hes cinza ; apenas
Dos sabios na memoria , ou nos escritos.
Ah ! se do mar Egêo sulcando as ondas
Eu fosse agora ! Da mudada Grecia
Apontára á ruina , e assim bradara :
Além s'abria , e se encurvava o porto
Do famoso Pyrêo ! No mato espesso ,
Que entre pedras além s'enlaça , e cresce ,
As lizas Faias , Plátanos viçosos
D' Epicuro aos Jardins já derão sombras.
De riso , e de prazer Filosofia
Cercada alli buscou summa Ventura
Nos braços da Virtude , ou da Indolencia.
Inda além surgem Porticos quebrados ,
Lascados capiteis de héra cingidos ;
De cahido sobrolho , e de rugosa
Pálida tez , moral Filosofia
De Zeno ao lado passeava outr' óra.
Além naquelle inculto ermo espantoso

O Peripáto foi , onde o profundo
Pensativo Aristóteles obteve ,
Das mesmas mãos da Natureza , a chave
Dos primeiros salões do immenso alcaçar.
Naquelles restos de edificio augusto ,
Onde entre as sombras da calada noite
Os môchos melancólicos revôão ,
Harmoniosos canticos s'ouvirão
Dos Cysnes immortaes de Papho , e Gnido.
Oh ! Destinos mortaes ! Morrem Cidades ,
Os Reinos morrem , não existe a Grecia ,
Nem filhos seus , que rastejarão tudo
Quanto depois os seculos mostrárão.
Mas seus olhos tapou nevoa sombria ,
Que mui tarde entre nós rompeo o acaso !
Dos Ceos correr a estrada incerta ousárão ;
Porém quaes nautas timidos , que ao longo
Da praia as náos velívolas guiavão
Antes que vissem que incessante ao pólo
A sympathica pedra se volvia ,
E com virtude incógnita apontáva
A' não banhada estrella no Oceano ,
Sempre immovel fanal , que a novos Mundos
A vareda aplanou. De Grecia , e Roma
Foi muito frouxa a luz , nos Ceos não pôde
Tanto além caminhar que os astros visse ,

Que o luminoso Jupiter circundão ,
Que tu só , Galilêo , de Urania filho ,
Tu , brazão do saber , de ti sómente
Discipulo immortal , mostraste ao Mundo ;
Vagando pelos Ceos , nos Ceos mais astros
Aos homens quasi incredulos mostraste :
Pertinaz Magalhães , nas salsas ondas ,
Té do humano valor transpondo as metas ,
Assim descobre a incógnita varéda.
Ao denodado navegante móstras
Té alli não vistos astros , e com elles
Abre o trilho no mar. Por elle , ó Gama ,
Tu poderás melhor o aspeito horrendo
Ir affrontar de horrisonas tormentas
No Cabo austral que fecha a Africa ardente ;
Cortarias ao largo o intacto Oceano ;
Mas para abrir as recatadas pórtas ,
Puniceo berço da orvalhada Aurora ,
Foi Pólo o teu valor , teu peito os astros.

Quantas s'off'recem lucidas esferas
A meus olhos attónitos ! Bem como
Do pomifero Outono em doces tardes ,
Quando o Sol já declina , me aprazia
Sentar-me junto do espelhado lago
Em que travados louros se debrução ,
Se os nadadores peixes á porfia

Queria ver sahir do fundo escuro ,
Hum pomo lhes lançava , e de repente
Naquella parte , e nesta esferas cento ,
E concentricos circulos se fôrmao ;
Taes espalhados no grão vácuo eterno
Vejo ir rodando lucidos Planetas ,
A quem dá luz do centro immóbil astro ,
E com força contrípeta os regúla ;
Com ella a curva elliptica descrevem.
Tantas constelações de estrellas vejo ,
Que , da terra distante , inda confusas
Nos sonhados confins do espaço existem.
Deo-lhes o nome o fabuloso Egypto ;
Deo-lhes a fama a Grecia aduladora :
O pensativo Astrónomo lhes chama
Inda Ariadna , e Bérenice , e Electra ;
Inda nellas transforma o Capro , o Toiro ;
Nellas o nome dos Heróes conhece.

Mas á esfera solar já volvo as azas :
Co' a frente recolhida , immoveis olhos ,
Dentro em minha alma absorta se atropelão
Dubias idéas , vastos pensamentos ;
Debalde intento interrogar-me . . . eterno
Solencio , escuridão no seio esconde
Tudo o que além do espaço a mente anhéla :
Barreiras á mortal intelligencia

Não superaveis , não , e além não chega
Batendo o Tempo as azas ; e as fechadas
Portas em gonzos de diamante , eternas
Fazem tornar atraz confusa , e muda
Livre imaginação , que aos astros vôa.
Inexperto desejo em vão se inflamma ,
A sede não lhe estanca o prompto engenho ,
Nem o nocturno folhear dos doutos
Volumes que deixára , ou Grecia , ou Roma ,
Doce conforto da existencia minha
No seculo do sangue , e das ruinas !
Eu posso , se me apraz , das grossas nuvens
Saber a formação saber as causas ;
Co' as forjas atinar do accezo raio ;
Porque tardo se môva o frio Arcturo ,
E porque tanto co' a fulminea espada
Ameace Orion. E acaso entendo
O que era , o que existia , quando os Seres
Não tinham acudido á voz suprema
Do Eterno , que os chamou ? Bradou-lhes ; logo
Ante seus olhos subito se mostrão ,
Nada sendo até alli. Mas que existia
Onde ora alpestre monte a espadua eleva ?
Onde se espraia o mar , onde hoje he terra ?
Onde o sereno Ceo se arquêa aos olhos ?
Onde ródão os Orbes , que os ethereos

Campos enchem de luz ? Qual eu ficára ,
Se no Dedaleo labyrintho entrasse ,
De volta em volta errando , aos mudos troncos
Eu preguntára em vão : tal me parece
Que confundido , attónito vagueio
C' o pensamento pela noite , e vácuo
Immenso , indivisivel , onde existe
Tudo o que abrange o Ceo , e os astros todos.
He Deos , sómente he Deos que encerra , e fechã
Dentro em si mesmo a vasta Natureza ;
Dentro da sua immensidade existe.

Eia , cansado de lutar co' as sombras ,
Pelo disco do Sol desfiro os vôos ;
De novo cóрто as órbitas aos astros ,
Atraz deixo Saturno , e Jove , e Marte ,
Improviso clarão meus olhos fére ;
Não ressurte de Febo : o Ceo brilhante
Não guarda os astros lucidos sómente ,
Que a nossos olhos subito fulgúráo ,
Quando a noite desdóbra o véo sombrio.
Quem poderá marcar limite , ou termo
A's producções do Artifice supremo !
O Eterno Creador de immensos córpos
O espaço povoôu , torna mais bella
Dest' arte a etherea cúpula , que cobre
Este , onde existo , domicilio augusto.

Eu vejo o rubro , pavoroso aspeito
Do turbido Cometa : he astro errante ,
Mas tem leis inda incógnitas aos homens ;
Porque inda' tantos seculos não bastão
Para expôr , conhecer prodigios tantos.
Talvez que essa por vir remota idade ,
Se admire , e zombe da ignorancia nossa.
Não és , brilhante Sol , centro a seu gyro ;
Das leis da gravidade aberras , e fôge ,
Que dentro em teu Imperio os globos seguem ;
Livre , e nos Ceos Demócrata se tórna ;
Só visivel a nós , se o ponto marca
De sua ellipse excentrica chegado ,
Quanto parece , ao circulo , que a Terra
No gyro seu descreve ao Sol em torno :
Assim longos periodos renóva
No espaço onde se perde a mente , e a vista.
Eu não deliro , não ; que estro divino
Se diz que o peito aos Vates senhorêa ;
E se atégora incognito o Cometa
Foi do Portico ao Mestre , ao de Estagíra ,
E ao grande Preceptor do ingrato Nero ,
E a quantos o Tamisa , e o Sena honrarão ,
E aos que do Arno illustre aos Ceos subirão ,
Ao da ignorancia victima innocente ,
Que da escura prizão deo luz ao Mundo ;

Talvez não longe da verdade as azas
Desfira eu Vate extatico , que subo
Inda além dos confins onde não chegão ,
O' sabio Halley , teus cálculos , teus vidros .

Se cada Estrella he Sol , e he centro a muitos
Rotantes globos , que descrevem curvas ;
Porque do immobil Sirio , ou d'outra Estrella ,
Proximo ao Sol passando algum Planeta
Tão longe de seu centro , como vemos
Que anda longe do Sol remóto Urano ,
Não seja o astro , que se diz Cometa ? (*)
Ao systema solar corpos estranhos
Na ellipse , e na parábola descobrem
Com marcha irregular diverso centro ,
Constantes em voltar , mostrando ao Múndo
Em marcádo periodo seu rosto ,

(*) Entre os mysterios , ou enigmas que a Natureza mais ciosamente esconde em seu seio , a qualidade , e a theoria dos Cometas he o mais profundo : até agora não ha mais que hypothezes , e conjecturas ; eu desejo que se entenda na classe destas a minha opinião , que longe de lançar alguma luz nas trévas da ignorancia humana , talvez que sirva de as condensar ainda mais.

Já dos mortaes ao cálculo sujeito.
Se alguma vez desmente as esperanças ,
Se a nossos olhos foge , não culpemos
De indocil o Cometa , a grossa nuvem ,
O ar sombrio , e denso , os aureos raios
Do luminoso Sol , á vista o furtão.
Sanhudo aspeito , a clina afogueada
Effeitos são da luz , que se refrange ,
Para o vulgo ignorante assombro , e susto ;
O Astronomo só vê do Sol os raios
Quebrados n'atmosfera , que circunda
Com seu vapor diáfano o Cometa ,
Que , inda que ignoto em marcha aos homens seja ,
Volve-se ás outras producções coévo ;
Não he vapor , nem subitaneo fogo . . .

Póde o erro julgar que hum corpo estranho ,
Que os desertos do espaço errante corre ,
De estragos precursor se mostre ao Mundo ?
Que desta áquella mão transfira os Reinos ?
Que dê de Babylonia o sceptro a Cyro ?
A Alexandre o Oriente , a Roma o Mundo ?
Que retalhe de Roma o Imperio immenso ?
Que faça que em Farsalia , o Sogro , e o Genro ,
(Tumultuoso pár !) dispute o Globo ?
Da exterminante guerra não são elles
Os precursores hórridos : sómente

Dos homens a ambição , o amor da gloria ,
A avareza , o rancor ; este o Cometa ,
Que muda a face ao Globo , o sangue entorna.
Não vejo fulgurar nos Ceos a espada ,
Nem do abraçado rosto a chama ondeante ,
Que hum pregão de furor se antolhe ao Mundo ;
Mas vejo fumegar de sangue hum rio
Do Téjo , e do Danubio a margem fria
Vejo theatro da medonha morte ;
E , sacudindo o viperino açoite ,
Rompeo negra Tisífone do Inferno
Quando ambição frenética no Sena ,
Unida ao Filosófico delirio ,
Quiz nivelar as condições humanas ,
Do Pastor fazer Rei , do Rei vassallo :
Ouvio a Furia o rebelado grito :
Sentada estava do Cocyto horrendo
Na margem negra , permittindo ás cóbras
(Da espessa grenha funeral toucado !)
Que hum pouco lambão as sulfureas ondas ;
Ouvio , e erguendo a frente as serpes silvão ;
Eis que , rasgadas as Tartareas sombras ,
Das fauces d'hum volcão se lança ao Mundo ;
O dia , que a sentio , se muda em noite ;
Della , e da França o rosto o Sol esconde .
Com bramidos horríssonos a Terra

Sente o pezo do monstro , e em si vacilla.
Mais grossos turbilhões de fumo , e chammas
As montanhas ignívoras lançarão ,
O Gate , o Tauro , o Caucasos tremêrão ;
Toôu sem nuvens , e bramio sem ventos ,
Sem tempestade o turbido Oceano.
Tápa co' as azas os purpureos ares ;
Sobre os Alpes affrouxa o vôo , e pouza.
Abre co' a ferrea mão de Jano as portas ,
E o pavoroso manto desabróxa ,
Que ao peito lhe atão áspides medonhos :
Delle derrama a peste , a fome , a guerra ,
Solta-se , ondêa a tricolór bandeira ,
E , quasi aos golpes do primeiro raio ,
Já clama a Morte de assustada , basta.
Tantas victimas cahem , tantos alastrão
Dessangrados cadaveres a terra !
O mar se sobressalta , o mar se espanta
De ouvir continuo os horridos bramidos
Dos vulcanicos trovões ; ficão cobertas
De tristes restos náufragos as praias.
Rompe a Furia do Báltico os regios ,
Chama do frio Pólo a guerra , a morte.
Nunca o Pó velocissimo , que as agoas
Sente engrossar co' a neve , que nos Alpes
Descoalha o Sol , tão rapido se lança

No Adriatico mar , como furiosas
Da gelada Siberia as Hostes correm ,
E vem pizar do Tybre a marge' inermes ,
Da grandeza Latina inuteis restos !
Vem outra vez da frigida Livonia ,
Da Escandinavia barbara os Guerreiros
Trazer nas mãos o ferro , o raio , a morte.
Treme o berço de Tytiro , e se cresta
Do Cantor immortal o louro em Mantua ,
Quando os canhões horríssonos vingarão
O juz dado á maldade , e dado ao crime.
Novo Annibal do Pólo assusta , e piza
Não generosos Consules , mas feras ,
E a corrompida Gallia agora sente
Estragos mais crueis , que Roma outr' óra
Sentira em Trazimeno , em Trebia , em Cannas.
E quanto sangue , e lagrimas entornas
Inda atégora , Europa espavorida !
Hum Cesar , só no vicio , inda fulmina
Injusta guerra ; barbaros triunfos ,
Que a perfidia lhe dá , de luto cobrem
Triste mãe , triste esposa , e filhos tristes.

Eia , eu remôvo do sanguineo quadro
Olhos , que á dor as lagrimas não negão ;
De Marte á vista turbida se assusta
Tranquillo expectador da Natureza.

A quem repouso apraz silencio he Nume :
O pavoroso estrepito da guerra
Atemorisa accezo enthusiasmo ,
Afrouxa , estanca os impetos do genio ;
Volvo ligeiro ao Sol , eu torno aos astros.
Abrem-se as portas do purpureo dia ,
Rompe o globo da luz , e a luz s'entorna ;
Incomprehensivel fluido , sublime
Obra das mãos de Artifice Supremo :
Inutil creação , se a luz não fôra !
Eccho primeiro da palavra eterna
Sobre o cahos troou , e o cahos fuge.
A luz abrange os Ceos , e abrange os glóbos ;
He seu imperio o espaço , e inda não posso
Deste imperio saber qual seja o termo.
Chega a meus olhos subito vibrada
Da violenta concussão dos raios ,
Que , quando nasce , e gyra , o Sol derrama :
Corre , que assombro ! a desmedida estrada ,
Que vem do Firmamento aos olhos nossos ,
A' mente humana incognita substancia ,
Visivel ao sentido , isto só basta.
Sempre a mão lhe convem d'agente externo ,
E tudo nasce de sensivel causa.
Quantos objectos ha que a vista encantão
Com tão pasmosas variadas cores ,

São milagres da luz , e effeitos della.
Se vejo os toques do purpureo esmalte
Da rosa nos jardins , quando o mez volta
Do Touro roubador da incauta Europa ;
Se o pálido matiz , se o roxo enfeita
A violeta humilde ; se descubro
Sobre o lirio o candor da neve Alpina ,
E o verde universal , que enroupa as plantas ;
Se o vivo azul do Ceo no mar s' espelha
Quando o bafeja Zefiro suave ;
Se nas ondadas perolas observo
A variante côr de ouro , e de rozas ,
Que d'Alva , ao despontar , no rosto assomão :
Ou dos rôxos listões que aformoseão
Os doces apartados horizontes ,
Quando o Sol quasi immerge o disco ardente
No seio undoso da cerulea Thetis ,
A luz lhes dá belleza , e empresta as graças ;
Que de si nada tem. Della procede
O magestoso meteóro , ornato
Das nuvens , e do Ceo , que o douto choro ,
Da Natureza interprete , e das Musas ,
Chamou n'hum tempo a filha de Thaumante.
Era ignorada dos mortaes a essencia
Das côres de que fórma o enfeite , e gala
Da veste universal a Natureza.

Erros ouviu sómente a douta Athenas
Nos vergeis de Acadêmo: o vasto Genio,
Por tanto tempo o Déspota da Escola,
Em erros deixa o Mando, até que hum Newton
Os grilhões lhe quebrou com mão robusta;
Eu digo Newton de Albion soberba
Tymbre illustre, e brazão. Pôde primeiro
Mostrar d'alta verdade a estrada ignóta;
Co' o xôo rapidissimo penetra
As estancias da luz, e a luz conhece,
E o grande arcano á Natureza arranca:
He frouxa, he sem vigor Pieria chamma
Para seguir-lhe os extases divinos.
A retulgente luz, que aos olhos mostra
Quanto em quadros ostenta o Ceo, e a Terra,
Brilhava, e não sabida: em fim do excelso
Astro natal desceo Genio sublime.
Ethereos Cidadãos do ethereo assento,
Invejai os mortaes! Newton descobre
As leis, que os globos tem; (pasmoso esforço,
Que o termo transcendeo, prescripto aos homens!)
Equilibrado nas robustas azas,
Gyrou do ether pelo campo immenso,
A luz foi descobrir na ignóta fonte.
Era, qual fora o Nilo á idade antiga,
Na fonte ignoto, na carreira visto.

Não de Estagira co' as ambiguas vozes,
Occultas leis, ou turbilhões sonhados :
Seguiu sómente a voz da Natureza ,
Só ella ao Templo de verdade o léva.
Elle primeiro o disse, que as vistosas
Côres morão na luz , na luz existem.
Da luz diversas refraçções nos corpos
Formão das côres o matiz diverso.
Ah ! s'hum Anjo invejar podera os homens ,
Tão profundo mortal certo invejára !
Penetra nos umbraes da Natureza ,
Rouba hum só raio á luz , e elle só basta
Quando , atravez do prisma cristalino ,
Fez sahir deste raio as côres todas.
Ao claro aspeito da Verdade , o Mundo ,
Quebrados os grilhões do engano , exulta.
Tambem da antiga Escóla o douto orgulho
Ficou confuso ; no sobrolho austero
Em vão lhe chammejou disgosto , inveja ;
Debalde quiz com tétricos clamores
Oppôr-se á prova esplendida , e sublime ;
O indagador da Natureza surge
Do somno em que jazeo , rompe as cadêas
Da servil ignorancia , as azas solta
Apoz o grande explorador Britanno ;
Ao fulgor da verdade antigos erros ,

A antiga opinião, qual sombra, fogem.

A imagem do prazer, nectar celeste,
Que banhava meu rosto, e o peito enchia,
Ou se esvaece, ou se perturba hum pouco,
Ao ver do Sol o rosto luminoso
De triste sombra pálida coberto.

Espessas manchas ondeantes gyrão
Pelo Oceano trémulo de fogo:
Novo segredo arranco á Natureza!
Sempre fervendo o Sol volve, e revolve
Hum pélago de chammas, desde o centro
A' extremidade liquida arremessa

Denegridos cachões de massa impura;
Então de espesso fumo a grossa nuvem
Embacía o clarão que o Sol nos manda:
Descóra o rosto fulgido, e desmáia;
Em permanente eclipse s'escondera,
E sombra universal do Nada antigo
Sobre o astro central prestes cahira,
Se Omnipotente mão, que rege os Mundos,
Não dissipasse os turbidos vapores,
Ou véo sombrio que lhe afuma o rosto.
Nem outra origem teve, ou fonte aquella
Medonha palidez, que hum tempo vira
Romano Povo heróe no rosto a Febo.
Não foi por certo, não, de Jove a sanha,

Que no Sol quiz vingar de Roma o crime ,
Como a voz da lisonja , em aureos versos ,
Quiz o Mundo illudir no egregio Vate ,
Quando o punhal da infausta liberdade
Tirando á Patria hum monstro a entrega a.cento.
O sangue em borbotões rebenta , e mancha
O sceptro que sustinha a Tyrannia :
Cobre o rosto co' a clamide soberba ,
E victima cahio de Roma escrava.
Jove não vinga o barbaro attentado
De caminhar por montes de ruinas ,
E por ferros , que á Patria o jugo aggravão ,
Ao solio encantador , onde orgulhoso
Ao Mundo avassallado as leis promulgue.
Ou foi insipiencia , ou foi lisonja
Honrar as cinzas do soberbo Julio
Com luto universal da Natureza ;
Mas a luz da sciencia inda não tinha
Fulgurado entre os filhos de Mavorte ;
Deixavão que outros de polidos bronzes
Os respirantes bustos levantassem ;
Que os inflados réos das mãos da morte
Górgias , Isêo , Demosthenes remissem ;
Só quizérão dar leis do Tybre ao Ganges ;
O orgulho vencedor se rio mil vezes
D'ouvir nos doutos porticos de Athenas

Da sciencia os oraculos sublimes
De Zeno austero , de Platão divino.
Sylla Athenas venceu , lança-lhe ao cóllo
Dos escravos o ferro , e piza as artes.
Entrega Mumio ao fogo a alta Corinto ,
Das chammas voracissimas são pasto
De Myron , de Polícrates os vasos ,
E esses labores immortaes , que levão
De Fidias , de Leucippo o nome aos astros.
Inda entre elles não tinha hum genio illustre ,
Contemplador da Natureza , exposto
A vida por saber o arcano occulto ,
Que as chammas do Vezuvio accende , e nutre.
Porém dos povos , que as Romanas Aguias
Podérão empolgar , surge brilhante ,
Da sapiencia a luz ; os Ceos , e os Astros
Sabidos nos são já , e a Natureza
O magestoso seio desabróxa ,
Já vencida do estudo , e da sciencia.

Deixo o disco do Sol , abro , e desfiro
Quasi de todo entorpecidas azas ,
E varro o ether , que divide , e certa
No gyro melancólico o Planeta ,
Que no luto dos Ceos nos supre o dia.
Primeiro mostra as pontas prateadas ,
Qual arco d'onde sahe setta estridente ;

Progressivo clarão , cresce , e lhe deixa
Cheio o disco de luz suave , e branda.
Astro amigo dos Vates , quantas vezes
A seu doce fulgor vélo , e medito !
Assim velou nas margens do Tamisa
O Cantor triste , o Numen da Elegia ,
Quando no escuro tumulto encerrava
Graças , belleza , amor , trofeos da morte ;
Magoada então Melpómene lhe afina
A terna lyra d'ébano , e decanta ,
Sentado junto á lapida insensivel ,
Os duros fados dos mortaes , que pedem
A dor ao coração , aos olhos pranto.

Eis meus sublimes extases pararáo :
Meditação profunda além dos Astros
Me fez voar na abobeda soberba ,
Que a habitação mortal cobrir parece.
O magestoso pavimento agóra
Eu devo contemplar ; prodigios nóvos
Em larga copia aos olhos se offerecem
Neste terreno globo , alvergue humano.
Do Sol em torno segue as leis dos outros ,
Rodando sempre , hum circulo descreve ,
E , Planeta tambem , no ár fluctúa ,
E sem romper dos trópicos a méta ,
O'ra proxima ao Sol , óra apartada ,

Debaixo sempre de diversos pontos ,
Nos mostra sempre o Sol no immóbil centro.
Co' a progressiva rotação nos fórma
As successivas estações ligeiras.
Sempiterno Geómetra lhe marca ,
Quando em torno do Sol muda caminha ,
Distancia tal do scintilante fóco ,
Qual dos Entes mortaes convinha á essencia ;
Se mais do centro hum pouco se apartasse ,
Se se alongasse mais , algente , e frouxo ,
Inhabitado globo o espaço enchera :
Se , estreitando-se o circulo , gyrára
Mais proxima do Sol , torrada , e seca
Da vida habitação talvez não fóra.
He este o brádo universal , que mostra
Em tanta porporção , e em leis tão justas ,
Hum que preside a tudo , Author dos Entes.

Quanto he digno dos sons da eburnea lyra
O pomposo espectáculo da Terra !
A Terra , nossa mãe , que em seu regaço
Nos recebe nascendo , e nos sustenta ;
E quando as justas mãos da Natureza
Rasgão da fragil vida a instavel têa ;
Quando se acaba a paz , e o laço estála
Dos elementos na mortal substancia ,
Abre o gremio outra vez , e os desprezados

Trofeos da crua morte esconde , e fecha.
Guarda nossa memoria , e guarda o nome
Contra o furor da rápida existencia.
Fazem-nos guerra os outros elementos ,
Desatão sobre nós pezadas nuvens
Horrissonos chuveiros , e outras vezes
Correm furiosas rápidas torrentes ;
Tolda-se o ár de turbidos vapores ;
Com medonho fragor , fuzila , e tóa ;
Instrumento da vida , a vida estanca ,
Se com miasmas putridos s'engrossa.
A Terra bemfazeja , e branda , e meiga ,
Das mortaes precizões he sempre escrava.
Quanto espontanea dá ! Quanto obrigada !
Que perfumes exhála ! Quantos succos
Rica transfére , ás arvores , ás plantas !
E , sempre liberal , mais amplo volta
O pequeno depósito , que ao seio
Esperançoso Lavrador lhe lança !
Mas esta Terra que tão grande , e vasta
Se mostra aos olhos meus , hum ponto apenas
He na esfêra da immensa Natureza.
Mas este quasi indivisivel ponto ,
He theatro do orgulho , e da soberba ,
He campo onde a ambição se espraia , e cresce ;
Aqui busca os braços , e as honras busca ,

E disputa com sangue hum throno , ou nada.
A mortal geração tumultuosa
Sobre este ponto escuro a guerra accende ,
E com fatal reciproca vingança ,
Vazio o quer deixar. Nestes limites
Estreitos na razão , no engano grandes ,
Inda se ancêa o vencedor de Arbella ,
E dos olhos Demócrito lhe arranca
Pranto , quando lhe diz , que existem Mundos.

Mas nesta habitação , dominio nosso
Quanta o Divino Architetor conserva
Antiga formosura , e nova sempre !
Que multidão sem número de Seres ,
Que em tres Reinos divide a Natureza ,
No seio lhe conserva , e lhe renóva !
Que harmonia , que leis ! Em vão me offendo
De vêr a Terra desigual ! Meus olhos
Canção de vêr a bruta penedia
Quasi perdida no horizonte ; os Cerros ,
Que idade antiga a Cinthia consagrára ,
Do vario moto seu não são defeitos.
Da eterna Sapiencia idéa augusta
Vem despertar em mim medonhas massas ,
Como bases do Ceo , e a cuja frente
Temem , (que altura !) remontar-se as Aguias ;
Onde não sopra o vento , ou chega o raio ,

Nem jámais se condensa , e expande a nuvem !
Desmaia a fantasia , encolhe as azas
Timida Musa , se transpor destina
Das altas rochas escavado cume ,
Que só naufragio universal cobrira.
Tanto , ó Haller , teus extases poderão !
Tu , que dos Alpes as nivosas frentes
Soubeste decantar : se tu correras
O Caucaso gelado , o Tauro , o Gate ,
Que magestosos , que sublimes quadros
Afamirão teu canto , onde a Pintura
Tem lições que escutar , e Urbino idéas ;
Se contempláras ásperas montanhas ,
Onde o mortal que sóbe , observa , e nóta
Brilhar por cima o Ceo , sereno , e claro ,
E debaixo dos pés por entre opácas
Nuvens cruzando o raio estrepitoso !
O furor Hespanhol transpoz sem medo
Estas da Terra altissimas barreiras
Com que em porções iguaes d'hum Pólo a outro
Dividio Natureza o Mundo opposto !
Nunca farto de imperio , e de thesoiros ,
O mar assoberbou , e as leis sevêras
Com que braço immortal , huns povos d'outros
Pretendeo separar , quiz pôr distantes !
Virão teus olhos , denodado Almágro ,

Incorruptos cadáveres daquelles
Tygres , que ao lado teu sangue anhelávão.
Inda os achaste nos aéreos cumes
Armados de aço , e ferro , inda no rosto
Lhe observaste as feições dignas daquelles
Horridos monstros ávidos de sangue ,
Mais que de sangue cubiçosos de oiro.
Do extremo Panamá té onde ousára
O ressentido Magalhães lançar-se
Ao inda intacto , incognito Oceano ,
Encadeados montes se levantão
Ao ár vazio , pelas nuvens rompem ;
Alli do claro Apollo o lume ardente.
Nunca descoalha a neve , ou quebra o gêlo.
Dalli se perde a vista , ou se deslumbra
Se os precipicios encarar se atreve ,
Que entre as quebradas rochas se profundão.
Destes cumes aos Ceos alçaste a vista ,
O' Condamine , indagador , que intentas
Sobre a Terra estender aureo compasso ,
Medir , determinar a ingente móle ,
Qual se mostra esferoide perfeita ;
Quam rica descobriste a Natureza !
De seus pinceis a força aqui se apura ,
Seu vigoroso colorido excita
No genio ás Musas dado assombro , e fogo ;

Por vastas solidões estende os rios ,
Que antes de entrar no mar parecem mares.
Cerrados bosques pelas nuvens metem
Troncos , que vão datar talvez do berço ,
Ou do diluvio universal do Mundo.
Immensas solidões , no horror sublimes ,
Magestade , extensão , riqueza , tudo
A imagem te amostrou do Omnipotente ,
E destes troncos se derramão filhos ,
Enormes como os pais , os Guararapes ,
Cuja espantosa cima os pés humanos
Nunca poderão profanar té agóra ;
A par de cuja altura , e massa , e bosques ,
Sombras pequenas são , ou nada , aquelles
Inuteis propugnáculos da Hesperia
Hoje , e n'hum tempo da soberba Roma
Escudo impenêtravel , que sómente
Annibal dividio , quando a vingança
Trouxe de Dido a Trasimeno , e Cannas :
Sombrios Pyrenéos , barreira imbelle ,
Que a perfidia de barbaros quebranta
Não esforço , e valor. Vós , levantadas
Montanhas , com que ao Ceo a Armenia acena ,
Tu , de Trinacria ignífera montanha ,
Que , se a sulfurea labareda exhalas ,
Cruzando Abyla , e Calpe , o nauta avista ;

Melancolico Atheo vos táxa , e nota
De inutil mancha que desfêa a Terra ,
Mas vossos bens ignora , e não descobre ,
Da eterna sapiencia em vós o sello :
Da nossa habitação sois formosura ,
Para vantagem nossa a mão do Eterno
Estes , dignos de hum Deos , Colossos ergue.
São das agoas depositos perennes
Dos não doutos mortaes á vista occultos ,
E sem cessar as liquidas torrentes
Delles brótão na terra árida , e dura.

O' Genio observador , tu , que derramas
Na mente de Buffon da luz a enchente ;
Tu , que a sublime estrada lhe marcaste
Ao sanctuario dos segredos todos ,
Que a magestosa Natureza esconde ;
Se eu digno sou de ti , se as Musas devem
Amenizar varedas escabrosas ,
E os abrolhos mudar do estudo em flores ,
Onde subir Naturalista abstracto
Dá-me que eu possa remontar meus vãos ;
Das Musas a harmonia os montes fende ,
Já sua luz penetra abysmo escuro ;
Lyra , que chama os marmores a Thebas ,
Quebre as rochas do Caucaso espantoso :
Eis vejo o centro escuro ao Emo , aos Alpes ;

Da Escandinavia os cerros orgulhosos ,
Os que bordão o Euxino , os que rodeão
A barbara Siberia inculta , e triste ,
Onde o Inverno se alverga , e pune o crime ;
Os que de eterno gêlo o campo assombrão ,
Que o Tártaro fugaz cultiva , e deixa ,
Rasgão-se aos olhos meus , e as bazes mostram.
Vejo os milagres do assombroso Atlante ,
Que parece que os Ceos sustem na espadua ;
Descubro as fundas , horridas cavernas ,
Que o coração da Lybia em torno abração.
Debaixo de outro Ceo meus passos volvo ,
Onde de hum Pólo a outro os montes surgem ,
Cuja frente jámais nuvens cobrirão ;
O arcano se descobre , o véo se rasga ,
Na origem perennal descubro os rios.

O luminoso Sol ao vasto Oceano
Rouba , em vapor subtil , ceruleas ondas ,
No seio as feicha dos delgados ares ;
Rarefaz-se o vapor , tolda-se o dia ;
Sobre as azas do Sul volantes nuvens
Correm , lançando do medonho seio
A chuva salutar que a terra ensópa ;
Chega , calando , ao coração dos montes ,
E , nas vastas entranhas cavernosas ,
Da propria gravidade as leis seguindo ,

Como em vasto depósito se ajunta ;
Pouco a pouco , filtrando-se , rebenta
Das raizes de alpestre serrania ,
Escorrega , e borbulha entre rochedos.
Pobres , sem nome , incognitos regatos
Por entre as pedras murmurando correm ;
Vê-se no fundo d'agoa a mole arêa ;
Perguiçosa torrente os troncos beija ;
Mas bem depressa s'entumece , e brame
Pelos hervosos campos derramada ,
E na passagem rapida encorpóra
Em si filtradas agoas d'outros montes ,
Que vem , como tributo , e fendo humilde ,
Mais engrossar-lhe a cristalina vêa.
Crescem-lhe as ondas , cresce-lhe a soberba :
He já rio caudal , tem nome , e fama ;
Inunda , fertiliza o campo extenso ;
Seu leito he largo , e fundo , e sobre a espadua
Do grão pezo orgulhosa as náos sustenta ,
E a magestosa marcha então suspende
Quando no mar se lança , e se confunde
No vasto Imperio das amargas ondas.
Tal dos aereos Andes sahe pequeno
O Mississipi , o rapido Oronoco ;
Tal das entranhas da Goiana rompe
O Paretonio Nilo , e hum pouco as agoas

Occulta no Gambêa , e vem de novo
Trazer na inundação fartura , e nome
Ao livre Egypto hum tempo , e agora escravo.
Tal com elle , cortando a Lybia adusta ,
Sahe da mesma montanha o Zaire , e busca
Debaixo do Equador o immenso Oceano ,
Onde o Sol já cahindo o carro atúfa.
Tal rebenta do frigido Nifate
O Tigris velocissimo , que outr'óra
Vio na carreira immensa Imperios vastos ,
Ruínas hoje encontra , e os campos córta
Onde foi Babylonia , onde Palmyra.
Tal de Hiperboreos montes regelados
Se precipita o solitario Volga ,
Corta infecundo campo , onde parece
Que a Natureza esmorecêra toda ;
Nem verde musgo o cobre , e assim cansado
Entra nas margens barbaras do Caspio.
Assim destes depositos correndo ,
Vem soberbas enchentes , que se lanção
Das escarpadas rochas , e que fórmão
Cascátas naturaes dignas da vista
Do sabio pensador , que piza , e mófa
Dessas que o luxo em Tívoli formára.
Quanto sublime a Natureza vejo ,
Se ao longe o baque escuto , e a espuma observo

De Niegára nas remotas pedras :
Silencio , filho de espantosos ermos ,
Rompe-se alli continuo , e alli se escuta
De cem trovões continuo o berro horrendo.
Raios , raios do Sol engrossão rios ,
No calmoso Estio a prumo tóção
Montes de neve , que o cabeça augmentão
Dos escavados Alpes , e em torrentes
Cahe no Rheno , e Danubio , e as agoas crescem.
Talvez , se a mente acceza arcanos rompe ,
Que só venhão daqui do Nilo os éstos ;
Já não lhe esconde a Natureza a fonte ,
Já póde o sabio vêr pequeno o Nilo.

Fogo Pierio , que me escalda o peito ,
Rompeo dos montes lóbregas entranhas.
Desço ao seio da terra , ah ! mãos profanas
Não lho querem rasgar , longe a avareza
De hum Vate , a quem thesouro he fama , e nome ,
Da humana habitação no centro escuro
Se esconderão metaes ; famintos braços
Lá lhos forão buscar ; primeiro ao dia
Veio a luz empecer no vivo ferro ,
Util á vida , e pessimo instrumento :
Feito em severo arado os sulcos abre ,
E a Madre Terra lhe agradece os golpes ;
Ditosa usura , que sustenta os homens !

Elle os marmores fende , elle os aliza ;
Ao mortal dá sustento , e dá guarida ;
Nos montes da Livonia o pinho abáte
Em que ás ondas s'entrega o nauta ousado ,
E vai n'hum laço só ligar dois Mundos.
Porém co' o mesmo ferro á guerra vôa
O deslumbrado idólatra da gloria.
Como se os Fados vagarosos fossem ,
Damos azas á morte , ao ferro as damos :
Meiga Mãi Natureza os olhos feicha ,
De balde em seu regaço os filhos guarda
Para os dar , mas em tempo , á morte escura.

Eis mais cruel que o ferro , e mais que a morte ,
Do centro profundissimo da terra
Sahe lúcido metal ; com elle ao Mundo
Vierão té do Inferno os males todos ,
E dos vicios a pálida cohôrte
Com elle humanos corações assalta.
Ah ! podera o mortal de todo , ó oiro ,
Da vida desterrar-te , ella corrêra ,
Do prazer escoltada , e da alegria.
Tu lhe roubas a paz , e até parece ,
Que constrangida o déra a Natureza.
Ella o foi sepultar no fundo abysmo ,
E lá desce o mortal , lá perde a vista
Do fulgurante Sol , do ethereo Olympo ;

Só vai palpando horror , divisa a sombra ,
Que a triste luz d'alpampada lhe mostra :
Embora escuro horror seus olhos vejam ,
O avaro coração busca thesouros ,
Com taes filtros o peito se lhe torna
Impenetravel ao temor da morte ,
Afronta a escuridão , sopêa o susto :
Eu lhes chamara Heroes , se outro tivêra
Motivo a intrepidez , motivo a força.
Mas só buscão metaes , cujos altâres
A tôrpe mão da sordida avareza
De miserandas victimas povôa.
Cavado o Potosi dista já pouco
Das sombras infernaes , e inda lá desce
Famulenta cubiça após riquezas.

Mais proximos a nós , funestos menos ,
Corpos esconde a Terra , que despedem
Agradaveis revérberos de luzes.
Da vista os fez recreio a Natureza ;
Nelles o duro aváro adora Numes.
Golconda , Visapúr , teus campos vejo ,
Rochedos de Narsinga , onde se occulta
Brilhante formosissimo , que excede
Em luz das pedras fulgidas o vulgo ;
O abrazado Rubim , que até na sombra
Da noite em si conserva a luz do dia :

A saudosa Amethista , onde se apura
O suave matiz do rôxo Lirio ;
O pálido Topasio , em que he mais bella
A palidez do Goivo , e da Giésta ;
O esperançoso verde aos olhos grato
De que a Esmeralda fúlgida s'arrêa.

Deixo as sombras da terra , aos ares volto
Interminavel fluido ! só nelle
Entre os seres organicos eu vivo.
Pela extensão do espaço abrange os corpos
Sempre agitado , elástico se móve ;
Da força que o comprime as forças tira.
Elle sustenta das ligeiras aves
Os vôos rapidissimos , com elle
As animadas máchinas s'agitão.
Formão-se delle acasteladas nuvens ;
Co' as varias estações s'altera , e muda ;
Alternativas impressões recebe
Do frio , e do calor. Oh massa enorme ,
Que immenso pezo tens ! E não se esmaga
Com tamanha pressão meu frágil corpo !
Que dique se lhe oppõe , que laço o prende ?
Musa , desdenha hypotheses , e muda
Suspende neste abysmo o vôo , e a força.
Nimiamente mortal , não posso tanto
Que fôrce as portas do escondida arcano ;

Dócil , o effeito admiro , a causa ignóro.

Que exacta proporção , que exacto acordo
Vejo entre o ár , e os corpos luminosos !
Ou venha desvelada a Aurora abrindo
Co' as roseas mãos as portas do Oriente ,
Auri-roxos listões nos Ceos lançando ;
Ou desça ao mar a alampada do dia ,
E os Ceos azues de purpura recame ;
Do ar subtil , do fluido pasmoso
Nasce a scena encantada , em que s'entranha ,
Em que se engolfa o pensador , e o Vate !
Quando desponta o dia , e os altos montes
O Sol com débil raio apenas doira ,
Espairecendo pelo campo extenso ,
Vejo a luz refrangir-se , obliquos manda
Multiformes revérberos , que aos olhos
Fórmão mais gratos os soberbos quadros
Da inteira creação ; tantos milagres
Tem principio no ár ! Quanto aproveitão
Estas formosas refrações no Globo ,
Do Ente racional palacio , e throno !
Surge subito o Sol , mas não deslumbra ,
Nem fére co' a luz subita meus olhos ,
Nem cáhe dos áres de repente a noite ;
Mas progressiva escuridão s'avança ,
O ár fórma o crepusculo da tarde ,

Quando parece , que na occidua Thetis
Do Sol o disco fulgido se immerge.
Talvez , douto Mairan , que esse abrazado
Assombroso clarão , que surge ao pólo ,
Que ao gelado Lapão , e Islandia triste
Supre na sombra prolongada hum dia ,
Seja de Febo a refração , que fique
Preza nos áres liquidos hum pouco.
No Reino vegetal viçoso , e bello
Do circumfuso fluido se sente
A efficacia , e poder ; com elle as plantas
De saborosos fructos se enriquecem :
Gyra com elle a seve animadora ;
Secos troncos de folhas se revestem ;
Nos entes racionais , nos entes brutos ,
Mais se conhece seu poder , seu sceptro
A força empresta á machina vivente ;
Se elle fallece , o movimento acaba ;
Quando na douda máchina se furta ,
Debil chamma mortal se apaga , e foge.

Mas ah ! s' hum vapor putrido corrompe
Este corpo subtil , que envolve os corpos ;
Se turva exalação dos ermos campos
Da barbara Tartária , e se das quentes ,
Sôltas arêas do stagnante Nilo ,
Onde montões de insectos corrompidos

Mandão aos áres putridos vapores ;
Então se torna indómito Tyranuo
O que he d'aura vital principio , esteio ;
A filha mais cruel do Inferno , a Peste
Escoltada da Morte , assombra o Mundo.
No luctuoso manto envolve os ares ,
Só visiveis no golpe as settas manda :
As Cidades são tumulos medonhos ;
E tudo he cóva , e cimiterio tudo.
Oh alma Natureza , oh mãe dos entes ,
Só madrasta cruel te fez o crime !
Que mal produz o ár , se encadeado
As austeras prizões , e os ferreos laços
Com violencia elastica desáta !
Funesta condição , funesto estado
Dos miseros mortaes ! E inda era pouco
Viver no Imperio universal da morte !
Se he desgraça a existencia , a morte he pena !
Toldão-se os claros Ceos , subito fogem
Dos assustados olhos ; repentina
Pousa a noite no Globo escura , e feia ;
Rompe o triste clarão d'hum polo a outro ;
Mostra-se a escuridão : das nuvens parte
Com berro estrepitoso o fogo , e a morte.
Horrendo filho d' hálitos nitrosos ,
E de vapor sulfureo , o raio desce

Quando quebra as prizões , e os ares rasga.

Mas não só do ar fluido no gremio
O raio origem tem , o imperio a força ,
Da terra dura no cavado seio
Tambem poder , e estragos alardêa ,
Quando em cavernas horridas s' expande
Pelo toque do fogo o ár comprimido ;
Então rebombão nos profundos vales
Horrissonos bramidos : vacillante
Sobre os eixos a terra abre as gargantas ,
E no bôjo outra vez sepulta os montes ,
Que de si já lançou , (se a voz das Musas
Inda deve seguir , Buffon , teus sonhos !)
Então muge o Vesuvio , e da espumante
Boca vomita refervente lava ,
Do fumo espesso nuvens enroladas
Grossos chuveiros de estuantes cinzas ,
Que a mentirosa Grecia , outr'óra disse
Serem raios , que Encélado arremessa
Quando , movendo a hum lado o corpo opresso ,
Faz oscilar a ignifera montanha.

A terra vasta retalhada vejo
De escuros profundissimos abysmos ,
Onde a vista se perde , e se deslumbra.
Se de escarpados montes os contemplo ,
Quebradas rochas vejo entre montanhas ;

Talvez das agoas impeto espantoso
Por dilatados seculos batendo
Haja cavado tantos precipicios !
Talvez que o vasto mar medonho , e turvo ,
Cobrando á voz do Eterno o terreo Globo ,
Quando outra vez fugio deixasse impressos
Estes sinaes do violento Imperio :
Hum véo mysterioso esconde as causas
Aos olhos dos mortaes ; profundo estudo
Ajudado dos seculos o rasga.
O ár no centro do rotante Globo
Se rarefaz c' o fogo , então quebrando
Insofrido o grilhão , já livre , e solto
O seio rasga á machina convulsa ;
Então se despedaça , então do centro
Novas torrentes espumantes lança ;
C' o choque horrendo o pedregoso monte
Se fende , e estala , se submerge , e fôge ;
O cego abysmo subito apparece.
Além vasta Metrópole soberba ,
Co' a violencia do terrestre abálo ,
Pelas entranhas lóbregas se afunda ;
Sorve-lhe a terra os muros , e os Palacios ;
Nem se escuta clamor , nem voz , nem pranto
Dos miseraveis engolidos nella.
O sitio onde existio de balde inquiri ,

Tão repentina sepultura a feicha !

Na humana habitação quantas desgraças
Lançou do seio escuro o Crime infausto !

Dellas aparto a vista espavorida.

Entre espinhos também vicejão rosas.

Vejo no campo estenso as loiras messes

Formar cadeias de douradas ondas ;

Vejo , tremendo nas erguidas Faias ,

Troncos flexiveis , folhas volteantes ;

Vejo crespas correr do rio as agoas ,

O brando vento , com benigno assopro

Taes bens derrama de principio ignoto.

Muito , e muito a ciosa Natureza

Em seu sacrario esconde ! Os bens gozemos ,

Eu deixo as causas ao Motor Supremo.

Que bens trazeis á Terra , ignotos ventos !

Quanto vos deve humano domicilio !

Vós renovaes o ar com puro assopro :

Hides depôr nos campos ubertosos

Os ferteis saes , os sucos creadores :

Vós só fazeis cortar liquidas agoas ,

Se as vélas infunaes da não ligeira :

Vós embotaes as settas penetrantes

Do frio , que no Inverno os áres córta.

E nos climas por onde o Sol fervente

A prumo os raios fulgidos dardeja ,

Trazendo a branda viração nas azas ,
Seus suffocantes hálitos se adoção :
Vós dais , continuo , ao ár diverso estado ;
Trazeis , ou suprimis a chuva , o gêlo ;
E , sacudindo as arvores frondosas ,
Levais aos fructos seus maturidade :
Vós instrumentos sois do laço estreito ,
Que une povos , nações , climas remótos ,
A quem serve de fosso o immenso Oceano.
Este fim se propóz Motor Eterno
Quando os ventos creou ; não quiz por certo ,
Que as legiões armígeras levassem
A devastar os Incolas tranquillos
De estranha região , que o ferro ignóráo :
Nem quiz que as náos velívolas posessem
Frente a frente , (que audacia !) sobre as ondas ,
As ferreas bocas vomitando mortes ,
Como se fosse a Terra hum campo estreito ,
Em que humana ambição derrame estragos.
Mas a perfeita paz , doce equilibrio ,
Que na Aurora do Mundo os ventos tinham
O crime , que enlutára a Natureza ,
De todo dissolveo : discordia , e guerra
Amotinados entre si conservão ,
D'oppostos pontos subito voando ,
Amentoão no ár pezadas nuvens.

Estende as azas negra tempestade ,
Engrossa o furacão , rebrama , e tóa ;
O medo o precedeo , o estrago o segue ;
No vasto mar , nos campos cultivados
Tristes vestígios de seus passos deixa :
Longévos chopos , rígidos carvalhos ,
E até , rivaes dos séculos , os cedros ,
Quaes as espigas pálidas se abátem.
Desprendem-se de alpestres serranias
Penhascos que fendera o raio accezo ;
Com pavoroso baque aos valles descem ,
He já mar sem limite o campo extenso ;
Inda nos mostra o mar mais triste aspeito ,
Quando , onde móra o recatado China ,
O medonho tufão revolve as ondas ,
E tapa , repentino , os Ceos , e os Astros.
Ao duro Nauta , que vigia os áres ,
Se mostra no horizonte a negra mancha ,
Germen da feia , subita procella ;
Inda que hum meigo Zefiro enganoso
Afague o solto panno , e nelle brinque ;
Subito ferra : ao pálido Piloto
Nas denegridas nuvens que se ajuntão
Da morte a triste imagem se apresenta ;
Arde o ár em relampagos medonhos ;
He noite repentina , e no horizonte

Inda o Sol vai guiando o carro ethereo :
Tantas se ajuntão nuvens carregadas !
O mar estala , as ondas s'amotinão ,
Quaes se baralhão as contrarias hostes
Nos campos que o Danubio enchendo alaga ,
Quando se atica a rábida carnagem ,
E o campo ensanguentado aos olhos mostra
Os trofeos da ambição , da gloria o fructo :
Quando d'entre montões de fumo espesso ,
Com riso amargo despiedada Erinnis ,
Vê que os humanos não precisão della :
Tal he dos mares férvidos a scena ,
Se o Tufão deo signal , e a guerra accende.

A lava , o fogo , que o Vesuvio exhála ,
O raio velocissimo , a tormenta ,
Que nas azas do vento o Mundo assóla ,
São nas mãos do Immortal , promptos flagellos ,
São grito atroador , que os máos assusta ,
Inda que d'oiro , e purpura se vistão !
Indolente Epicuro embora julgue
Vêr só modificada a inerte massa ,
Sem designio , sem fins , sem leis , sem ordem ,
Do acaso producção , do acaso effeito ;
Eis nova maravilha , eis novo arcano
Nesta estancia mortal descubro , e vejo :
He sua formosura , he seu sustento

Principio avivador nos entes todos.
Oh fogo activo , incógnita substancia !
Rapidissimo fluido , que abranges
A Natureza inteira , a mão do Eterno ,
Te imprime o vivo , acelerado móto ;
Ella nos corpos te concentra , e guarda ;
E serás sempre occulta á mente humana ,
Substancia elementar ? Qual atrevido
Prometheo despregou , desfiro as azas
A devassar da Natureza o seio :
Agras varedas , ingreme caminho !
Mil conductores me offerece a Escólla ;
Mas entre tantos dividido fica ,
Suspenso o vôo do fervente engenho ;
E quando em cega , sempiterna guerra
Ferve orgulhosa opinião de sabios ,
Dentre systemas vãos foge a verdade ;
Só quem ouve a Razão co' a estrada atina
No Imperio Filosofico ; com ella ,
Qual ao clarão da Tócha , os passos guia.
Ao que medita , e vê se apraz mostrar-se
Sem véos , em claro aspecto , a Natureza ;
Só pela voz da experiencia fállá ,
E a soberbas Hypotheses se rouba.
Não existe hum lugar no Ceo , na Terra ,
Onde homoganeo , simplice , só , puro

Assento firme tenha , e reino o fogo ;
O mar , a terra , os áres estendidos
Em si contém particulas diversas ;
Té dispersas porções do fogo occulto
Nas ondas encerrou , e até no fundo
Do procelloso, e turbido Oceano.
Boherhave, teus calculos apenas ,
No fogo huma substancia activa mostrão ,
E o mais , ignoto ás garrulas escollas.
Tu es da Natureza , ó fogo , activo
Agente principal , unido , e prompto ,
Em seu corpo vastissimo te espalhas ,
Germen da vida. As ondas amargosas
Se mór frio lhes tolhe a acção do fogo
Subito em corpos sólidos se mudão.
O mar septentrional dest' arte em jaspe
Se transforma , se Aquario inclina as urnas ;
Vélos de crespa neve o ár derrama
Quando o Inverno entorpéce a força activa
Com que esta chamma rarefaz os áres.
A's mãos do Lavrador rebelde a Terra
Sem fogo o fructo nega , e já não veste.
O verde manto , que tapizão flores.

Tempo virá, (que os seculos não párao)
Em que até no Equador se extinga o fogo ,
Que óra guarda no seio o terreo Glóbo ,

Qual nos polos já vejo amortecido ,
Onde a vida acabou , e a morte existe.
O' Vate harmonioso , ó Vate egregio ,
Eis d'assombrosa machina do Mundo
Essa que chamas mente agitadora ,
Que á Lua incerta , ao luminar do dia ,
Ao largo campo , ao mar , á móle immensa
Dá vida , e movimento. A activa força
Só tem daquelle , que creára o fogo.
Este Supremo Artifice derrama
No grande corpo do Universo a chamma ;
Com ella a força electrica penetra
Quantos seres abrange a Natureza ;
Se as dimensões do corpo observo nelles ,
Forças tira de si , forças augmenta ;
Se aos fulgurantes raios se mistura ,
Que o Sol no uestorio fóco accende , e ajunta ,
Penetrantes reverberos dardeja :
Derrete o ferro , os marmores calcinas
Quando longe de ti mandas o incendio.
O' sublime Pintor da Natureza ,
Precedeo-te no esforço altivo , e ráro
Meditativo velho , que arreméça
O fogo , o raio aos lenhos nadadores ,
E ao Vencedor Romano o passo enfrêa :
Hum só braço deixou dubia a victoria ;

Mas hum brutal Soldado os fios corta
Da vida, que inda existe em douto escrito,
Que inda respeita o seculo das luzes,
De Viviani, e Galilêo disvélo.
Foi chave em suas mãos, com ella abríção
Da Natureza o magestoso Templo.
Orador consular, brazão de Roma,
Não préza em Siracusa o bronze, o jaspe,
Apuros da escultura, esforços d'arte;
Só quer vêr teu sepulcro hoje ignorado,
Só mostrar deve Tullio ao Mundo absorto
Onde s'esconda a cinza de Archimedes.
Da esfêra, e do cylindro, entre ruinas,
A repentina vista o peito abála
Do Romano Orador, borbulha o pranto,
O doce pranto de prazer, nos olhos,
Que se fitão extaticos na pedra,
Que taes despojos, que taes cinzas fecha.

O fogo avivador no centro escuro
Tem da pezada Terra imperio, e throno;
De lá mil vezes para os ares manda
O fumo espesso, a labareda, a cinza,
Que aos olhos rouba o Sol, e ao Mundo o dia.
Pelas gargantas de oscilantes montes
Este fogo central se arroja, e sobe;
Torrentes subterraneas donde nascem

Sulfureas agoas fôrvidas , que torna
Uteis á vida a mão da Medicina.
Tudo no triste cavernoso seio ,
Nos annuncia agrilhoad o fogo ,
Das várias produções da Natureza
Inexhaurivel fonte , almo principio ;
Vive em roda de nós , vive espalhado
No immensuravel ambito dos áres ,
Agente universal , faminto , e prompto
A devorar , a consumir o Mundo ,
Se o Supremo Motor Omnipotente
Não lhe lançara hum freio ás bravas furias.
Se não prendera a mão reguladora
Dos Elementos a discordia , e guerra ,
Então perdida subito a harmonia ,
Na antiga confusão , no antigo nada ,
Tão formoso espectaculo cahira.
Profunda sapiencia , eterna força ,
Teus bens continuos são , teus bens são novos ;
Thesouros , profusão , gloria , e belleza
Tu no Palacio do mortal derramas :
Que proporções , que sabia architectura
Na minha habitação descubro absorto !
Quanto o meu ser conheço , e a gloria tua !
Mas o crime afeou tanta belleza !
A's precizões da vida , á Terra , a tudo

O fogo elementar dócil se presta.
Mas a audacia sacrilega dos homens
Com sua força indomita se escuda :
Não basta o ferro, se não vai com elles ,
Onde diz a ambição, que encontra a gloria ,
Que outras bases não tem mais que a virtude.
Invenção de hum Germano o cego acaso
Delle fez hum trovão , fez delle hum raio ,
A cujo estrondo a Terra balancêa.
Impetuoso sahe dos ferreos tubos
O globo acceso , que conduz a morte ,
Altas torres converte em cinzas frias ,
Ficão ruinas os soberbos muros .
Rompe outro globo , e rapido descreve
A terrivel parábola nos áres :
Com súbito fragor despedaçado
Leva a tudo a ruina , a tudo a morte.
Por entre as mudas sombras vão sapando
A dura terra barbaros guerreiros
Té ás bases das ingremes muralhas ,
E na medonha abóbada se esconde
Sulfureo pó ; que estragos , que ruinas
Dalli , como do Inferno os áres rompem !
A Terra rebramando abre a garganta ,
Entre horrendos trovões vomita a morte ;
Ou na escufa vorage engole os muros ,

Ou pelos áres aluídas pedras
Com destrencados corpos se derramão ;
Coberto fica ao longe o campo extenso
De vestígios da raiva , ou da victoria.
Da aterrada Cambaya antigo escudo ,
O' baluartes da soberba Dio ,
Tymbres do antigo Lusitano esforço ,
Que hoje pezado sente o Gallo infido ,
Sentistes vezes mil tão duro estrágo ;
Deixais voando , illeso entre ruinas
O Portuguez magnanimo , que afronta
Dos vulcaneos canhões o estrondo , o raio ;
Manda eternos troféos de gloria ao Téjo ,
Na desmedida , horrissona bombarda ,
Onde esculpidos vem Valor , e Patria ,
Em quanto de continuo erra indignada ,
Entre alvoroços , que as muralhas cercão ,
Do vencido Sofar medonha sombra.

O' crime , ó crime atroz , cegueira d'alma
A quanto precipicio os homensavas !
O fogo activo , dádiva do Eterno
Com que seu domicilio aformosêa ,
E a suas precisões benigno acóde ,
Em assassino o torna a rajva humana ,
Que , em seu furor , dos elementos todos
Sem acordo , e razão s'escuda , e arma ,

Para exterminio seu: da mesma terra
Fórma theatro das desgraças suas !
O mortal a desdenha , e se envergonha
Quasi de a ter por mãe , por domicilio ;
A cultura despreza altivo , e louco ;
Do arado o lizo ferro alonga em lança ,
Converte a curva foice em dura espada ,
E contra a propria especie a cinge , e empunha ;
Nascendo agricultor , morre guerreiro ;
Da doce agricultura ao campo foge ,
Em que a cega ambição de sangue abasta.
O estado natural não foi da guerra
Antes que a dura , sordida avareza
Na campina commum cravasse hum marco.
Da triste voz de —*Meu*— , peor que o raio ,
Então soárão lagrimosos éccos ,
Vivia Astréa c' os mortaes , vivia
O fraternal amor , e a paz ditosa.
Do fertil campo habitador tranquillo
Era justo sem leis , recto sem medo :
Não hia o ferro da fatal bipenne
As faias profanar nos altos montes
Para sulcar o mar de ignótos climas.
O medonho fragor de Marcia tuba
Nunca assustava os timidos ouvidos ;
Nem desvelada mãe , á vóz da guerra ,

Ao peito os filhos enfiada unia.
Se havia ferro então , servia apenas
Para ajudar a fertil Natureza.
Inda ficárão de ventura tanta
Alguns vestigios na mudada terra :
Não pela Europa armígera s'encontrão ;
Que a orgulhosa sciencia , o luxo infausto
Da simples Natureza as leis apágão.
No coração da Libya , onde a Avareza ,
Onde a Ambição cruel não penetrárão ,
Por onde o Senegal entre arvoredos
Vai volvendo tranquillo as largas ondas ;
Alli aos rudes incolas ditosos
Tudo a terra produz , e nada o luxo ;
Os espontaneos dons da Natureza
São de todos , e de hum ; todos os colhem ;
Na tranquilla familia as leis promulga
Imperio Paternal , de Imperios norma ,
(Que hum Rei he pai commum , familia o povo.)
Reina a concordia conjugal , e reina
A pura fé dos thálamos sagrada.
As altas róchas , os fragosos montes ,
Cujas bases sereno innunda o rio ,
Embora escondão no fecundo seio
Ricos metaes , os idolos do Mundo ;
Só deo luxo , e cobiça o preço ao oiro

Que ao barbaro Tapuia he pezo inutil ;
Não cultivados fructos lhe apresentão
De hum lado , e d'outro as arvores sombrias :
Extinctos animaes lhe dão vestido ,
Que ao pejo natural sirva de escudo ;
Eis o que basta á simples Natureza ,
Se em nossa habitação ventura existe ;
Da Grandeza a pezar , seu berço he este.
Não tem depois da culpa outra morada ,
Não s'alverga entre Doricas columnas ,
Marmoreos tectos , alizares d'ouro
Em soberbo Palacio , onde passêa
Sobre terrassos lucidos a pompa ,
A soberba incivil , o insano luxo ,
Onde em sofaz de purpura adormêce ,
Ministrado prazer , a vil molleza ,
Que perfumes Arabicos respira.
E se em Roma existio , Fabricio , ou Curio
Então de Roma o Sceptro sustentavão.
Inda a Ambição não tinha aos Ceos erguido
As roubadas Pyramides ao Nilo ,
Nem a lisonja convertido havia
Em Numes immortaes ferozes monstros.
Mas ah ! Que inuteis lagrimas entorno !
Onde virtude houver , ventura existe.

Meditação profunda aviva , exalta ,

Minha alma além dos terminos prescriptos ;
A humana habitação contemplo , admiro ,
Isto basta a meu canto. O mar fervente
A terrena porção circunda , e fecha ;
De sabias reflexões objecto augusto !
Oh profundo Oceano , amplo theatro
Das maravilhas do Motor Supremo !
Que principio tiveste , ou de que fonte
Se derramou teu liquido thesouro ?
Produzio-te o vapor , que o vasto incendio ,
Que o Globo nosso , ao Sol roubado ha pouco ,
Mandava espesso , e condensado aos áres ?
Doutos sonhos , Buffon , chimeras doutas ,
Que teu engenho fervido , e sublime ,
Obrigado a crear , em aureo estylo
(Teu magico pincel) aos homens dava.
Melhor compreende a mente hum Deos Supremo ,
Que diz ao nada , que produza os mares ;
O volume immortal , que hum Deos dictára
Do tormento de hypotheses me livra.
O portentoso circulo dos Seres
Tem hum ponto central , e he Deos sómente.
Elle os mares creou , elle os separa
Da terra , que apparece árida , e seca :
Que vantagens , que bens do mar lhe nascem !
Por elle os povos , e as nações se ajuntão ;

Elle he laço commum , que a todos prende :
Na essencia he sempre igual , no aspeito he vario.
Qual espelhado Ceo , tranquillo , e lizo ;
Qual revoltoso inferno , horrendo , e bravo :
Ora lhe prende a calma a furia insana ,
Mal orvalhosos Zefyros co' as azas
Lhe encrespão brandamente a superficie.
Dos ligeiros baixeis as brancas vélas
Com bafagem serena apenas inchão.
Dos mudos cidadãos a copia ingente
Da calma se compraz , e a doce chamma
Então sente de amor nas agoas fundas.
Estes os ledos , Alcioneos dias ,
Tão bem , tão bem na Fabula pintados ;
Eu verdade a julguei. Ditoso tempo ,
Ditosa condição da idade tenra !
Era meu nume Ovidio , e ás doudas artes
Minha alma , então novel , seu gremio abria.
Que depressa fugís dourados dias !
Veio depois Filosofia austéra ,
Carregado o sobrolho , a tez sombria ,
Desdenha flores , fábulas desdenha :
Quanto custa a ajuntar cadentes versos
Do tristonho compasso ás leis severas !

Mas ah ! que a paz do mar se turva , e rouco
(Repentina catastrophe !) rebrama !

Lá vão subindo furiosas ondas ,
Voragens profundissimas se formão ,
Que os miseros baixeis sorvem de novo.
Sobre as quebradas vagas os vomitão.
Ao longo sôa horríssono bramido ,
Fuzila o ár toldado , estende a noite
Fechada , e triste as azas pavorosas ;
Ao rouco som das ondas se mistura
Da tempestade a voz , trovões rebramão ;
Mostra o trisulco lume , o horror , e a sombra ;
Encapeladas , furiosas vagas ,
Como cerrados esquadrões de montes ,
Mugindo horrendamente se atropellão ;
Já promptas a engolir no bojo escuro
A terra espavorida . . . A mão do Eterno
Formou de molle arêa ao mar bramoso
Barreira insuperavel ; chega , e foge ,
Como assustado do decreto augusto ,
Que as furias lhe quebranta , o passo atalha.
Assim tempestuoso , assim medonho
Vio resolute Gama o mar , que apenas
Fora até alli dos Fócas conhecido ,
Quando envolta em tormenta , e sombra espessa
Passou , sem medo á morte , a Austral baliza ,
Vergonha , e confusão da audacia humana ,
Desde que em curvo lenho a fragil vida

Ao capricho entregou do vento , e mares.

De engenho indagador tormento eterno
Assombroso phenomeno descubro :

Vejo o mar que da praia escôa , e foge ,

Vejo o mar outra vez cobrindo a praia.

Nas agoas afundida ha pouco estava

Aquella algosa pedra , agora serve

Ao pensativo pescador de asylo ,

E acima do nivel s'ergue das ondas.

D'antiga , e desta idade os Sabios todos

Sobre os livros em vão se affadigarão

Por descobrir o incognito segredo :

Ciosa a Natureza inda o reserva

Dentro da sua obscuridade envolto.

A gloria do Immortal me opprime , e cega ,

Se , ousado indagador , lhe peço a chave

Dos aureos cofres , que os mysterios guardão ,

Fatal herança do mortal primeiro.

He como hum dia opáco , hum Ceo nublado ,

Essa , que os homens desvanece tanto ,

Filha do estudo , altiva sapiencia.

Se rompe no horisonte a argentea Lua ,

Então de Thetis no ceruleo imperio

Revolução maravilhosa observe :

Entumece-se o mar , cresce nas praias ,

E outra vez se contrahe , deixando as margens ;

Manifesto periodo , e constante ,
Quaes observo gyrar nos Ceos os Astros :
Não terminada oscilação descubro.
Fica escondida , protentosa causa ;
Conhecer teu author basta a minha alma.
Sympathica atracção Newton descobre
No Globo melancolico da Lua ;
Mas que explica atracção ? Quanto explicavão
Do Peripáto occultas qualidades ;
Vóz que diz ao mortal , que ignora as causas ,
Que nunca vãs hypotheses mostrarão
A occulta lei , que a machina governa.
Sobre as azas dos séculos ao Mundo
Virá descobridor , que os Ceos devasse ;
Que mais profundo sabio , ou mais ditoso
Arranque o grande arcano á Natureza.
Cumpre que idades mais , que huma não basta ,
Em tão profunda indagação se gastem.
Que importa , que do Edripo ignore o fluxo
O Sabio de Estagira , se dos mares
A sempre fixa alternativa serve
A's mortaes precisões ? Eu nelle adoro
Do Supremo motor paterno affecto ,
Deixo que expire o Despota da Escólla.
Constante agitação ! livra com ella
Do corruptor repouso o Eterno as agoas ;

Infatigavel movimento espalha
Volateis sães nos ambitos da esfera ,
Por onde os Seres animados vivem ;
Agente universal se embebe em tudo ,
Destroe a corrupção , sustenta a vida ,
E nas moradas liquidas anima ,
Dos mudos peixes a familia immensa ,
Por elle aboião mais nas ondas frias
Os soberbos baixeis pejados de armas ,
Que sahem da foz do Téjo , ou do Tamiza
A assustar , a vencer de Gállia os monstros ,
Novo aborto do Inferno , horror do Mundo ,
Em cujo coração de todo extinctos
Da Natureza a voz , e o grito existem.

Nesta planicie liquida , que fecha
De toda a parte a Terra , objectos vejo ,
Que d'alto assombro a mente me povôão.
Pela vasta extensão do mar profundo ,
Como a despeito do soberbo Imperio ,
S'erguem d'espaco a espaco altivos montes ,
Que a frente escondem nas aerias nuvens ;
Espessos bosques , arvores sombrias
Vestem em torno dilatados campos ,
Que mil torrentes trémulas retalhão ,
Das agras serranias despenhadas.
N'alguns cabeços de empinados montes

Sulfurea labareda aos áres sóbe ,
Fanal que a Natureza ao longe mostra
Do fatigado navegante aos olhos.
Quem fez surgir do bárathro dos mares
Tão dispersas porções do terreo Globo ?
Acaso o vasto incendio , que renuge
Nas lóbregas entranhas oscilantes
Da humana habitação , com força immensa
Fez erguer do Oceano o leito escuro ?
Acaso enfurecido o mar fremente
As barreiras quebrou , roubando á Terra
Os que circunda montes levantados ,
E não pôde cobrir co' as ondas turvas ?
Assim Trinacria dividio da Hesperia ,
E a soberba Albion roubou das Gallias
Conjecturas mortaes , do estudo effeitos ,
De que se applaude vã Filosofia !
Evapóre-se em calculos profundos
O profundo Buffon , séculos conte ,
E á mingoa universal das agoas todas
Impreteriveis épochas decrete :
Eu escuto outra voz , vejo outras luzes ;
Em que repousa humano entendimento ,
E , livre das hypotheses soberbas ,
Como acredita hum Deos , ouve a verdade.
Diluvio vingador cobrio da terra

A face que manchava o crime impune.
Da omnipotente dextra hum Deos irado
Contra o Globo arremeça hum raio ardente ;
Cahio, (e hum só bastou) e a terra estála ;
Hum pouco s'incendiou, e o mar a sôrve,
Pavoroso trovão, e abala o centro,
Dividida em porções ; no vasto abysmo,
Se precipita subito o Oceano,
E as quebradas porções rodêa, e cobre :
E quando as agoas turbidas fugirão,
E a vingança acabou ; quando nos eixos
Acabando o tremor, fez pausa a terra ;
Quando de novo o mar sentio limites ;
Aqui, e alli na liquida planice
Deslocadas porções a frente alçarão ;
Os germes vegetaes tinhão no seio :
Fecundante calor do Sol, que brilha,
Na terra humedecida os desenvolve ;
Brotão, vicejão, subito cobrirão
De bosques, e vergeis, o campo, e os montes.

Magestosa Albion, teu berço he este,
Tambem surgiste do geral estrago ;
O mar te separou, e o mar te adora ;
Hes soberana delle, hes delle a gloria ;
Sobre elle empunhas nautico tridente ;
E, assoberbando o mar, dás leis ao Mundo.

Os teus canhões horrissonos rebramão
Onde o Sol ergue o rosto , onde o sepulta ;
Onde levas o Imperio as luzes levas',
E a pár de teus Heroes marchão teus sabios ;
Em ti virtude encontra asylo , e premio ;
Da liberdade hes Patria , e da ventura ;
Não deponhas o raio , o Ceo te manda
Tirar á Europa o jugo , aos Reis o opprobrio :
Tem preço aos olhos teus a Humanidade ,
Eia , escuta seus ais , seus ferros quebra :
Em ti mais se ennobrece a especie humana.
Bacon he filho teu , Newtou teu Filho ;
Locke , que he teu brazão , Locke sómente
Do entendimento os penetraes encára ;
Neste intrincado labyrintho encontra
Hum fio que a razão té alli perdera.
Tu deste o berço ao Cysne , altissonante
Cantor do alegre Eden , Cantor do Abysmo ,
No vigor dos pince's , rival de Homero .
Em ti da lyra de ébano se ouvirão
Maviosos tons , apuros da Elegia ;
Se os frios Manes , se a medonha Morte
Soubessem perdoar , com teus gemidos
Ao menos huma vez se enternecerão ,
Cantor das Estações. Tal foi teu berço !
No colorido de brilhantes quadros

Nem tens imitador , nem tens modelo.
Abriste nova , ou verdadeira estrada
Ao Genio da Poesia ; o digno objecto
Tu lhe soubeste dar ; a Natureza ,
Mais que nos lenços de Vanlloo , de Albano ,
Em teus sublimes versos se retrata.
Tu , que o profundo pélago sondaste
Do humano coração , Pope alli viste
A luz do claro Sol , alli de louros
As Musas Filosoficas te cingem ,
Quando a atrevida estupidez flagellas ,
E vingas a razão , e o gosto vingas.
Triunfante Albion , prospera , e vive ,
Que já não dubia , ou vacillante a sorte ,
Quiz fixar sobre ti , do Mundo o Throno.

Fim do Segundo Canto.

A MEDITAÇÃO.

CANTO III.

Não solicitaria sobre hum Globo inerte
Eu só vejo , ou descubro a especie humana :
De quasi immenso circulo de Seres
Ella he centro commum , motivo he ella.
De especie varios são , de aspectos varios ,
E o modo de existir diverso em todos.
Socios são do mortal , são seu sustento
Tantos que a vida vegetal conservão ;
Filhos da terra são , della se nutrem ,
Seu manto vem tecer , seu rosto enfeitão ,
E a permanente especie se conserva ,
Desde o instante em que a voz do Author Supremo ,
Derramou força plastica no Globo ;
Foi fecundo huma vez , fecundo he sempre.
No grão , que á vista he morto , e morto ao tacto ,
Mora germen vital , se á dura terra

Esperançoso agricultor o lança.
Vai retalhando o campo o lizo arado ,
Não cáva melancolico sepulcro ,
Mas fecunda matriz. Já della brotão
(Que profundo mysterio !) as plantas todas ;
Recreio , e nutrição d'Entes mais nobres.
Oh mudos sócios meus , quanto sois bellos !
Fostes empregos do mortal primeiro ,
D'Eva a formosa mão vos deu cultura ;
E voluntariamente então curvados ,
Lhe off'recestes a flor , lhe destes fructos ;
A innocencia findou , e em vós não finda
Riqueza , profusão , matiz , e graça.
Em tanta multidão se perde a vista ,
E se confunde a mente extasiada :
Todos pedem meu canto , e em dons tão varios
Inresoluta a escolha se suspende.
Tudo no imperio vegetal he grande ,
Tudo serve ao mortal ! Ora que volve ,
Da Primavera no regaço , Maio ,
Tudo no alvergue humano he formosura.
Dos Jardins das Hespérides o pomo
(Dos Lusos he conquista , he dom do esforço
Com que até do Catay no Imperio , e mares
Forão erguer as gloriosas Quinas)
A côr ostenta do metal precioso ,

Nivea , fragrante flor , já traz com elle
Nos delicados cálices mais fructos ,
Se nas azas dos Zéfýros fugindo ,
For a doce estação , qual foge a vida ,
E cingido de pálidas espigas ,
Trouxer girando o Sol o ardente Estio ;
De novos fructos s'enriquece a Terra.
Aos fatigantes abrazados dias ,
Succede o pardo Outono , e em copia ingente
Ricos thesouros os mortaes percebem :
Então s'empenha a Natureza toda ,
Doces pomos nos dá. Muitos se aprazem
Até dos dias do engelhado Inverno.
Nem todos nos produz a Terra toda :
Aquelles gostão do Hiperboreo clima ;
Outros vicejão pelas ferteis margens
Onde s'espraia o turbulento Ganges :
Outros forão buscar patria , e morada ,
Nas tristes solidões d'Africa adusta.
O soberbo ananaz cresce nos campos ,
Que vio primeiro o intrepido Colombo.
A variedade , extatico , descubro ,
Com que todos produz a Natureza.
Dá-lhes sabor diverso a mesma terra ,
Volume desigual , diversas cores :
Filtra-se o suco avivador nos troncos ,

Alli veste outro ser , veste outras fôrmas ,
Prodigio ignoto ao sabio , ao vulgo ignoto ;
Da verdade o separa igual distancia ;
Só dado aos homens foi sentir effeitos ,
De tudo , ou quasi tudo a causa ignorão ;
Goze o mortal da Natureza , e baste.
Só póde a mente attonita , em silencio ,
Nos fructos adorar o Author Supremo ;
De immensas producções germen pequeno
Quiz que principio fosse , e propagasse
Até final periodo dos tempos :
Indeleveis padrões , memoria eterna
Do seu amor , da Providencia sua !

Entre sombras me engolfo , os bosques vejo ,
Onde copadas arvores se enlação ;
Como rivaes dos seculos , existem
Robustos Freixos , Cedros alterosos :
Volteão pelo ár tufadas ramas ;
Debalde as bravas , horridas cohortes ,
Que Eólo ajunta , e solta embatem nellas ;
Tanto a firme raiz na terra escondem ,
Quanto ao sereno Olympo os troncos sobem.
Soberbo pavilhão , folhagens verdes ,
Do taciturno pensador asylo !
(Accendeo sempre a magestosa sombra ,
E a doce solidão dentro em minha alma ,

Da Natureza o porfiado estudo.)
As enramadas arvores me dizem,
Que o Creador Supremo escuta, acolhe,
Das nossas precizões, o grito, o brado.
Vio dos Ceos o mortal, que errante, afflicto,
Não tinha asylo mais que as ermas grutas,
Tristes furnas dos horridos penhascos;
As vicejantes arvores lho prestão.
Do Rei da criação pobre choupana
Foi palacio primeiro, e seccos ramos,
Das injurias do ár sem arte, e luxo,
A muito fragil maquina lhe escudão.
Soão em torno os éccos, que redobráo
O som magoado, se o robusto braço
Do rustico esquadrão redobra os golpes
Da severa bipenne, e abate os troncos;
Já, das altas montanhas arrancados,
Gemem com elles os sonóros eixos;
Na mão das artes com diverso aspecto
Os vejo apparecer: d'altos palacios,
Os tectos fórmão, que doirados brilhão;
Em fluctuantes casas se convertem,
Que hão de afrontar as furias do Oceano;
Do qual como assustadas se escondião,
Buscando asylo nos frágiosos montes.
A minha acceza fantasia vòa

Desde as margens do Téjo aos climas , onde
Se mostra inda no berço a Natureza.
Aqui com maior pompa , e mais riqueza
Se mostra a força vegetal nas plantas :
Nos troncos colossaes , na sombra immensa ,
Sagrado horror aos íncolas inspirão :
Dos homens socios são , da vida esteios.
Oh pa-moso Coqueiro ! eu te contemplo ,
Cheio de assombro , nos extensos campos
Daquelle tanto tempo ignoto Mundo.
Inda que a mão do Creador Supremo ,
Não semeasse outra arvore fecunda
Naquellas ferteis , dilatadas veigas ,
Que inda o ferro até agora intactas deixa ,
Onde a cultura os barbaros não sabem ;
Não menos bello , ou rico se mostrára
Todo o vasto Hemisferio a nós opposto.
Quão pouco basta á Natureza pura ,
Antes que impere a sórdida cubiça ,
O luxo corruptor , e inuteis artes !
O quasi insocial Tapuia errante ,
Se humilde domicilio , e lar seguro
Intenta levantar , lhe abate os troncos ;
Delles a choça faz , que o raio accezo
Ignora mais que os pórfidos , e jaspes ,
Nas orgulhosas cupulas de Roma.

Se vagabundo pelos bosques tenta
Dos largos rios seus transpor as ondas ,
Escava os troncos : das extensas folhas
Tece vélas subtis, que enfuna Eólo ;
De seu rasgado seio hum saboroso ,
Almo licor extrahe , que as seccas fauces
Lhe refrigéra no fervor do dia.
Quanto he doce seu fructo , e d'elle corre
O nectar suavissimo , que a vida
Restaura , e nutre ; no cruel accesso
A horrenda febre palida suspende :
Ao sangue atropelado o curso enfreia ,
Aníma o velho trémulo , vigóra
Nos braços maternas mimoso infante.
Em oleo se transfórma , que amacia
De amargas hervas rusticas viandas :
Ao socegado habitador dos bosques
He sustento , he bebida , he casa , he tudo !

Se do Cantor das Estações o fogo
Impetuoso me fervera n'alma ,
Para seguir com elle a Natureza ,
Que prodigios insolitos eu vira
Nos Entes vegetaes , que aformoseão
A humana habitação ! Correrá ao clima
Da cheirosa Ceilão , de estranhas plantas
Os recendentes bálsamos colhêra ;

E nas margens do Indo , e fulvo Hydaspes ,
Vira os troncos da quente especiaria.
Nem tu , ditosa China , no regaço
Posta d'Aurora , e do nascente dia ,
A meus sublimes extases fugiras.
De lá , transpondo o Gáte , e immenso Tauro ,
E depois o Sinay , vira a robusta ,
Sublime Palma , das victorias premio ,
Como cresce , viceja , e multiplica
Nos campos Idumêos ! Como ind' assombra
Os restos immortaes d'alta Palmyra ,
E do incançável Nilo as margens borda !
Meu estro nunca extincto inda voára
Pelo cume do Líbano frondoso ,
E gyrando entre os Cedros corpulentos ,
Talvez que os éccos das canções ouvira ,
Qu'alli Vate inspirado ao Ceo mandára :
Mas pouco Ave rasteira as azas póde
Erguer do turvo lago audaciôsa.
De Tompson as canções oiça o Tamisa ,
Ellas abrangem toda a Natureza ;
Seguindo o gyro ao Sol , fixão seus vãos
Onde das estações o Imperio acaba :
A ignorado Cantor , e a Lyra humilde ,
He muito huma porção ; eu , no silencio ,
Só medito o mortal , medito os Entes ,

Que tem com elle habitação no Globo;
E as mais proficuas arvores contemplo,
Que mais estreitas relações conservão
Co' a existencia mortal, e a vida escórão.

Quanto se apraz dos campos Lusitanos
A formosa pacífica Oliveira!
He symbolo da paz, e a paz implora,
S'ergue seu ramo o misero vencido.
A dura mão do desabrido Inverno,
Jámais a despojou do ornato, e gala;
Vagarosos ao ár seus troncos sobem;
Pouco amanho a vigóra, e médra, e cresce
Em terra pedregósa, e sáfia, e dura.
Quantos triste mortal dons preciosos
Recebe da frondífera Oliveira!
A' força oppressos da voluvel roda,
Em doces ondas de licor mudados,
Formão vivo clarão, que suppre o dia,
Na sombra universal, que a noite espalha.
Oh bemfazeja luz, ora a teus raios,
Das Musas ao sacrario, aberto a poucos,
Não temerarios, não, dirijo os passos.
E só contigo, e c'o silencio espero,
Que assome no horizonte a roxa Aurora!
Sem que as pezadas palpebras o somno,
Venha meigo cerrar! Em quão profunda

Meditação me engolfo ! Os almos hymnos ,
E este canto , que eu voto á Eternidade ,
Della procedem só : e ante meus olhos
Neste momento de extases , e sombras ,
Longa serie de seculos repassa !
Vejo Imperios cahir , e alçar-se Imperios ,
A' voz do Orgulho , e da Ambição na Terra :
E , no que sente agora estrago horrendo ,
Como em quadro fatal , e ao vivo expressa ,
Vejo Dépota Roma , e Roma escráva.
A Tullio envolto em sangue , em louro a César ,
Claudio no Throno , e Seneca em desterro ;
E no desprezo o merito , a virtude.
Em quanto marca a machina voluvel
Do tempo velocissimo a medida ,
Ao compassado , irreparavel golpe
Sinto estreitar-se o circulo da vida ,
E da existencia o Sol tocar no occaso.
Vem , sombra augusta , livra-me do tempo ,
Eu canço já de ver na Terra o crime ,
Que os Thronos profanou , e os homens piza ;
Não tem na fria morte Imperio o Moustro.
Leva-me , augusta sombra , além dos Astros ,
Junto á fonte dos bens , da gloria ao centro.
Oh termo da desgraça , oh fim dos lutos ,
Não só te abraça Socrates sem susto ,

E Teramêne intrepido te encára ;
Tambem meu coração t'espera afoito ;
Sem fausto de Filosofo , sem pompa ;
E se nos vivos se apascenta a Inveja ,
Cançada junto ao tumulto repousa :
Virtude da Fortuna alli se vinga ,
O Orgulho ao pé da cinza he cinza , e nada.
Fugio , sem eu querer , do peito hum voto :
Meditação profunda unio distantes
Objectos entre si , e ás Musas torna.

Sustento do mortal , dádiva augusta ,
De hum Deos , que abasta o domicilio nosso ,
Vejo ondeante na campina extensa ,
Ora dobrar-se , e desdobrada a messe ,
Ao leve toque de animantes sopros ,
Que os calmosos áres refrigerão ;
Eis a mais rica producção da Terra.
De agudas lanças esquadrao cerrado
A já vingada espiga , escuda , e fecha :
Com seu pezo opulenta inclina a fronte ,
Assim da tempestade esquiva os golpes.
A praga subtil o assalto véda
A' mui voraz sofreguidão das aves.
Oh Trigo , oh rica dádiva do Eterno !
Tu no effeito , e valor hes d'elle a prova ,
Hes a benção de hum pai , que ama seus filhos ,

Das plantas Soberano o sceptro empunhas,
No Imperio vegetal da Terra ornato !
O sabio , que ao Vesuvio cusado sóbe ,
Observador , e victima das channas ,
Mais fertil te chamou das plantas todas :
Do vento , ou d'agoa , a machina rotante
Já te reduz a candida poeira ,
Activo agente te fermenta , e logo ,
Saboroso sustento , a vida escóras ,
E de Zeno o discipulo contigo
Prazer disputa a Jove , e insulta o Fado.
Eu posso fazer mais : sem ti conservo
Serenos o rosto palido , e da sorte
Os vilipendios pizarei ; que a fome
Tambem pôde acabar da fome a pena.

Tantos bens ao mortal reparte o campo !
Nos socios , que lhes deo , lhes deo sustento
O Soberano Author dos Ceos , e Terra.
Oh cultura do campo , oh necessario ,
Suavissimo mister aos homens dado ,
Até quando a innocencia o imperio tinha
Da Terra , não do crime alvergue impuro ,
Mas da virtude , e paz palacio , e throno !
Da Natureza toda o estudo , a força
Se emprega em fecundar , servir a Terra ;
Despede o claro Sol sobre ella os raios ;

As fluctuantes nuvens lhe derramão
O bemfazejo humor ; liquidas agoas
Lhe gyrão como sangue as largas veias ;
Pelos áres diáfanos brincando
Se agita o vento , que a refresca , e nutre.
E sómente o mortal soberbo , e duro ,
Do sublime dever se affronta , e córa ,
A que , innocente , a voz da Providencia ,
Já destinado o tinha ; e julga officio
Apoquentado , e vil d'almas humildes
A Terra dividir com lizo arádo :
E julga só de gloria emprego digno ,
Alastrar de cadáveres a Terra !
Cyro sustenta na invencivel dextra
O proficuo alvião. Da antiga Roma ,
Do antigo Mundo os arbitros invictos ,
Curios , Fabricios , Scipiões , e Fabios ,
Da frente augusta o loiro desatando ,
Da charrua o timão com elle enfeitão.
Debaixo de seus pés se alegra a Terra ,
Que o ferro triumphal lhe rasgue o seio ;
Dos abysmos medonhos , que a Fortuna
Ao solio preparou , fugindo hum Cesar ,
Em pequeno jardim s'esconde , e vive ;
A Consular secure , o eburneo throno ,
Pelo humilde enxadão trocou gostoso.

Oh tres vezes feliz , quem foge , e deixa
Das Cortes a impostura , e reboliço ,
Que solitario , incognito , não cura
Das façanhas dos Reis ; que só dest' arte
Aos eclipses politicos se esquivia !
Divina Agricultura , eu palpo , eu vejo
Tens dons celestiaes , e os teus presentes
Ingenuos são , da ingenua Natureza.
Se ha dias puros , os mortaes t'os devem :
Tu só nos dás riquezas sem remorsos ,
Sem ancias o prazer ; tuas conquistas
São conquistas de paz , virtude as doira ;
Nem são devidas ao furor das armas ,
Nem se comprão com lagrimas , e sangue ;
Feliz quem póde em solitario asylo
Esquecer-se do Mundo , e dos ingratos ,
Dormir tranquillo á sombra do arvoredor ,
E tranquillo acordar ! Quem ama o campo ,
Quem ama a Agricultura , ama a Virtude.

O Eterno , o sabio Architetor de Tudo ,
Não só deu mudos troncos , toscas plantas
Aos miseros mortaes por companhia ;
Entes mais nobres , entes mais subidos
Que o vegetal Imperio , a terra pizão :
Dos homens socios são , vivem c'os homens.
Tambem com elles a fecunda Terra ,

Como seus Cidadãos , seus bens reparte.
As feras na montanha , o manso armento ,
Que ajuda o Lavrador , seus bens reclamão ;
Dos brutos são herança , e dos humanos.
Variedade pasmosa ! Em quantas classes
As semoventes maquinas se admirão ,
Distribuidas infinitamente !
De antigos sabios porfiado estudo
Das especies , sem número diversas ,
Nunca pôde traçar completos quadros.
O vencedor indómito de Tyro ,
O raio abraçador do accezo Oriente ,
Entre o fatal estrepito das armas
Não se esquece da Grecia , e da sciencia :
Contemplar , conhecer a Natureza ,
He mais que avassallar co' a espada a Terra.
Manda , (que gloria !) ao Arbitro das Artes ,
Que corra o immenso circulo dos Entes ,
Dos brutos animaes , que a Terra pizão ,
Ou que no imperio liquido dos áres
Cortando espaço vão co' as leves azas ;
Do Sabio , e do Monarcha , inda hoje existe
O louvor , o pregão no aureo volume ,
Que os tragadores seculos respeitão.
Ao tenebroso Déspota da Eschola
Não foi dado correr circulo immenso ;

A ti , Buffon , permite a Natureza ,
Que o véo levantes , que de seus mysterios
Sejas sómente interprete sublime.
Eu te admiro , Pintor , e em teus escritos
Sôa a voz , mas sem números , das Musas.
Eu contemplo em meus extases contigo
As animadas maquinas , que seguem
Do natural instincto as leis severas.
Nos livres âres as voluveis aves
Soltão ao canto a voz , e ao vento as pennas :
Os humildes reptís seu corpo arrastrão :
Os diversos quadrupedes distinguem
A propria habitação. Na inculta brenha
Se acoita , e se defende , o bravo , o féro :
E vem buscar o imperio , e a mão dos homens
Os rebanhos pacíficos , e dóceis.
Instincto animador , motora força
(Insondavel mysterio á mente humana !)
Movimento lhes dá , regula os passos ,
E imagem da razão nos brutos brilha.
(Calcule o Methafysico profundo
Qual seja a lei do mecanismo occulto ,
Que uniforme , que igual , dirija os brutos ;
Dado a hum Vate não foi sondar abysmos !)
Ella o sustento lhes procura , e prompta
A' cilada os esquiva , ao damno , á morte :

Da prole o doce amor sustenta , e nutre ;
Ella lhes firma as leis , e o pacto escreve
De hum divorcio eternal entre contrarios.
Na Hollanda anuviada o Sabio occulto
Os considere autómatos inertes :
Errou nos turbilhões , errou nos brutos.

Dos áres cidadãos , vinde a meus versos.
Da Providencia paternaes cuidados
Do taciturno Athêo aos olhos brilhão ,
Se alguma vez no ár contempla as aves.
Que pandas azas arrogante bate
Com voo magestoso Aguia sublime !
Que vista perspicaz ! Com força altiva
Chega a transpor as nuvens enroladas :
Deixa abaixo de si trovões , e raios :
Té onde os áres liquidos a soffrem
Vai devassar sobindo o Sol ardente.
De lá , não deslumbrada , o campo espia ,
Cahe no disperso , e timido rebanho.
Do Pastor assustado á vista , empolga
Aduncas prezas no cordeiro embelle ;
Leva pendente o corpo atassalhado ,
Mimoso pasto de cruentos filhos ,
Que implumes , sem vigor , soccorro aguardão.
Vassallos deste Rei , na aérea scena
Começão de assomar Falcões soberbos ,

E o carniceiro, voador Milhafre
De retorcida garra, e bico adunco.
Batendo as azas prateadas, fogem
As Páfias Pombas do Tyranno infesto,
Sobre ellas desce o rabido assassino,
No palpitante seio empolga as unhas,
E o quente sangue ressaltando ensópa
A mui brilhante, mórbida plumagem:
Assim mimosa flor, que o prado enfeita
Do vento desabrido ao golpe expira.
Feroz, mas docil, o Falcão se amolda
Dos mortaes ao prazer, e ás leis das artes,
E serve ao luxo barbaro dos homens.

Mas das scenas da morte a vista aparto,
A innocencia que soffre obriga a pranto.
Em novos quadros, maravilhas novas,
Pelo imperio vastissimo das aves,
Eu vou já contemplar. Do Author dos Entes
A grandeza, o poder, nellas descubro.
Tu, vaidoso Pavão, senões a força
Da propria formosura, e garbo proprio.
Quanto he grato observar-lhe o fluctuante
Nobre penacho, que lhe assombra a frente!
Despréga ufano a cauda sumptuosa,
Se de perto o mortal o admira attento.
E das Pombas domesticas o bando

Que formoso nos ares apparece !
A Natureza liberal derrama
Nellas a plenas mãos belleza , e graça.
Iris brilhante o collo representa ,
Se nelle obliquo o Sol despede os raios :
Os symbolos da paz , e os da ternura
Nellas visiveis são , e arde constante
Dentro em seu coração de amor a chamma ,
Innocente , sem livido ciume ,
Como a produz a ingenua Natureza.
Dos olhos ao prazer se une harmonia ,
Que o meu absorto espirito suspende.
Oíço entre as sombras lugubres da noite
Tão concertados sons , tão doce accento ,
Que involuntarias lagrimas me inundão.
Modesto Rouxinol , oíço o teu canto ,
Se a Primavera vio no berço o Mundo ;
Tu quebrantaste o augusto , alto silencio ,
Que á muda Natureza presidía ;
E a teus accentos o mortal primeiro ,
Quando os olhos abriu , deu prompto ouvido ;
Tu foste despertar dentro em seu peito
O prazer da existencia , e da ventura.
O crime a perturbou , ficaste mudo
Na triste noite , que ao fatal delicto
Primeira se seguiu : rancos medonhos

De embravecidos mares se escutárão ,
Subterraneos trovões , d'espaco a espaco.
O convulso mortal de si fugindo ,
Sem se esconder de si , no horror das trévas
Os guinchos melancolicos escuta
Das tristes aves producções da noite :
Ellas lhe augmentão mais , remorso , e medo.
Eu affeito a velar no horror profundo
Da noite , que meus extases inflamma ,
Inda sinto pavor se os ais escuto ,
Quando aos ermos do espaco os olhos volvo ,
E acceza fantasia os astros corre.
Eccos sentimentaes , que a morte agoirão ,
Que sahidos dos tumulos parecem ,
Não sei de que prazer meu peito inundão :
Somno da morte , hes grato a hum desditoso !
Que rasgos de immortal sabedoria
Quiz impressos deixar do Eterno a dextra
Nestes do ár plumosos habitantes !
Quanto me assombra o carinhoso affecto
Com que os filhos nutrís , mimosas aves !
No berço os defendeis , velais no berço.
Esquecida de si , seus óvos chóca
A desvelada mãe ; o Sol , que nasce
No mesmo ardor a encontra , e nella a deixa ;
Se os braços busca da cerulea Thetis.

Calor activo os óvos desenvolve :

Eis se quebra a prizão , e a luz respirão.

O delirio amoroso então se augmenta :

Deixa hum momento o ninho , os áres corta ,

O sustento solícita procura ;

Contente ao ninho volta , alli do peito

Nos mal abertos pequeninos bicos

O grão , que traz , amante deposita.

E quando observa solidos os membros ,

E já robustos musculos nas azas ,

Com pressentida voz d'hum tronco os chama.

Adeja , e vóa hum pouco , e marca o trilho

Pelo espaço diáfano dos áres.

Tanto amor maternal nas aves brilha !

Sympáthica affeição , profundo impulso

De quem só se desvia , e só se esquivia

Estupido Avestruz , surdo aos gemidos ,

Que exhala amor , a natureza , o sangue !

Sobre as arêas tórridas da Libya ,

E solidões da America abandôna

Os ovos sem cuidado , e delles fôge.

O paternal amor da Providencia ,

Qual benéfica Mãi , fecunda , e cobre

O miseravel gérme alli deixado.

Ao fulgurante Sol , manda que espalhe

Almo calor sympáthico da vida ,

Sem mãe , sem pai , se anima , e desenvolve ;
O pai universal invoca , e chama
A tenra prole inerte ; a mão profusa
O sustento lhe dá , desvia os males
De que inexperta idade inda não foge.
Que contraste de amor , no amor , nas ancia
Da singela Gallinha cuidadosa !
Nunca a ternura maternal mais prompta
Nos outros animaes soccorre os filhos.
C'os incançaveis olhos vigilantes
A vida lhes escuda ; se atrevido
Sem pejo os acconnette o Cão fagueiro ,
Denodada se oppõe , nem sobresalto
Ao latido feróz mostra animosa.
Quanto he gostoso vêr , quando em sombrias
Nuvens s'envolve o Ceo no pardo Outono ,
Que a prumo sobre a Aldêa peneirando
Anda o cruel carnívoro Milhano !
Os olhos fitos traz na incauta preza.
A satisfeita mãe , dada ao trabalho
Para nutrir os clamorosos filhos ,
Entre as aéreas nuvens o presente ;
Lança assustada o grito conhecido ,
Prestes s'escondem timidos , e mudos :
O maternal amor dest'arte esquiv
A tenra prole aos golpes do inimigo.

Mais póde a voz do instincto , ou Natureza
Nas aves ; cidadãos de oppostos climas ,
Quem das margens do Téjo , á Libya ardente
Os obriga a passar ? Que voz de novo
De tão ferventes areaes os chama
A' doce habitação do lar antigo ?
A providente Natureza ensina
Estas dispersas vagabundas Tribus.
No frio , e no calor o extremo evitão.
Apenas finda o gyro o pardo Outono ,
C' o derradeiro aceno annunciando
A rigida estação da chuva , e gêlo ,
Se do immenso Horizonte o vasto seio
Por hum pouco conserva a luz , e a calma ,
Das Andorinhas a Nação liberta
Sobre as terreas moradas esvoaça ,
Mais redobrando as innocentès vozes ;
Talvez , que da saudade os gritos sejam.
O volante esquadrão se engrossa , e une ,
Faz-lhe hum aceno a Natureza , e parte.
E debaixo de hum Ceo tepido , e puro
Vai prudente aguardar , que volte a doce
Primavera fugaz ; e apenas sente
Que os rorejantes Zéfýros adejão ,
E com fecundo assopro o ár tempêrão ,
Contente vem buscar lares antigos.

Com verniz mais luzente as azas brilhão :
Pelos áres vazios se arremeça
A volante falange , e affronta ousada
Sobre as nuvens o mar , que freme , e espuma.
Quanto me apraz , sentado ao Sol que nasce ,
Vêr em bandos voar palmeiras Gralhas ;
Do afoagueado Sul deixando o clima
Vem buscar entre nós pasto , e guarida !
Negros p'lotões em angulo se fôrmão ;
Pelo espaço do ár já sôa ao longe
O guincho atroador , que instiga os froxos.
Activa , insomne sentinella guarda
Em torno aos arraiaes , quando cançado
O valente esquadrão repousa , e acampa.
Quem lhes prescreve o tempo , e pôde a estrada ,
Que elles devem seguir , marcar sem erro ?
Que bússola os conduz transpondo os mares ?
Mysterio não sabido , a mente absorta
Nas leis se perde , e multidão das aves ,
Entes que em maior copia o globo habitão.
Desmaia a fantasia o estro afroxa ,
Se o infinito número contemplo ,
Qu'enche , e povôa os hemisferios ambos.
Pelas costas maritimas em bandos
As vê do largo mar o nauta afoito ,
Que , já cançado de lidar co' as ondas ,

Suspira pela terra ; ellas lha mostram ;
Toda que á vista , occulta no horizonte.
De mais lustrosas pennas se atavião
Nas regiões , que a prumo o Sol visita ;
Se a Natureza prôvida lhes nega
O canto , lho compensa em formosura :
Pelos bosques da America opulenta
São como flores nitidas , que voão
Quando os ventos das arvores as soltão.
Hunas da côr da purpura se vestem
Outras do verde , que tapiza os campos ;
Outras ajuntão nas mimosas pennas ,
Qual Iris reluzente , as côres todas.
Das especies carnívoras , e bravas
Sempre he menor devastadora turba.
Entre os quadros , Buffon , que a par te levão
Dos quasi divinaes pinceis d'Urbino ,
Quanto me assombrão carregadas côres
Com que retratas o Condor terrivel ,
Das negras serranias assomando ,
Que o longiquo Acapulco em torno assombrão !
Co' as azas tapa o Sol , e immensa espalha
Pela extensa campina infausta sombra.
Sobre hum Touro feroz dos áres desce ,
Rasga-lhe as carnes , sôfrego o devora ,
Ruido horrendo fórma o ár rasgando :

Mais de huma vez se vio na garra adunca
Levar pendente o misero Indiano;
Dos lacerados palpitantes membros
Corre o sangue nos asperos rochedos.
Monstro horrendo , feroz , de enorme corpo ,
A quem vigor igual deu Natureza.
Mas entre agrestes , carniceiras aves
O medonho Condor propaga menos ;
Raro os olhos o vem , raro apparece ,
Quanto convém da especie á permanencia.

Não he maior a sapiencia eterna
Nestas pasmosas machinas volantes ,
Nem se mostra menor no insecto humilde ,
Que aos olhos do mortal parece hum nada :
A mesma voz , e força omnipotente ,
Que do Nada tirou sublimes Aguias ,
Tirou do Nada o pequenino insecto ,
A Terra , o Mar , e os áres dilatados
São patria sua , e conhecido Imperio.
Possa embora medir la Place , e Newton
Quanto distante o Sol da Terra exista ,
Quam longe hum astro vá , quam longe aberre ;
E Lalande a seus calculos suguete
As leis que segue , ou dicta a Natureza.
Genios tão grandes subito desmaião ,
Se infinitas myriades contemplão

Destes Seres organicos , que á força
Até do vidro augmentador se roubão.
Na extrema pequenez , de hum Deos a gloria
Lésser , profundo indagador , descobre ;
Do amargurado Atheo confunde os erros ,
Quando a suprema intelligencia mostra
Nas leis , na construcção , no instincto , e moto
Que nestes Seres impalpaveis brilhão.
Com teus escriptos , Réaumur , defendo
Contra o sectario vil de hum cego acáso ;
O Architector da machina do Mundo ;
Grande no Querubim , no Insecto grande !
Digno estudo de hum Sabio. O Vate apenas
Póde os olhos deter , e a fantasia
No quadro universal da Natureza ;
E ao que ressalta mais , e he mais brilhante ,
Seus versos consagrar. Corre a meus versos ,
Meu canto aformosêa , oh bello Insecto ,
Que da ribeira oriental do Ganges
Vencedor Europeo trouxe entre as palmas.
Pomposas vestes aos Monarchas teces :
Realças com teus dons a formosura :
De imperceptivel fio o alcaçar fôrmas ;
A força se atenúa , e desfaléces.
Mas que milagre vejo ! Eis do sepulchro ,
Vestindo hum novo ser , tornas á vida :

Tal vai a Natureza em gyro eterno
Com varias fórmãs produzindo os Seres,
Que o Cantor de Sulmona em aureos versos
Fez dos Numes amor, ou fez vingança.
Oh tu Legislador do Pindo, oh Vida,
Teu canto mereceo tão bello Insecto;
Eu te ultrajara, sim, se eu mais dissera.

E mereceo teus extases sublimes,
Oh Mantuano Cysne, oh Aguia, oh Nume,
Esse negro esquadrão, que os campos corta.
As incançaveis, próvidas Formigas,
A vista prespicaz põe no futuro.
Dos lares seus no sinuoso asylo
O rijo vento, o frio, a neve afrontão:
Rigorosos Demócratas tranquillos,
São iguaes no trabalho, iguaes no estado.
A geral precizão todas occupa:
O bem da sociedade he bem de todas;
Parcimonia, e trabalho he seu thesoiro:
Aos homens dão lições, nasce abundancia
Da social fadiga, e mutuo esforço.
Pestilente Egoismo, os males todos
Trouxeste ao Mundo, escravizado agora.
Eis outra sociedade, e leis diversas
Descubro nas sollicitas Abelhas.
Vão zumbindo no ár, e o campo, e as flores

Em divididos esquadrões saqueião :
Contentes c'os balsamicos despojos ,
Delles no patrio lar néctares tirão ;
Nelles proprio não tem mais que o trabalho ;
He mechanico instincto isso que hum Vate
Chamou d'Ether divino hum lume , hum raio.
São vassallos a hum Arbitro sujeitos ,
Que do commum trabalho ás leis s'esquiva ;
Só tributos recebe , e leis publica.
Junto ao candido Lirio abrolhos surgem :
C'os proficuos insectos innocentes
Vejo reptís crueis , que a morte apressão.
Entre flores a Vibora se enrosca ;
Disfarçado assassino , que distilla
(Irreparavel golpe !) atroz veneno.
Oh soberba Cleóprata , teus dias
Assim findárão c'o a belleza tua !
Não foi por certo amor ! Orgulho , ou medo
A evitar te ensinou ferros , e afronta ;
De Octavio , não magnanimo , no earro ,
Cativa illustre ao Capitolio hirias.

Das campinas da America desvia
A Musa o canto sen. Disforme Cobra ,
Que , atravessando rapidas torrentes ,
A frente tem n'hum lado , e noutro a cauda ,
Se se enrosca em si mesma , e aguarda as prezas ,

Dos orbes espiraes acima eléva
A medonha cabeça, e espalha em torno
A luz ferrenha dos terribes olhos.
Disgraça ao gado misero que pasce!
O sanhudo Dragão lhe enlaça o corpo,
E exhala o Touro os ultimos arrancos.
Não sequaz d'Optimismo o mal conheço,
Que hediondos reptís na terra espalhão;
São flagellos da cólera divina.
São da bondade tutelar a prova,
Poís dos terriveis tóxicos se tirão
Armas, que á fria Morte a foice embóitão.
Assim montão de turbidos vapores,
Que no pejado seio o raio acolhe,
Co'a brava furia do raivoso vento
Mil vezes se tranforma em ondas puras,
Que, humedecendo as aridas Campinas,
De Flora, e de Pomona os dons alentão.

Mais humildes reptís no campo gyrão
Sem veneno, sem perfidas ciladas,
Que innocentes nas plantas se apascentão.
Milagres são da Eterna Omnipotencia
A fabrica subtil, nexo pasmoso
Dos delicados musculos, e fibras,
A progressão do movimento, os passos
Do sangue animador nas tenras veias

Deixão minha alma extatica , e suspensa.
Nos grandes corpos o Motor Supremo
Seu eterno poder emprega ; encontrão
Extenso campo as maravilhas suas :
Mas nos pequenos átomos , que apenas
Os sentidos descobrem , mais pasmosa
Sua profunda sapiencia brilha.
Como as subtiz antennas lhe adelgaça !
Como n'hum ponto indivisivel abre
Olhos , que soffrão luz reverberante ;
Como dispõe do ventre a cavidade ,
E as veias em que humor vital se agite !
Nós admiramos do Elefante enorme
A corpulenta espádua , que sustenta
Torres que encerrão bellicas falanges ;
O largo collo , as pontas retorcidas
Do Touro agricultor , e as curvas prezas .
Do carniceiro , mosqueado Tigre.
Nas arêas Numídicas nos pasma
O sanhudo Leão , que ao quente assopro
Do vento deixa fluctuar as clinas.
Em tão soberbos animaes palpamos
Da Sabia Omnipotencia o sello impresso.
No desprezivel , no pequeno insecto
Inda se mostra mais ; deo-se em resumo :
Mais os distinctos attributos brilhão ,

A' mente do Filosofo tão claros ,
Quanto na inteira maquina do Mundo.

Dos Entes brutos progressão pasmosa
Nestes viventes átomos começa :

Chega onde a Natureza estanca , e pára
Nos colossaes quadrupedes , que a Terra

Parecem opprimir com pezo enorme :

Qual vai nas margens do assombrado Ganges ,
E vergeis de Ceilão , forte Elefante ;

Todos excede , e vence , em força , e instincto ;

A voz do conductor entende , e prompto

A hum mudo aceno docil obedece ;

Sente o preço da gloria , e dos louvores.

Da Natureza o Interprete Romano

Dá-lhe a justiça , dá-lhe a probidade ,

Rarissima virtude entre os humanos.

Da enorme frente do animal á terra

Desce voluvel , enroscada tromba ,

Cruzão-se os alvos dentes retorcidos ,

Que o negro Caçador da Nubia assustão.

O furor dos mortaes n'hum tempo á guerra

Comsigo os conduzio ; robusta espádua

De huma torre era base , agudas lanças

Contra as hostes dalli se arremeçavão.

Com ellas fez parar , mas não vencidas ,

O forte Pirrho as Legiões Romanas.

A tanto chega a raiva dos humanos !
Do solitario bosque as feras tira ,
Da-lhes furor , que a Natureza néga ;
Instrumentos as faz de sangue , e morte.
Menor em corpo , em animo mais forte ,
Ruge o feroz Leão , duro Monarca ,
Que funda no terror seu sceptro , e throno.
Seus rugidos horrissonos rebramão
Nas tristes solidões d'Africa ardente ,
Onde de Zara os areaes refervem.
Bate co' a longa cauda hum lado , e outro ;
No musculoso collo lhe fluctúa
Emmaranhada juba ; os vivos olhos
Despedem mil reverberos de fogo :
Sacode , erriça o pêlo , e na espantósa
Cova medita o crime , e sahe bramindo ,
E das fauces reconcavas derrama
Espuma em borbotões na arêa adusta.
Ataca a preza timida , que fóge ;
Debalde fóge a victima , raivoso
No palpitante coração lhe empolga
As encurvadas garras , e d'hum golpe
A sangra , a rasga , a despedaça , a traga.
Mas he nobre , e magnanimo mil vezes ;
He symbolo d'Heroes , deixa o vencido ,
E só no que resiste empréga a sanha.

He grato , he generoso ; o triste escrávo
No Amfitheatro barbaro de Roma
Afaga carinhoso , e meigo abraça
De antigo beneficio inda lembrado.

Se pelas margens do espumante Zaire
O negro habitador da espessa brenha
Se lhe prostra rendido , avante passa ,
E apenas com desdem lhe lança os olhos.

Eis cedendo ao Leão n'audacia , e fogo ,
Atroz cevicia todo , e todo engano ,
Nunca farto de estragos , e de sangue ,
O Tigre insocial nos bosques vive ;
Em torno os olhos trémulos volvendo
Da propria sombra se receia , e teme :
Parece criminoso , a quem remorso
He flagello continuo , inferno , e furia.
Só do que he máo se apraz , e nunca o braço
Do Rei da criação póde amansallo ;
Na carreira he veloz , nem se lhe esquivia
Entre os ramos das arvores a preza ;
He sofrego , e cruel , com fome atáca ,
E até sem fome os crimes multiplica.
Parão nos bosques os Leões sanhudos ,
Quando o ser racional perto descobrem ;
O respeito , ou temor delles se apossa :
O Tigre não conhece , o Tigre insulta

Inda os restos d'antiga Monarquia.
De seu furor as victimas dególa ,
De vêr se apraz as carnes palpitantes ,
As contorsões fataes , a luz extincta
Dos olhos onde pouza a noite , e a morte.
Contente observa os golpes , e os despojos
Dos dessangrados animaes ; passeia
Sobre inda quentes membros palpitantes
Com fria crueldade , e só lhe peza
De que tão cedo se lhe acabe a fome :
Té contra a propria especie se embravece.
Das leis universaes diverge , e aberrá ,
Que a Natureza invariavel dicta
A's especies sem número dos brutos.
Só modélo encontrou entre os humanos ,
Mais crueis entre si que as feras todas ,
De quem o Tigre he monstro , e opprobrio os homens.

Destas imagens do terror desvio
Para objecto mais grato a mente , e a vista.
Menos ferozes , menos esquecidos
Da antiga sugeição , do imperio antigo ,
Vejo mausos quadrupedes , que aos homens
Na vida social serviços prestão.
Quam generoso , e docil , quam sugeito ,
Piza os campos o férvido Ginete !
Em brio , em formosura excede a todos

Parece que conhece o garbo , e a força ,
Que liberal lhe déra a Natureza.
Fluctúa pelo collo ao vento a clina,
Lanção-lhe a boca espuma , os olhos fogo ,
Se ao longe sôa a tuba estrepitosa ;
Se ás armas deu signal , tremem-lhe os membros :
Arrojado , e fiel , marcha , e campêa
Entre os horrores da cruel Belona.
Das reconcavas ventas exhalado
Vem fumo em turbilhões , e impaciente
Relincha , e bate a terra , e treme , e súa.
Comsigo atira rapido , e fogo
Por entre os esquadrões ; nem teme a chamma ,
Que resurte das laminas fulgentes
Da brava chuça , da fulminea espada :
Compraz-se da victoria , e se he vencido
Parece que desdenha a vida inglorio ;
Lento caminha , a luz se lhe amortece
Nos olhos , que até alli vibravão fogo.

Mais afavel , mais terno , observo , admiro
Bruto que ao racional mais se afeiçoa ,
E quanto póde , e val serviços presta.
O Cão de mais viveza , e mais instincto
Entre os brutos domesticos dotado ,
Constante na afeição , observa , e segue
De seu senhor o aceno , o movimento ;

Se he triste , está sombrio , e se he contente ,
As mesmas afeições no gesto amóstra.
S'ergue contr' elle o braço o fero in'migo ,
Pelo salvar ao ferro oppõe seu peito.
He delle prompta sentinella activa ,
Serve-lhe ás precizões , e ao gosto serve.
No espesso mato a caça lhe fareja ;
E na lodosa , turbida lagôa ,
Sentindo a preza , intrepido se afunda.
C'o a orelha fita , os olhos vigilantes
Põe no ferreo arcabuz estrepitoso ,
Sente no ar zunindo a plumbea pélla ,
E já torna veloz c'o a preza ovante.
He do pastor defensa , e do rebanho
Com latido feroz , com lizo dente
Ou afugenta , ou despedaça o Lobo.

Mais util quadro aos olhos se offerece ;
Pacíficos rebanhos pelos prados
São dos mortaes a solida riqueza ,
São permanentes bens da idade de ouro.
Da tranquillidade inda hoje emprego
He do pastor a vida , o insano orgulho
Nella conhece , a seu pezar , ventura.
A Terra foi feliz com Reis pastores.
Dulcissimos rebanhos , que soccorros
A' vida procurais ! De cresco vélo

Gyra docil Ovelha repastando
Na relva , que floresce , e logo expira :
Ao mortal dá sustento , e dá vestido.
Vós o não mereceis : com duro ferro
Não , não deve pagar serviços tantos ;
Ordenhe-vos o leite , e poupe a vida
C'o os despojos da lã seus membros cubra :
Só com ella Albion thesouros junta :
Tanta gloria lhe dá quanta lhe alcança
Nelson jogando horrisonas bombardas ,
Quando á fatal Bandeira (o Gallo he pouco)
Até se curva o tumido Oceano.
Na doce Agricultura esteio , e tudo
O ingenuo Boi tardio os sulcos abre ;
Sem apego o mortal ingrato , é duro ,
Muitas vezes do arado á morte o leva ;
Dos trabalhos ruraes he este o premio !
Mugindo atrôa o campo , e o bosque o Touro ;
Contra o tronco d'hum Freixo alto , e robusto
Vai primeiro ensaiar-se á lide horrenda ;
Então bramindo furioso chama
Denodado rival , ambos a frente
Para a terra inclinando , a terra excávão :
Tólda-se o ar co' a sordida poeira :
O duro golpe sôa , e o sangue espuma.
Ao longe , de assustada , o pasto esquiva

A timorata candida Novilha ,
Do vencedor soberbo o premio , e palma.

No pico de escarpada penedia
A petulante Cobra se pendura ;
Não teme o precipício , e busca ansiosa
Amargas folhas do pendente arbusto ;
Das apoiadas tetas nos derrama ,
Innocente alimento ! hum nectar doce.
Delle , e do fructo agreste , ou cultivado
A humana geração se alimentáva ;
Era a idade robusta , e tarda a morte
Antes que a mão do luxo , e da vaidade
Preparasse as opíperas viandas ,
Que a prematuro tumulto nos levão.

E das parcas nas mãos o ferro agução.
Terrestres animaes o Author Supremo
Aos homens sugitou ; nelles dominão ,
Dados ás precisões , mas nunca ao crime

Homem , quão grande hes tu ! Chega teu mando
Não só aos animaes , que a terra pizão ,
E ás aves , que no ár gyrão tranquillás ;
Até do mar aos turbidos abysmos
Dos homens chega a voz , o imperio chega.
Vão das ondas tirar sustento , e vida ;
Lá forão descobrir riqueza , e luxo ,
E do seio das agoas tormentosas

Sabem tirar as perolas brilhantes ,
E os testaceos inertes n'outra idade
Dos Reis tingirão roçagantes mantos ,
E a veste consular da antiga Roma
Se ennobreceo co' a purpura de Tyro.
E o quasi insecto , pequenino Arenque ,
Da taciturna Hollanda a força augmenta ;
Republicana liberdade outr' ora ,
Armas , artes levou , imperio , e ferros
Té onde o mar circunda aurea Malaca ,
Té onde a Terra se descobre , e mostra :
Pequena base teve alta grandeza :
Ignobil peixe deo tanta opulencia.
Vistude austera , que os Avós desdenha ,
Levanta hum busto ao pescador pimeiro ,
A que a Patria deveo thesouros tantos.
Dos homens o poder não só se estende
A tão pequenos átomos dos mares ;
Chega seu mando á gigantesca próle ,
Do fundo pego horrenda habitadora.
Afrontando o poder do frio Arcturo ,
La vai no fragil lenho o nauta ousado ,
Quasi entre sombras da gelada Islandia ,
Engolfar-se no pelago espumante
Quasi onde o Inverno tem perpetuo throno.
Ao fero Leviatham declara a guerra ;

E illude , Soberano , insulta , e piza
Este enorme Dragão das turvas ondas.
Eis numeroso exercito nadante
Vem rompendo em batalha as vagas negras.
Sahe do clima tristonho , onde parece ,
Que a vivo fogo , que a motora força ,
Na entorpecida Natureza expira ;
Onde a brilhante alampada diurna
Derrama como a furto obliquos raios ,
Que não de todo as trevas afugentão.
Vem na frente a maior , quasi montanha ,
Que vem rasgando o mar , s'antolha ao longe.
Respira hum pouco o monstro , e as agoas sórve ;
Por dois largos canaes aos áres turvos
Como columnas liquidas as lança ,
Feitas em branca espuma ás ondas tornão.
Se o mar co' a longa cauda açoita , e talha ,
Quem não dirá que subita procella
Fórma , bramindo , a grossa marulhada ?
E quem não temerá ? O homem não teme ;
Que o divino decreto inda tem força !
“ Dominarás . . . nas liquidas moradas , ,
Inda he vassallo seu Balêa ingente :
Do fragil bordo de baixel pequeno ,
Farpada lança ao monstro se arremeça ;
Lá s'embebe no corpo , o sangue em ondas.

Espadanando purpurêa os mares.
Com elle vai correndo ao fundo algoso,
Fecha-se o mar, tremendo, e a superficie
Da tempestade atroz conserva a imagem
Esvaindo-se em sangue, urrando expira,
E logo aboia o corpo montanhoso.
O marinheiro audaz, da prêza ufano,
Leva o grande despojo á praia núa;
Toda a cobre c'o corpo, e toda a assombra!
Co' a presença, e sem vida, atemoriza
O mesmo vencedor. Dos vastos membros
Em grossas ondas o licor distila.
Do Pôlo o Cidadão destróe com elle
Cimereas sombras d'alongada noite,
Que abafa as regiões do frio, e morte.

A's mortaes precizões sugeita os brutos
O Soberano Architector do Mundo.
Do homem socios são, são d'elle esteios;
Mas delles o mortal lições não toma.
Quasi me peja o triste paralelo
Dos Entes racionaes c'os entes brutos!
Orgulhoso o mortal sacode o jugo
Das leis, e da razão; e as leis do instincto,
Invariaveis animaes conhecem.
Da esfera em que os lançára a mão do Eterno,
Jámais tentão sahir, nunca se apaga

O cunho que lhe imprime a Natureza.
O homem só da liberdade abusa,
Escravo das paixões, e ao Ceo não serve;
Até da Natureza a voz não ouve,
Tão docéis sendo a ella os brutos todos;
C' os semelhantes seus a paz conservão.
Em convenção pasmosa os Ursos vivem,
Em bando os corpulentos Elefantes
Sem odio, sem rancor nos bosques vivem.
Getulico Leão jámais derrama
O sangue de hum Leão; vogão no Nilo
Os Crocodilos, os Hypopotámos:
Creadas para o sangue, e para a morte
Cada especie consigo em paz se liga.
Concordes entre si voão nos áres
As sempre agrestes retiradas Aguias.
Vive c' o Lobo o Lobo carniceiro;
Das fragas juntos sahem, juntos caminão
Dividem entre si, se o gado assaltão,
Com igual proporção cruento pasto.
Até no seio incognito dos mares
Os monstros d'huma especie em paz existem.
Fez de cada individuo o infausto crime
Huma classe contraria entre os humanos:
Em continua discordia, em guerra vivem;
Nações contra Nações, em campo armadas,

Não se fartão de sangue , e chamão gloria
Ao fatal exterminio , á cinza , ao luto.
Muito poucos mortaes no Mundo estavam;
Irmãos erão só dois , e o braço impío
A victima primeira á morte entrega !
Do crime , e do furor a herança intacta
Se conserva entre os miseros humanos.
Parece estado natural a guerra !
A mutua assolação se chama hum timbre ;
E o campo onde se perde o sangue , e a vida ,
O theatro se diz da fama , e honra !
Da triste humanidade o estrago , e açoite ,
Tem jus á adoração , e heroe se acclama ;
E tem sobre cadaveres , e cinzas
O alicerce fatal d'excelso busto.
Tanto póde a ambição , tanto a vaidade !
Da interna guerra das paixões rebenta
Da guerra universal volcão medonho.
Eu quero dominar , seja o meu nome
(Diz o monstro que hum throno usurpa , e piza)
Temido onde o Sol nasce , e onde s'esconde.
Pompeo não quiz igual , Cesar não soffre ,
Que outro o lugar primeiro em Roma occupe.
Não haja quem no Mundo empunhe hum Sceptro ,
Eu serei só dominador da Terra :
Embora fique de habitantes erma ;

Dos homens na ruina acabem thronos.
O Inferno assim bradou dentro em seu peito !
Correm falanges bárbaras , e cobrem
Da consternada Europa immensos campos.
Póde a morte cançar , não cança o Monstro ,
Quatro lustros de sangue inda não bastão.
Nas ondas leva o Ebro extinctos corpos ,
Corre turvo de sangue o Téjo , o Douro ,
E desde o Tibre ao Vistula gelado ,
Das bocas do Danubio ao mar d'Atlante ,
Tantos recrescem batalhões cerrados ,
Que s'encontrão no ár contrarias ballas.
O Inverno , os Pyrenéos , o Gêlo , os Alpes
São razos campos , e estações mimosas :
Nada os paços detem , e apaga os raios.
Perpetua oscilação sente a Victoria ,
E o ferro assolador jámais descança.
A adusta praia do fecundo Nilo ,
Do Baltico gelado a margem fria ,
Mostra o mesmo espectaculo de sangue.
Ao rancor dos mortaes não basta a Terra :
Vão sobre as ondas disputar cruezas.
Que espantoso conflicto , horrendo estragão
Vio absorto Abukir ! Que espesso fumo
Tapou por dias tres ao Sol o rosto !
Que labaredas rúbidas romperão .

De tantas noites as pezadas trévas !
Qual rompe a chamma subita do centro
Do agitado Vesuvio , e o Mundo aclara :
Com medonha explosão d'esta arte aos áres ,
Salta mudada em fogo a não possante ;
Della só torna ao mar , ou cinza , ou sangue.
A tempestade feia estende as azas
De Trafalgar nas ondas revoltosas ;
Inda 'o Sol no Horizonte o carro leva ,
E já fechada noite assombra os áres.
O escuro Ceo , que tóa , o mar que brame
Não aperta aos mortaes de susto o peito ;
As cruzes d'Albion , de Gallia as cores ,
Entre o fragor das vagas ; que se quebrão ,
Se confrontão de perto , e a morte vòa :
Sorve o mar os baixeis , o fogo os leva.
Menos dura se mostra a Natureza ,
Inda que o vasto mar c' o Ceo confunda
Na solta tempestade , e vento , e raios ,
Que comsigo se mostra a especie humana.
Dá-se a victoria a preço d' huma vida ,
Que tu no jaspe , e bronze perpetúas ,
Mas de balde , Albion ; Nelson teu filho
He cinza , e tem comsigo a gloria tua :
Quando igual acharás ? . . . Raios da guerra ,
Cessai já de ferir , vale huma vida

Mais que illustres troféos , que as palmas todas .
O louro , que cingis , não vale o sangue ;
Entre seres ignaes a paz he laço :
E o verdadeiro Heróe dá paz ao Mundo.
Inda a memoria posthuma abençôa
De Tito o coração guerreiro , e justo.
Virão seus olhos arrazados d'agua
Os Povos que venceo ; não era Tito
Então triunfador , só Roma o era.
He mais Heroe que o Vencedor d'Arbella
O que converte a lança em lizo arado ;
Seu nome chega aos angulos da Terra.
A' triste viuvez lagrimas poupa ,
Da misera orfandade o pranto enchuga ,
O culto ás Aras dá , e ao campo os braços.
A' carinhosa Mãi tranquilla , e léda
Os penhores d'amor conserva intactos.
Manda calar horrisonos tambores ,
Que tanto assustão timidos ouvidos
Da donzella innocente , e velho inerme.
Une os tristes mortaes em laço estreito ;
Imita o Creador , que ao pavoroso
Cáhos da Natureza impoz hum freio ,
Dando hum justo equilibrio aos elementos ;
Deu harmonia , e paz , concordia ao Todo.
Da humana sociedade a paz he base :

Convergem neste ponto os Seres todos :
Fóra d'elle só tem tormento , e pena.
O rio busca o mar , e a pedra o cento ;
Busca o fogo inquieto a etherea parte ,
Sua esfera natal ; todos anciosos
Com sempiterna lei repouso anhelão.
Segui da Natureza o angusto exemplo ,
Deslumbrados Heroes , dai paz ao Mundo :
Do Ceo não veio dádiva mais bella.
Faz a guerra hum feliz , e a paz a todos.
Do Mancebo Pelêo juntai triunfos ,
Juntai desse a quem deu Carthago o nome ,
Todos os loiros ennastrai de Cesar ,
E as , que Augusto colheo , palmas no Eufates :
Tanta glória não tem , tanto não valem
Como hum dia de paz. Quanto he mais doce
Das rosas na estação manhã que aponta ,
Que em triste Inverno a noite borrascósa ;
Tanto he mais doce a paz , que a guerra insana.
A paz traz o repouso , e em seu regaço
O Estudo , a Sapiencia , as Artes vivem.
Ella anima os cinzeis , da viço ás cores
Com que , rival da luz , genio de Urbino ,
Quaes mostra a Natureza , os Seres mostra.
Ella ajunta as Nações , e os homens torna
Do Mundo inteiro Cidadãos tranquilllos.

A paz os faz irmãos , rivaes a guerra :
Emmudecem sem paz sublimes Vates :
Porém versos que são ? Té fica muda
Sem forças , sem vigor Filosofia.
Fecha-se aos olhos seus da Natureza ,
Luminoso volume , onde se embebe ,
Onde estuda , onde lê Sabio profundo ,
Onde encontra a verdade intacta , e pura
Que lhe antecipa a possessão do Elysio ,
Onde descobre Artifice Supremo ,
E aprende a conhecê-lo , aprende a amá-lo.
Fechou-se para mim . . . Seculo infausto ,
Em ti berço me deu mesquinha estrella ,
Ah ! possa inda hum momento , antes que a morte
Nos meus olhos derrame a sombra eterna ,
Ver renascer a paz , surgir tranquillo
Aos Thronos , ás Nações sereno hum dia !

Fim do terceiro Canto.

A MEDITAÇÃO.

CANTO IV.

Eu conheço quem sou. Se eu penso, existo.
A luz, que dentro d'alma observo acceza,
Todo o meu ser aclara, e em toda a esfera
Das idéas mortaes fulgor derrama,
Immat'rial essencia em fragil corpo,
Escura habitação, fechada existe:
O laço he conhecido, o modo ignoto.
De sensações reciproca harmonia
Entre oppostas substancias se descobre.
Sou capaz de virtude, e de ventura;
Huma eterna existencia agoiro, e sinto
No meu ser pensador. Da inerte massa
Não he dote entender, e o pensamento
He de incorporeo ser o effeito, e a prova:
Tanto humana razão consigo alcança.
Conheço a habitação, vejo a morada

Onde existo , e respiro , a vista absorta
Se alonga pelos Ceos , contempla a Terra
Pavimento do Alcáçar magestoso
Do Rei da creação. Conheço os Seres ,
Que gozão , como eu gozo , os dons da vida :
Dos homens socios são , porém vassallos ;
Na esfera humildes são , na essencia brutos.
Mas inquieto o pensamento nunca
Nestes Seres que vê , repousa , e pára :
Qual navegante intrépido , que busca
Terras no Polo austral , jámais socega ;
Anhela o que não vê , despreza o visto.
Sei quem sou , onde estou. Que origem tenho ?
Quem he da essencia minha Author , ou causa ?
Eis digno emprego da sciencia toda ;
Eis do Sabio , eis do Vate o empenho , e estudo.
Para que era nascer , se este não fôra
O campo em que a razão peleje , e vença ?
Sou pequena particula do Globo ,
Que nós , frageis mortaes , chamamos Terra.
Do Mundo Planetario a Terra he parte ,
E este pasmoso circulo , que os Globos
Fórmão , do claro Sol gyrando em torno ,
Pequena parte são deste Universo ,
Desta congerie de luzentes pontos ,
Que da tranquillã noite os véos recamão.

Tenho o mesmo principio , a origem mesma
Que tem quanto no espaço existe , e mora.
Eu profunda harmonia em tudo admiro :
Huma uniforme lei , ordem , cadeia
Prende os Entes ; a hum fim caminhão todos ,
E a causa que produz , sustenta o Todo ,
Do systema solar tambem foi causa.
Quem deu luzes ao Sol , deu pezo á Terra :
Quem creou , quem sustenta o terreo Globo
Hè da minha existencia Author primeiro.
Abysmo , escuridão , silencio , espanto
De toda a parte me circundão todo :
Quem hes Causa primeira , e como existes ?
A' mente humana 'conhecer-te he dado ?
Se a minha alma te sente , a lingua he muda.
O que não sejas tu , dizer-se póde ;
Mas quem dirá qual seja a essencia tua ?
Pede hum ser contingente hum ser Eterno ;
Motora força pede o Mundo em móto :
Nunca teve de si tal força o Corpo ,
Ser effeito , e ser causa absurdo he claro.
Mas , cego , tactear me atrevo apenas
Tantos prodigios da sciencia humana !
Da Natureza interpretes sublimes ,
Os timbres da razão eu devo acaso
Inconsultos deixar ? I'caro ousado ,

Meu afrontoso precipicio eu busco ,
S'eu quero a origem minha , a causa eterna
Dos Entès conhecer , sem que me engolfe
Nesse soberbo pélago de luzes ,
Que á Athenas nome deu , Mestres ao Mundo.
Rompo as sombras , que os seculos envolvem ,
Do enthusiasmo fervido nas azas ;
Chego ao campo onde hum tempo Athenas fôra ;
Foge a rude ignorancia , as luzes voltão ,
E se me antolha subito , que aos áres
Surgem d'entre as ruínas pavorosas
Já de novo o Lycêo , de novo a Estóa.
Já de Academo o bosque revêrdecê ,
E entre linhas de Plátanos frondosos
Com fama eterna o Peripáto surge.
Avivão-se os Jardins , e as fontes correm ,
Do frugal Epicurô ontr' ora asylo.
Além cuido escutar trovões sonóros
Da boca de Demósthènes , que assustão ,
Ao longe o fero Déspota no Throno.
Aqui de Jove á filha o Templo augusto
Esconde as aureas cúpulas nãs nuvens.
Naquelles ferros Socratès expira :
Parece que no palido semblante
Inda descubro a imagem da Virtude.
Aqui se eleva em Dóricas columnas

Sustentado o theatro onde se escutão
Os ais de Melpoméne ; e até diviso
Em torno d'elle volteando tristes
De Edípo , e de Jocásta as sombras mudas ;
E lampeja o punhal nas mãos d'Electra ,
E a atroz Medéa despedaça os filhos.
Eu vejo Athenas , e as Sciencias todas ;
O Genio indagador profundo , e vasto
Alli busca hum principio aos Seres todos.
Quantos objectos a minha alma enleião !
Mas eu devo escutar . . . Que importão luzes
Que eu leve dentro em mim , se outr' ora mudo
O Romano Orador pendeo da boca
Dos que Platão deixou Sabios profundos ,
Dos que ouvirão no Portico a Cleantes ;
Dos inda austeros Mestres , que Epicuro
Levava outr' ora ao Templo da Ventura ,
Só patente ao prazer justo , e sincéro.
Todos devo escutar : fanaes accezos ,
Pelas sombras dos séculos alçados ,
Qual Anachársis novo , eu vejo Athenas ,
Seus profundos oraculos consulto.
Oh fóco da Sciencia ! Escolas quantas
Inda agora immortaes em ti descubro !
Decaído sobrolho , austéro aspecto
Quantos sabios extáticos diviso ,

Todos no grande pensamento envoltos
De descobrir do Mundo o Author , e a Causa.
Este he só da Sciencia augusto objecto :
Este o termo a que vão contrarios trilhos.
Rudes sombras venceo Tháles primeiro ;
Elle no Mundo fysico seus olhos
Primeiro ousou fitar , e encontra a origem
No liquido elemento aos Seres todos ;
Só na materia encontra a causa eterna.
Infinita extensão , sempre immudavel
Na eterna essencia sua ; e varia em modos ,
Vem della os Seres só , nella se tornão
Em circulo perenne , em gyro eterno ,
Aos Gregos diz facundo Anaximandro ;
E o Latino Cantor com versos d'oiro
Similares particulas nos mostra
Primeira causa ser dos corpos todos ,
Seguindo de Anaxágoras a estrada.
N'hum vacuo inmenso os vórtices primeiro
Este Genio espalhou. Quanto se admira
Nos que de nova luz a Europa encherão
Aos Sabios escutou primeiro Athenas.
De enfatico silencio , e sombra envolto
Peregrino Pythágoras avança ,
Todo mysterios vem , segredos todo :
A origem do Universo , a causa indága

E entre sombras só números nos mostra :
Tudo vem da Unidade , e a tudo he Centro
Profunda escuridão , nella se entranha
Minha alma , que este pélagos devassa.
Tullio m'empresta a luz que as sombras rasga :
Este ponto central , esta unidade ,
Eis o Deos de Pythágoras sómente.
He Mente que penetra , e se diffunde ;
Infinita matéria , eterna , e inerte ,
Que o ser , o movimento , a vida outorga
A' congerie dos Entes portentosa ;
E esta alma racional porção conhece
Da essencia divinal , activa , e eterna.
Que mais dissera o Pantheista obscuro ?
Que mais dissera o interprete dos sonhos
Da soberba Eleática doutrina ?
O erro he nossa herança , e a sombra he dote
Da triste humana geração corrupta.
Debalde inquiri os Sabios que primeiro ,
Entre os mortaes , Filósofos se aclamão ! . . .
Que apertados confins prescriptos forão
Do humano entendimento á força , aos vãos !
Se outros grandes oráculos consulto ,
Vejo em sombras iguaes , verdade envolta.
Eis novos Sabios , nova Academiá ;
Entre elles todos Sócrates preside :

Pende dos labios seus Platão facundo ,
Tenta ancioso buscar do Todo a origem ;
No todo descobrio principio activo ;
Agitador espirito entranhado
Pela infinita , mat'rial substancia
Movimento lhe dá , calor , e vida.
Oh Cysne altisonante , este o teu erro ,
O teu Nume este foi , que os Ceos penétro ,
Que agita o largo mar , que move a Terra ;
Que vida aos homens dá , e ao bruto , á fera ;
Que a força vegetal nas plantas móve.
Este o que aviva a máchina do Mundo ;
Inseparavel delle hum todo fórma ,
Além do qual debalde a mente anhela
Outro Ser , encontrar que reja o Todo.
Da Escola de Platão , quantos surgirão
Na mesma espessa tréva , e engano envoltos !
Eu deixo a Academia , entre Arvoredos
Magestoso Aristoteles passeia :
Co' a inteira Natureza hum Deos confunde ,
E desde a eternidade os Ceos , e a Terra
Este mesmo espectáculo mostrarão.
Na Mente ag;adora eterno effeito
Por força ha de existir d'eterna causa ,
Bem como brilharia eterno lume ,
Se o Sol , que hoje fulgura , eterno fosse ;

Se desde então tivesse hum corpo opposto,
Desde então sombra eterna entornaria
Tu , profudo Espinosa , o mesmo expunhas;
O Todo he Numeq só , e o Todo , eterno.
Identico Atheismo ambos os Sabios
Precipitou n'hum báratro de sombras ;
Ambos hum mesmo equivoco alucina ,
Confundindo no Eterno acções diversas.
Humas são delle necessaria essencia ,
Outras são da vontade effeitos livres.
Mas eu do Peripáto os olhos volvo.
Perde-se a mente em tanta obscuridade ;
Mais faceis são d'expôr da Esfinge as vozes ,
E os profundos ignotos carâcteres
Com que o Egypto enigmático se explica ,
Que penetrar no cego labyrintho
De huma eterna extensão , sempre immudavel ,
Materia prima , ou Deos , ou Natureza ,
D'onde enteléchias infinitas surgem . . .

Musas , não mais , não mais , barbaras sombras
Da branda Lyra as cordas destempêrão :
Eu deixo o Estagirita , em vão procuro
Nelle encontrar do Todo a Eterna Causa.
Outros mais inda admira a sabia Athenas
Da Natureza interpretes famosos.
Eu já diviso o Pórtico da Estôa

Varão de aspecto macilento , austéro ;
Onde a virtude se dibuxa , observo :
Cinge-lhe hum louro a frente magestosa ;
Não he louro de Heróes que o sangue entornão
Nos tristes campos da medonha guerra.
Não lho ennastia o furor , dá-lho a virtude ,
Que na victoria das paixões conciste.
Dos fundos olhos no fulgor sagrado
Eu descubro a constancia : o Fado , e Morte
Tem debaixo dos pés : conserva em ferros
A seu lado as paixões , que o jugo arrastrão
Que a razão lhes impõe. Eu vejo a Zeno ,
Nome de quem synonymo he virtude.
Cáia sobre elle a maquina do Mundo ,
Estalle , e desção rapidas sentelhas ,
Imperturbavel animo sustenta.
Delle aprendo a constancia , o honesto , o justo.
Seus passos segue Seneca , Epictéto ,
Quando em moral o Oráculo consulta ;
Mas quando além da esfera as azas solta ,
Quando busca do Mundo o Author Supremo ,
He pequeno , he mortal , sugeito ao erro ;
Materia eterna encontra , e fogo activo ,
Pura chamma , que o corpo immenso abrange.
E tudo a hum Fado incognito sugeito ,
Necessidade eterna , immobíl ordem ,

Que os Entes faz nascer , e acaba os Entes ,
Infinitos periodos descobre.
Na existencia eternal do Mundo , e Sêres
Este vasto espectáculo mil vezes
Foi do Nada engolido , e delle surge ,
Para sentir de novo as leis do Fado :
Mas do Mundo a substancia intacta fica ,
E sentem só vicissitude as fôrmas.
E que outra cousa he Deos ; clama o sublime
Profundo preceptor do ingrato Nero ,
Mais do que a Eterna immensa Natureza ,
De que attributos são , substancia extensa ,
E pura intellecção , razão divina
Que todas as porções do corpo anima ?
Quem não dirá , que escuta o Sabio eximio
Da fumosa Amsterdão , que ímpio systema
Aos homens quiz expôr co' a vóz de Euclides ?
Lysia o berço te deu , Lysia o desterro ,
Tenebroso Espinosa : ousado empunhas
Teu profundo Geometrico compasso ,
E ao Pantheismo atroz lançaste as bazes ;
Hobes a mão te dá , deo-ta Vanini.
Volves as cinzas dos sepulcros Gregos ,
Como pensaste tu , pensárão tantos ,
Que Athenas escutou : convergem todos
Ao centro em que fundaste o ímpio Colosso ,

Cuja sombra espantosa enluta o Mundo :
Dicearcho , Xenócrates , Archítas ,
Quantos a Escóla Italica ennobrecem ,
Quantos ouvira a antiga Academia ;
De ti longe não vai o Estagirita ,
A noite tu rompestes em que se envolve.
Teu desgraçado Genio excede a todos ,
E ás sombras methafysicas ajuntas
Quanta evidencia tem sciencia exácta.
Huma substancia existe , he Deos sómente ,
Clama errado Xenófanes na Eléa :
O mesmo dizes tu , diversos modos
Mostra só de existir Substancia immensa ,
Do funesto principio , ah ! quantos erros ,
Quaes de impestada fonte as agoas turvas ,
Vem corromper os miseros humanos !
Entre tantos brazões da sábia Athenas
Espinosismo antecipado observo.

Da assustada razão diverge o vôo ,
Cançada de lutar com erro , e sombras.
Inda ignóro do Mundo o Author , e a Causa.
Subão do Pindo ao cume os Gregos Vates ,
E aos Cantores do Tibre as azas prestem ;
E mais que Tullio Isócrates troveje :
Magestoso Thucydides exceda ,
Ou de Livio a facundia immensa , e clara ,

E exactidão de Tacito profundo ,
Ou de Curcio , ou de Floro o estylo , as graças.
As carregadas sombras não romperão ,
Que na origem do Mundo a mente encontra.
Deixo Acadêmo , o Pórtico abandôno.
Mas ah ! que d'entre vicejantes plantas
Lá me chama Epicuro , e lá me acena :
O vôo inda suspendo , inda hum momento
Detenho a vista na famosa Athenas.
Em viçoso Jardiñ descubro hum Velho ,
Olhos serenos tem , tranquilla a fronte ;
Ventura ao lado seu lhe estende os braços ,
E ao Templo do Prazer lhe marca a estráda ,
Não terreno , e brutal ; mas puro , ethereo ,
De Horacio , e de Petronio á mente ignoto.
Frugal , austero , as plantas o sustentão ,
Que em seu mesmo jardim cultiva , e guarda.
Detem-te , me bradou ; que eu vou mostrar-te
Qual seja do Universo a eterna origem.
Da Natureza interprete seguro
Me debes escutar , eu posso as sombras
Romper de todo ao humano entendimento.
Vem , que o grande Demócrito te falla ;
Este da Grecia toda a gloria augmenta.
Hum seculo existio dado á sciencia ,
Os homens escutou , fugio dos homens ,

E pôde entrar no peristilo augusto
Do Templo Colossal da Natureza.
Voou co' a mente acceza em vacuo eterno
Interminavel , infinito , e nelle
Infinitos corpúsculos devisa
(Chamou-lhe hum tempo os Atomos Leucippo)
Em trepidante movimento eterno.
O Acaso os ajuntou , delles o Acaso
Compoz quanto te amostra o Ceo , e a Terra ,
Quantos Astros tu vês no Ether gyrando ;
Tantos soes , que este Sol nas luzes vencem ;
Mundos , Mundos sem fim , que hum termo ignóráo
O Acaso os fez dos átomos errantes
Intelligentes mónadas formárão
Essa que pensa em ti substancia ethérea ;
Tambem gyravão no profundo vácuo ;
Nenhuma Lei Suprema , ou Luz Divina
A tão vasto espectáculo preside.
Eu com braço potente o sceptro quebro
Dessa fatal superstição , que o Mundo
Com pavoroso aspecto opprime , e esmága.
Da figura dos Atomos diversa
Nasce a diversa fórma , o vario aspecto
Desses Seres que extatico contemplas ,
Espaço eterno , mónadas , e móto ;
Eis do todo , que vez , materia , e causa.

Architeto foi seu sómente o Acaso.
Sempre ociosa, eterna Intelligencia
Do mundo desterrei, tanto fizerão
O profundo Protágoras, e Stilpon.
Não busques mais principio . . . Então turbado
Co' este Tartareo oráculo inedonho,
Tremendo recuei, senti na frente
Hum gellado suor correndo em bagas;
Cerrou-me o coração subito susto.
Oh soberba fatal, oh Mãe dos crimes,
Os olhos a Democrito tapaste;
Que vio correr os átomos no vácuo,
E não vio seu delirio, ou vio seu erro!
Tranquillo entre paixões vive Epicuro,
Qual do Olympo o cabeça além das nuvens,
Onde o trovão não brame, ou cruza o raio.
Quem lhe suffoca os gritos do remorso
Quando hum ai que elle exhala hum Deos lhe mostra:
Oh soberba fatal, cegaste a mente,
Depois de quantos seculos, a Bruno,
Pasto de hum fogo atroz, qual foi Vanini!
Teus venenos mortiferos derrama
Em sonoros trovões d'aurea eloquencia
Profano Diderot . . . ah quão pequeno,
Quão mesquinho o mortal, que ousa estribar-se
Nas luzes da razão, que o crime enluta!

Nelle he tudo ignorancia , e tudo he tréva ;
Do pezo oppresso jaz dos males todos ,
Traz em seu seio os tóxicos da morte ;
Triste germen da dor conserva nelle ,
Qual serpe , que s'enrosca entre as boninas.
No centro do prazer s'esconde a mágoa :
Para os Ceos contemplar nasceo sómente ;
Mas aggravante véo lhe tolhe a vista ;
De huma lei natural froxo vislumbre
Mora em seu coração , e espalha incerto
Desmaiado fulgor , quaes debeis raios ,
Que o astro da manhã nos Ceos derrama
Antes que o disco ardente aos olhos mostre.
Mas desditosa luz sómente aclára
A seus olhos a quéda , o precipicio.
Ante seu passo a dávida caminha ,
Seu medo , seu terror continuo augmenta.
E no opprobrio em que geme a Natureza
Da magestade a sombra apenas vive ,
Bem como de Persépolis nos restos ,
Inda através de funebres ruinas ,
De hum Palacio soberbo a imagem surge.
De columnas em pó congerie informe
Nos mostra o que ficou do ferro , e fogo
Do injusto vencedor d'Arbélia , e Tyro.
Assim mortal soberbo inda entre estrágos

Tem altivez d'hum Rei , de escravo os ferros :
He no seu coração problema escuro :
Circumscripto se vê neste Universo ,
Ludibrio da illusão. Ferve em seu peito
A sede do saber ; busca estancar-lhe
O temerario ardor ; produz , e cria
A cada instante hum mundo imaginário.
Tal he dos erros seus a origem triste ,
E o cáhos filosófico foi este.
Nascem delle , Epicuro , os teus fantasmas ;
Daqui surgio Demócrito , e Leucippo.
Ah ! Se de hum Vate a voz revolve as cinzas ,
E chamar pôde do sepulchro as sombras ,
Deixa , ó Lucrecio , a tenebrosa estancia.
Contempla , escuta meus cadentes versos ;
Olha a seus pés teus louros espargidos ,
Transformados em pó. Venus hum tempo
Fez em torno de ti marchar as Graças ;
Mas cahio teu Imperio , he cinza , he nada.
Venha a teu lado a sombra de Epicuro ,
Que audaz negou do Mundo Author Supremo
Que deu força á Materia inerte , e morta ,
Do lume que a razão no canto esparge
Verá fugir seus átomos confuzos.

Eu vivo . . . mas que mão potente , e sabia
Me anima , e faz brilhar fulgentes raios

A meus olhos atonitos ? N'hum ponto
Tirado fui do tenebroso Nada.

Devo acaso a mim mesmo o ser , e a vida ?

Não : que a Terra escaldou nas fundas veias

Dos varios animaes germes fecundos

Do concentrado fogo , ao toque , á força

Do seio me lançou , e a luz respiro.

Feliz , se os gêlos da velhice prompta

Na minha frente as flores respeitassem ,

Que nella esparge a juventude amena !

A sorte dos mortaes me escreve a sorte.

Devo pagar ao tumulto hum tributo :

Tranquillamente a vívida Esperança ,

Sobre hum throno de arêa em vão sentada ,

A todos mostra invariavel termo.

He voragem profunda a Natureza :

Alli se immerge tudo , e acaba , e morre ,

E outra vez dentre a morte á vida surge.

Sempre antiga , uniforme , e sempre nova.

Mas que impervisto , que ditoso Acaso

Fez parar , fez ligar no vácuo eterno

A inconstancia dos átomos errantes ?

Naquelle immenso espaço , onde continuo

Hião seguindo a natural carreira

Em rectilineo movimento , o Tempo

Só lhes fez suspender vagante curso

E a discordia banio por fim do Mundo.
No mesmo ponto do difuso cáhos
Este Globo sahio brilhante , immenso ,
Onde observo perfeita architectura ,
E constante harmonia , e leis constantes ;
Onde hum milagre segue outro milagre.
Basta já de delirio , eia emmudeço !
Que odioso fantasma envolve , e ennoita
Meu transportado espirito confuso ?
Vás illusões , deixai de seduzir-me.
Sómente hum Deos , mortaes , hum Deos sómente
Me pôde produzir , crear o Mundo.
Quem , senão braço Omnipotente , pôde
Unir com laço estreito a Soberana
De meus sentidos á materia inerte ?
Ao grão nome de hum Deos subito cedem
Vãos delirios da vã Filosofia ,
E ao raio salutar que em mim derrama
Alma luz da razão , subito foge
O fusco horror , que a mente me abafava.
E devo acreditar , que inutil massa
De huns impalpaveis átomos errantes ,
Promptos a unir-se , e separados sempre ,
Se encorporarão só por cego acaso ?
E poderei sem voluntario engano
Dizer , que esta alma , que me anima , e reje ;

He de chamma subtil vapor ardente ,
Que em movimento activo , e pensa , e gyra ?
Que he escrava da morte , e tributaria
Do grosseiro sentido ; e que he materia ,
E nada mais , Bacón , Tullio , Archimédes ?
Que em Viviani , em Galiléo profundo
Não ha mais que hum subtil , terreo composto
De delicadas tunicas , e fibras ?
Sómente o simples movimento póde
Fazer , que julgue , que combine o corpo ?
Dá-lhe esteril poder , dá-lhe energia
De transpor , de correr do espaço os pontos ?
Póde acaso Epicuro expôr-me como
Possa ser movimento em corpo inerte
Architector de leis , sondando o pégo
Do humano coração ? Só movimento
Hum Tacito produz ? Só nelle fôrma
Escrutador dos intimos segredos ,
Que o tortuoso Cortezão sepulta ?
Ah ! não sabia , que hum corporeo toque
Era nos versos meus de imagens tantas
Potente creador ! Dize , Epicuro ,
As mechanicas leis do movimento ,
A ardente agitação da terrea massa ,
De Estacio á fantasia azas prestarão ?
E imperceptivel turbilhão de corpos

Fez em Tasso chorar magoada Ermínia ,
E encheo de fúrias o soberbo Argante ,
Que morre , qual viveo , e exangue , e frio
Inda ameáça o intrepido Tancredo ?
Oh vergonha do seculo em que existo !
Solicitos mortaes inda descubro
Em degradar , envilecer os homens !
Prusso guerreiro , Salomão do Norte ,
Quantos ouviste na marmorea Salla ,
Que inda abaixo dos brutos se arrastravão ?
Anjos nas producções , na essencia pedras
(Estranho paradoxo !) elles se acclamão !
Ingratos , cégos , que a privar se atrevem
De hum bem tão grande a triste humanidade ;
Bem que os mortaes ajunta a hum Nume eterno !
Quem te inspira o fantastico systema ,
Tu que só Planta , ou Machina te dizes ,
Absurdo La Metrie ? Porque não queres
Conhecer-te huma vez , e então prezar-te ?

Eu vou de todo o turbido Fantasma
Dissipar de Epicuro : o cego Acaso
Eu lhe vou definir : cohorte immensa
Eu vou vencer das mónadas errantes ,
Que agitadas n'hum vacuo sempiterno ,
Só podião formar confuso cáhos.
Se a terrea massa da substancia propria

Tirar não póde o moto , a intelligencia ;
Cumpre que hum bemfeitor , potente , e sabio
Lhe haja escondido no profundo seio
Este estranho deposito , e thesouro.
Póde a materia n'hum repouso eterno
Ser de seu mesmo movimento a causa ?
E desde a eternidade o Globo escuro
Em que habito existio ? Deve a existencia
Por ventura á fatal necessidade ?
Sómente sem apoio existe o Nada :
Se hum corpo , hum Globo , sem esteio existe ,
Igual ao Nada na existencia o vejo.
Eis o engano de estólidos Sofistas :
Nem tanto se abysmou cégo Espinósa.
Que Ser dentro do circulo espantoso
Da Natureza sem apoio existe ?
Chamai embora a est' alma , que me anima ,
Accidente , ou substancia : estranha força
Existencia lhe deu. Que braço externo
Lhe póde dar o movimento , a vida ?
Qual o Ser ant'rior , que a chamma accende ?
O corpo acaso tem divina essencia ?
Mas tudo na materia argúe principio
Tudo lhe marca , e determina origem.
He indigente , he pródiga , e continuo
Vai rebentando bens , e os bens difunde.

Esta Terra , que habito , ha pouco escura
Era informe , e sem graça , e hoje pulída
Já , fecunda , mil dons do seio entorna :
O movimento , a agitação , que observo
Não se encerravão , não , no esteril seio.
Não posso conceber mais que em repouso
Profundo , imperturbavel , a matéria :
A' primeira impulsão , docil acode.
Com sopro estranho só primeira causa
Agitou , promoveo mólas occultas ;
Eis donde nasce a vida , e o móto nasce :
Eis destruido o Mundo de Epicuro.
Quando á vista s' off'rece eterno Agente
O Acaso se destróe ; o Acaso he nada.
Póde hum tempo , assim he , vendar os oíhos
Do indolente Epicuro , e impôr ao Vulgo . . .
Mas o Acaso o que he ? Simples effeito ,
Ou simples producção de ignóta causa.
A ignorancia o creou , o Acaso he filho
D'hum obstupecção , que se apodéra
Do entendimento opáco , obscurecido ,
Que o vôo ousa alongar por esta immensa
Dos Seres quasi incognita cadeia ,
Desde o ponto primeiro ao ponto extremo.
Condição do mortal , mesquinha , e triste !
De causa em causa yôa , e absorto pára

No termo em que começa o assombro , e espanto ,
E brada , assim cahio , o Acaso he este !
E o grão poder porque subsiste o Mundo
Naquillo existirá , que obriga o hómem
A suspender-se extatico , confuso !
Desconcerto fatal do Entendimento !
Quer tudo decidir , e tudo ignóra !
Quer em tudo reinar , e arrastra ferros !
O circumfuso Nada o cerca , e prende ;
O Infinito lhe foge , e ousa arrostra-lo !
Tudo he materia , exclama , e tudo Acaso !
E não póde a materia o dom sublime
Dar-se a si de pensar ; maxima impréssa
No fundo da minh' alma. E donde nascem
Do meu entendimento , a luz , e os raios ?
He inerte a materia , e seu repouso ;
Lethargico repouso he della effeito.
Daqui não vem do espirito sublime
O sublime poder , que só n'hum ponto
Vôa , sobe , penetra este Universo.
Que prodigio inaudito ! Então seria
O effeito inda maior , que a propria causa !
E póde acaso a mónada fechada
De hum breve atmosfera entre os limites
Voar , qual vôa o espirito , esquivar-se
Dos sentidos ás rispidas cadeias ?

E abrir os Ceos com penetrantes raios ?
Ir buscar no passado illustres feitos ?
Com alma luz romper trévas profundas ,
Que escondem dentro em si futuro incerto ?
Fazer surgir do tumulto as Sciencias ?
E dos tempos fixar a immensidade
N'hum ponto ? E pôde concentrar-se todo
Em profunda abstracção pélagos immensos ,
Onde mais d'humas vezes entra , e naufraga ?
Podem acaso os átomos unidos ,
Inda que em móto rapido , e constante ,
Conhecer , divisar degrãos profundos
Que abstracta Methaphysica calcúla ?
Ah ! delles não procede ancias continua
De humas infinitas , sólidas venturas ;
A sempre ardente interminavel sêde ,
Que pede , e busca hum Deos , que a farte , e estanque.
Tudo annuncia hum Creador Supremo ;
A Natureza o diz , minha alma o sente :
A virtude o precisa , ella o declára.
Ficára para sempre o crime impune ;
Este horroroso escandalo do Mundo ,
Este crime de purpura vestido ,
Que até de escravos Reis tributo exige ,
Me vai mostrando hum Vingador eterno ,
Que da Justiça a lei salve , e sustente.

Hum Deos me mostra o Virtuoso ignóto
Na sombra do solencio , e da Pobreza ,
Que outro esteio não tem , mais que a virtude :
O premio que merece , hum Deos pública.

Existe , existe hum Deos ; seu nome o próva :
Quem o nomêa o sente. Em vão discorro :
Onde falla , onde clama a Natureza ,
Calla , emmudece espirito facundo.
Brilha a meus olhos lucida Verdade ;
Se acaso escuto a voz do sentimento ,
Chego voando á tenebrosa origem
Dos erros , cuja somma , e pezo immenso
Aggráva , opprime os miseros humanos ,
Qual espreado mar , vasto , e profundo ,
Cobre de hum pai primeiro a infausta próle :
Mas por cima das ondas procellosas
De hum Deos aboia a crença intacta , e pura.
Esta brilhante luz , que os Ceos abrange ,
Que enche a Terra , enche o Mar , e inflamma os Entes ,
Vai no berço datar deste Universo.
Inaccessivel aos sentidos , nasce
Da força da razão , do esp'rito nasce ,
Nos corações se nutre , e se sustenta
O sopro da soberba , e da ignorancia ,
Architectores do fatal escripto
„ *Da Natureza enfatico Systema.* „

Não lhe commove as solidas raizes ;
Mais que o Cedro no Libano frondoso
Da tempestade zomba , o raio insultão
Da altiva planta os troncos magestosos.
Intactos ao volver de idade , e idade ,
Sobre a roda dos seculos vorazes ,
Vicejão mais , e mais. Imperios fogem ,
Fogem nas azas do voluvel Tempo.
Seu Templo está de pé , firma no seio
Da invariavel natureza as bases.
A estupenda união d'Entes diversos
Nos vai mostrando hum Deos , e hum Deos existe
Sem que o faça o terror , o engano o finja.
Deve , deve a si mesmo a origem sua ;
Não aos erros mortaes d'hum crime effeitos :
No seio da impostura hum Deos não vejo.
Vive em meu coração , eu nelle o encontro :
Alli sem véo se mostra , alli fulgúra ,
Onde tem Natureza imperio , e throno.
Sem a crença de hum Deos que cousa he Mundo ?
Fatalidade , labyriintho , abysmo ,
Onde acordes serão virtude , e vicio ;
Onde o injusto com pé soberbo , iniquo
Impunemente a fronte esmagaría
Do tranquillo mortal sincero , humilde ;
Onde prezo á fatal necessidade

Se apagára o temor que prende , e liga
O despotismo audaz , torpe licença ,
E a que não morre , vivida esperança ,
Que inda entre ferros a innocencia alenta ,
A doce humanidade , almo deleite ,
Que tão suaves sensações desperta
Em nosso coração.— Eia suspende
Sobre as provas moraes , Musa , teus vôos ,
Fertil campo , assim he ; mas nelle as flores
Tu não podes colher com que te ennaestre
Enthusiasmo fervido as grinaldas.
Talvez que a educação , talvez , que as luzes ,
Que a humana sociedade accende , e nutre ,
Despertem no mortal sublime idéa
De hum Deos Onnipotente , Author de Tudo ;
Não vem da educação. Vejo entre as brenhas ,
Onde da Europa a luz , da Europa os ferros
Inda imperio não tem , Tapuia errante ,
Sem ter Patria , nem lar : medita o crime ;
Quando pendente está , proximo á quéda ,
Horrida luz lhe reverbéra n'alma ,
Confuso sentimento o aterra , o assusta.
Patentea-lhe a luz o horror do vicio ;
Hum gelado temor lhe mostra o effeito.
Quem despede os reverberos de fogo ?
Quem o turva , o commove , o assusta , e prende ?

Tardos fructos não são da sociedade ;
Não he da educação falso hum principio.
Errante , e só no bosque , elle não sente
Mais que a cega , e fatal necessidade
Da guerra atroz , que o pasto lhe grangêa.
He livre , ignora as leis , e o jugo ignóra ;
Só elle he para si justiça , e freio.
Mas ah ! que dentro em si respeita , escuta
Huma voz que o sustem : junto ao delicto
Rebombo d'hum trovão , que interno brame
Com frio espanto o coração lhe aperta.
Ah ! que dentro em seu peito hum Deos s'esconde ,
Mostra-lhe aos olhos luminoso espelho
Onde todo descobre o horror do crime ,
Descobre hum vingador , que o raio accezo
Tem prompto a desfechar na dextra irada.
Que cousa he Natureza ? Impio Systema ,
Que com ella confunde hum Deos Supremo !
A visivel , eterna Intelligencia
Não he da Natureza effeito , he causa.

Se eu deixo o coração , se eu fôra d'elle
Quero hum Deos conhecer , que alto , e sublime
Resplendente espectáculo diviso
Na eterna relação dos Entes todos !
Os prodigios dos Ceos á Terra o mostram ;
E aos olhos dos mortaes o mostra a Terra.

Hum Deos se manifesta , hum Deos se acclama :
Póde sentir hum cego a imagem sua !
Nesse infinito circulo de tantos
Principios , que entre si se unem , se estreitam ,
Não se descobre hum fim ? Não luz , não brilha
Sempiterna , profunda Intelligencia ,
Que , em proporções ao fim , conserva os meios ?
Não ha mão que sustenha , e que dirija
A estupenda harmonia , a aurea cadeia
Dos vastos corpos , Globos luminosos ,
Que vão nos ares liquidos suspensos ?
D'onde os effeitos de sensivel causa
A nossos olhos se derivão ? Quando
Vemos prestante maquina , que marca
Do tempo voador no móto a marcha ,
Sem fundo exame o espirito conhece ,
Que he nobre producção d'engenho ardente:
Quando contemplo a fabrica pasmosa
Terrena habitação d'alma que pensa ,
Vejo hum Supremo Author ; basta a continua
Constante successão , vigilia , e somno ;
Se a noite escura , e triste o manto estende ,
Se me afugenta a luz , repouso , e durmo ;
Tão necessaria pausa , ao fragil corpo !
Silencio , escuridão , da morte imagem ,
Me vão trazendo o somno irmão da morte.

Inutil ao repouso o Sol já surge ;
Da Natureza o quadro anima , e mostra ,
E abre ao grande espectáculo meus olhos ;
Elles buscão os Ceos , e os Ceos encontrão.
Oh sabia alternativa ! O cego Acaso
Deste fluxo , e refluxo as leis não dicta :
Effeitos são d'Eterna Intelligencia.
Forçado a conhecella , ímpio Espinosa
Da infinita substancia a julga hum dote
Inseparavel da extensão dos Seres.
Luminosa razão suplanta os erros ,
E hum Deos de Tudo Author conhece , e mostra ,
A cuja voz Omnipotente surge
Do Nada universal substancia extensa.

Prodigio inda maior , ou palpo , ou vejo :
Substancia externa o estomago digére ,
Muda em minha substancia hum suco estranho ,
Dilata o coração , fôrma o meu sangue :
Força me outorga , o cérebro me anima.
Hoje do claro rio as agoas puras
Me refrigerão no fervor do dia.
Cresce o meu sangue , as invisiveis ondas
Já carregão de espiritos meus nervos :
Mais flexiveis , e elasticos se tornão.
Menos voltas nas veigas deleitosas
Vai formando o Meandro cristalino

Do que elles dão no organico composto.
Da fragil vida a têa estalaria,
Se do marcado circulo aberrássem.
Que mão, que Sabio Author dirige o gyro?
Quem por tão cego labyrintho os léva?

Se a vista pelos Ceos dilato, e sigo
De tantos corpos a diversa marcha,
Que parecem na abobeda pendentos,
Que tanto sobre mim se arquêa, e brilha;
Se eu considero o ár, puro elemento,
Cuja interna estructura em si conserva,
E encerra em si da luz brilhantes raios,
Que a terra enche de viço, e esmalta as flores;
Que nutre o canto dos Orfeos volantes,
Das innocentes lisongeiras Fadas,
Que as emoções sentimentaes despertão
Dentro em meu coração... Se o ár desterro,
Se aniquila-lo intento, a Natureza
Empobrecída subito parára,
Sem fructos, sem calor, languida, ou morta.
Quem fórma as relações, e o laço estreito
Que une, prende, sustem corpos diversos?
Quem d'eterno commercio as leis lhe dicta?
Porque motivo os Ceos, e os Astros todos,
Em tão vasta extensão gyrando, animão
Hum só ponto subtil, que á vista escapa?

Porque motivo este átomo , perdido
Dos Seres n' Oceano , he elle hum Mundo ,
E sempre agente habitação da vida ?
Exacta proporção , compasso exacto
Reina nos membros seus ; jámais se altera
De invariavel movimento a marcha.
E em seus vasos , e humor , quantas se agitação
Quasi impalpaveis Legiões de Insectos ?
D'outros Seres tambem morada , e alvergue !
He este o mechanismo , as leis são estas
Dos Mundos que produz , que expõe , brilhante
De Fontenelle activa fantasia.
Nas mais remotas Órbitas os Astros
O ár que se dilata , e abrange os Entes ,
O vivo fogo , os marmores gelados ,
Mundos , Mundos tambem no seio encerra.
Todos tem vida , e movimento , e bradão ,
Que existe hum Ser , hum Deos Omnipotente ,
Cuja mão produzio , regúla , e móve ,
Tantos Mundos sem fim , prodigios tantos ,
Ligados sempre com pasmosa téa.
Seu clamor incessante em mim desperta
A profunda attenção , que observa , admira ,
N'architectura do Palacio immenso ,
A infinita bondade , a força eterna
Do Soberano Artifice de tudo.

Profano Mirabaud , que ousas impresso
O sinete d'Athêo trazer na face ,
Escuta , escuta a voz da Natureza ,
Que contra o teu systema se revolta ,
Dentro em teu coração : dalli te clama ,
Que existe hum Deos eterno , e os Ceos o dizem ;
Escuta a voz do Ceo , vê seus prodigios.
A Terra que te nutre , e que tu pizas ,
O ár que teus pulmões dilata , e move ,
Inda quando sacrilego conjuras
Contra o divino Author , que rege o Todo ,
Conspirão contra ti ; por toda a parte
Te vão mostrando hum Deos. Esta harmonia,
Este da Natureza eterno brádo ,
Não he , quaes somos nós , sujeito a engano ;
Uniforme clamor dos Entes todos ,
Izentos de paixões , izentos de erros.
Vê scintillar brilhantes meteóros ,
Vê no Polo , que o gêlo ao Norte opprime
Novas Auroras , fulgurantes globos ,
Que pelos áres fluidos discorrem ;
D'hum Dominante universal conhecem
A mão , o imperio , a lei ; se elle não fôra ,
Tu as viras correr , cahir na Terra ,
Qual raio accezo , e reduzi-la a cinzas.
Tu vés o vasto Mar., brayo , espantoso ,

As espumantes ondas se levantão ,
Lá vem , lá corre liquida montanha ,
De cem trovões o estrondo iguala , ou vence.
Rebrama a praia , os solidos penhascos
De branca espuma coroados sôão ,
Tudo annuncia misero naufragio ,
Da Terra a subversão , em tanto a vaga
Sente invisivel braço , e se suspende.
Já sem furia recua , e a lei respeita ,
Que eterna lhe prescreve a mão do Eterno ,
E o consternado mar submisso , e quedo ,
Na presença de hum Deos abate a sanha.
Se o quadro do Universo hum Deos exige
Se hum Creador Supremo os Ceos publicação ,
Quem d'elle a Magestade , e d'elle o Throno
Me póde descrever ? He Deos sómente.
,, Eu sou quem sou : ,, extatico Profeta
Esta voz lhe escutou entre as ardentes
Chammas que a Çarça incombustivel cercão.
Não soberbos Filósofos de Athenas ,
Co' a razão vacillante , e incerta sempre ;
Mas prodigios sem fim , prodigios clamão.
O Egypto os vio , e o Nilo envolto em sangue
Trevas que ao Sol oppõe continua noite ,
O mar que se divide , o mar que foge ,
De hum lado , e d'outro as liquidas muralhas ,

Vão entestar co' as nuvens , e descobrem ,
Ao povo immenso , e atonito , a passagem ;
Mas , fechando-se subito , sepultão
Perseguidor exercito soberbo.
Eis arido deserto , eis espantoso
Ermo alagado em torridas arêas ;
O Ceo lhe nega a chuva , a terra as fontes.
Mas além surge rigido penhasco ,
Cuja escavada frente , ao Sol opposta ,
Nem tapiza , nem cobre o verde musgo :
Da fatidica vâra a hum leve toque
Eis se fende , eis borbulha , eis corre a linfa ,
Que a ardente sede ao Povo refrigera.
De adustos areaes no vasto Oceano
Uniforme planice horrênda , e triste ,
Não tem baliza as Legiões que sigão.
Se a tenebrosa noite estende as azas ,
Eis no bojo dós âres enlutados
Acceso globo , e fulgurante ondêa ,
Celeste conductor , que a estrada aponta ,
E quando surge o Sol se apaga a chamma ,
E carregada nuve' os passos guia
Pelas medonhas regiões da morte.
Suffocante calor torra as campinas ,
Nem brota a verde planta , ou vinga o fructo ;
Nos braços da penuria o Povo expira ;

O Ceo despede subito o sustento ,
Doce chove o manná ; volvem-se os annos ,
Milagroso manjar jámais se estanca.
Prodigios immortaes , que hum Deos publicação !
Revelação Celeste hum Deos me amostra ,
Só ella em magestade hum Deos retrata ,
E á soberba razão silencio intíma ,
Froxa , débil razão , que isso que ignora
Impossivel julgou , se não comprehende
Como do Nada eterno os Entes surjão !
(Que delirio !) suppôz materia eterna !
Com quanta pompa , quanta magestade ,
Cosmólogo Profeta hum Deos publica !
Fez hum aceno ao Nada , e o Nada he Tudo.
Emmudecei , Filósofos do Mundo ;
Newton feche o compasso , e attento escute
A voz do Sempiterno , ella he repouso
A' cançada razão. Prodigios tantos
São as provas d'hum Ser , de hum Deos Principio.
Se orgulhosos espiritos se abysmão ,
Deve o Supremo Artifice infinito
Proporcionar-se ao debil raciocinio ?
Circunscrever-se o tumido Oceano
Todo no seio de pequena concha ?
Tu pizas , Diderot , tu vêz a Terra ,
Pelo espriado mar teus olhos lança ;

Seus principios incognitos s'escondem ;
A's luzes da razão tudo he mysterio :
A existencia dos Seres se descobre :
O effeito he sempre visto , a causa ignóta.
Indócil presumpção recusa hum jugo ;
Mas a despeito da soberba entende ,
O misero mortal , que elle nascêra
Sómente para obrar : não he seu dote
Té do que palpa , e vê , saber as causas.
A sciencia o deslumbra , e sempre illude
A infatigavel vivida esperanza.
Na eterna oscilação repousa , e pára ,
Quando á fonte dos bens , da luz á fonte ,
Que só Revelação no Mundo espalha ,
Adóra o resplendor d'hum Ente eterno ;
No seu regaço a Fé descanço off'rece
Ao meu entendimento. Hum Deos conheço ,
Que só póde os desejos infinitos
Dá minha alma abastar. A Natureza
Me leva , me conduz ao Throno Augusto ,
E nesta vasta maquina diviso
Da vista do Immortal gravado hum raio ;
Sobre as azas da Fé minha alma surge ,
E nova luz á Natureza outorga.
Moysés , Moysés fallou , e hum Deos o inspira ;
Vou seguindo esta voz , e eu subo aos Astros :

Talvez possam dizer-me onde se eleva
O Throno magestoso, o Throno Augusto
Daquelle a cujo aceno elles gyraão.

Quão longe estou da Terra! Eis se esvaéce
Engolfada no ar . . . Entusiasmo,
Para, detem-te aqui . . . admira hum pouco
Ceo, que outro Ceo circunda, e todos cheios,
D'immensa luz, reverbero brilhante,
Que outros Sóes fulgentissimos derramão.
Inda me alongo mais, rapido vôo,
Mais que a fuga do rapido Cometa,
Me leva pelos Ceos onde não chega,
Nem fugindo por seculos, hum raio
Do fulgurante Sol. Do espaço eis toco
A extremidade incognita aos humanos,
Onde a luz desfalece, onde se perde,
D'orgulhosos Filósofos o estudo.
A congerie dos Ceos, dos Sóes, do Todo,
Hum ponto se me antolha, e brilha apenas,
Qual Aeronauta vê d'além das nuvens,
Assomar no Horizonte a argentea Lua,
Toda envolta no eclipse, em véo sombrio.
O que espaço não he, nem he materia,
Além do immenso circulo dos Mundos,
He Throno onde se assenta Eterna Causa.
Eis o Deos que a Moysés inspira, ensina,

Author da Natureza , Author de Tudo :
Aos degrãos de seu Throno a Fé se eleva ,
Vai da Razão seguida , humilde , e muda ;
Filosofia he só docil-escrava ,
Da luz que revelada illustra os homens.
Sobre hum Throno immortal , preside , existe
O que existe por si : seu nome sôa ,
Ergue-se Newton , curva-se a seu nome.
Sem Deos em quem repouse , o homem se perde ,
E a Creação mysterio impenetravel
Ficará para sempre á mente humana.
São confusas hypotheses , problemas ,
Tudo o que Roma ouviu , ou disse Athenas.
Sobre as ruínas das Sciencias todas
Alça a voz hum Profeta , e explica tudo
(Oraculo immortal minha alma abastas !)
„ Creou Deos no principio os Ceos , e a Terra. „
Mortaes , eis a Verdade , e o mais , delirio.
Não rompe o Entendimento a escura sombra
Do Nada onde o Senhor continha os Entes ;
Da confusa razão fragil compasso
Não póde medir tanto. Amaina as vélas
O vogante baixel da intelligencia ,
Quando , ao chegar dos terminos prescriptos ,
C'o este immenso Oceano entesta , e pára.
Hum Deos assim fallou , de hum Deos que falla

Em prodigios sem fim descubro as provas.
Se repugna á razão materia eterna
Hum Deos lhe deu principio , lum Deos a chama
Do Nada , e repentino 'o Nada he Tudo.
Na peregrine fluxão da Eternidade
Deos hum ponto marcou , e existe o Mundo.
E se do immenso espaço a essencia ignoro
Deos o espaço formou : já nelle os astros
A' voz do Eterno Author scintilão promptos ;
O moto lhes prescreve : a lei lhe escutão ,
E nas prescriptas órbitas se movem ;
Té que á voz do Immortal suspenda o Tempo
As que teve até agora immensas azas.
Chama as Constelações , no espaço brilhão ;
No lugar que lhes deu , no mesmo existem.
Arde aqui Berenice ; além nas frias
Plágas do Norte as Ursas , não banhadas
Nas inquietas ondas do Oceano ,
Fanaes , que estão mostrando o Polo á Terra.
Na parte opposta o fulgida Corôa ,
Pelo Antartico Ceo fulgura acceza.
Manda surgir Zodiaco brilhante ,
Eis subito apparece , e traz no seio
Globos , Astros de luz , e á voz Suprema
Pelo espaço se estende , o espaço cinge.
No portentoso circulo que fórma ,

Doze porções iguaes marcão seus Signos,
Por onde os olhos crêm que o Sol brilhante
Absolva a regular, supposta marcha.
Ao longe os claros Ceos, ao longe o espaço
Mil thesouros de luz guardão no seio;
Porém a Terra opáca, inerte, e fria
Do Sol, Astro central, inda não sente
O fogo animador; clarão suave,
Que fórma o dia, o Mundo aformosêa:
Eis chega o quarto instante, o Sol scintila.
Traz n'hum a nuvem d'oiro a frente envolta,
A nuvem se rasgou, mostra-se o Mundo.
No Firmamento subito se espalha
Nova luz, nova pompa; ao longe os Globos
Fórmão em torno delle o gyro eterno,
Que incessante produz a opposta força.
O Sol os chama a si, do Sol se apartão,
E assim descrevem regulares curvas.
Aos desertos do espaço a elipse estende
Este, e gyrando vai, froxo, e tranquillo:
Outro quasi envolvido, e quasi immerso
No grão disco do Sol, so mostra aos olhos.
Entre elles corre a Terra escura, e triste,
As leis universaes dos Globos segue,
Que obedecem ao Sol, qual centro, e fóco;
No vario moto seu, fórma as diversas

Fecundas Estações ; constante volta
Que he brado da existencia , he prova eterna ,
Que hum Saber immortal preside ao Mundo.
Do seu amor , da Providencia sua ,
Foi o Globo da Terra objecto , e termo.
Em grandeza , em volume a vence Urano ,
He menor que Saturno , e inda que Jove ,
Que de claros Satéllites se escoltão.
He maior o clarão do indocil Marte ,
Do pensativo Astrónomo tormento.
Só parece menor Mercurio , e Venus ;
Mas assim mesmo escura , os Ceos a invejão.
Deos a manda surgir , e he massa inerte ,
He de aspecto uniforme , e muda , e fria ;
Mas á voz do Immortal se esparge a vida ;
O seio se lhe rasga , o mar fluctua.
Da plana superficie os montes sobem :
Alguns co' a fronte altiva as nuvens rasgão :
D'outros borbulhão cristalinas fontes ,
Que pouco a pouco em rios engrossadas
Vão fugindo da Terra aos turvos mares.
No revolto Oceano , onde hoje as ondas
Furiosas mugindo aos Ceos se lanção ,
Quaes montanhas d'espuma , ond' hoje os Ventos
Como implacaveis Déspotas pelejão ;
A paz então reinou ; Zefyros meigos ,

Pelos áres subtiz equilibrados ,
Da liquida campina a face encrespão.
Conduz seu doce assopro as salsas ondas ,
Tôcão brandas na praia , e brandas fogem.
Do Chefe Universal dos Seres todos ,
He núa a habitação , nenhuma pompa ,
Nenhum manto soberbo a enroupa , e veste :
Ella mesma o produz , o Eterno o manda ,
E a força vegetal se desenvolve.
De hum verde perennal se arrêa , e cobre :
De fresca relva os campos se tapizão ;
E subito rompendo as brandas flores ,
Ao ar elevão calices mimosos ,
Donde encantados hálitos derramão.
Ondeão , sem cultura , as louras messes ,
De plantas collossaes se cobre o monte ,
Alça entr' ellas a cóma o Cedro altivo ,
Cruzão-se , enlação-se os virentes ramos ,
Formão tufado bosque , e a sombra entornão ,
Asylo ao pensador , asylo ao Vate.
Menos soberbas arvores se cobrem ,
Entre flores gentís , de opímos fructos ,
Que prestes colherão Seres mais nobres.
Eis a Terra fecunda , eis os thesouros
Que no immudavel germe inda persistem.
Surge maior prodigio , os Ceos risonhos

Divisão nova scena , objectos novos.
Eis de Seres organicos se cobre
A fecundada Terra , eis nova vida
Nos espontaneos movimentos mostrão.
A fôrma he varia , o número infinito.
A formosura , o talhe , o gesto . . , assombra !
O soberbo quadrupede campêa ,
E bate a terra , e corre impetuoso.
O ignorado reptil seu corpo arrastra
Em complicados , tortuosos gyros.
Brandas aves no ár se agitação lédas ;
E se equilibrão nas voluveis azas :
Do nativo elemento o imperio deixão ,
E ao mais extenso fluido se entregão.
Segue-lhe o vôo ao longe o insecto alado ,
Bem como flor que os Zefyros despregão ;
Insano atrevimento ! Eis cahe prostrado ,
De nada vale a côr , que as azas vestem !
O mar profundo , e vasto os peixes cortão :
Numerosos exercitos de Seres ,
Das ondas cidadãos , na especie varios.
Entre os Entes organicos , que tórnão
Lugar que a Lei na creação lhes déra ,
Inda aos Ceos não dirige a fronte augusta
Humana creatura ; inda de balde
Pelo terreno alvergue os Ceos fitavão

A'vidas vistas , que o Monarca buscão.
Eis subito apparece , e sobre o Globo
Movendo os passos magestosamente ,
Seu poder annuncia , e sceptro empunha :
Na frente ingenua , e livre hum raio assoma
Da substancia immortal : ressurte viva
Dos olhos seus celeste intelligencia.
Pelos labios de purpura desliza
Doce , brando surrizo : os Entes todos
No mortal pensador seu Rei conhecem.
Traslado he do Senhor , e imagem sua :
Feliz , se o não levasse atroz soberba
A querer ser rival ! Nunca descera
Do solio á escravidão , do sceptro aos ferros !
Ethereo assopro a maquina dirige ,
Assopro animador simples , e activo.
Produzido huma vez , eterno existe ;
Pensa , prevê , recorda-se , reflecte ;
N'hum ponto sóbe aos Ceos , desce n'hum ponto :
Cogitação perenne essencia he sua :
Imperceptivel laço ao corpo o prende ;
Na mesquinha prizão rasteja o Eterno ;
Té que solto huma vez , retorne aos Astros.
Tal foi do braço do Motor Eterno
Extrema producção , e ultimo esmero.
Na grande maravilha hum Deos conheço ,

O quadro d'Universo o mostra aos olhos ;
Verdade revelada as sombras vence ,
Que o circumscripto entendimento ennoitão.
Tudo reclama hum Deos , tudo o publica ,
E desde o berço ao tumulto do dia
A Terra , o Mar , os Ceos , bradão , que existe.
Deu leis á Natureza , e as leis subsistem.
Materia , Espaço , Movimento , e Tempo
Pende do aceno seu. Co' a voz sómente
Tirou do Nada a maquina do Mundo ;
Invisivel , presente abrange o Todo :
He sua duração a Eternidade.
Deste circulo immenso o centro he tudo ,
E os limites se escondem ns infinito.
Produce a seu sabor a tempestade ,
Do mar amotinado enfreia a sanha ;
E seus decretos immudaveis guião
Do raio estragador rodeio , e golpe.
De seu imperio á voz , morrem , renascem
O dia , a noite , as estações , os annos.
Só elle esmalta nos viçosos prados
A tenra flor , encurva , e doira as messes.
Elle no rico Outono aos doces fructos
Perfeita madurez , sabor reparte.
Desde o vasto Elefante ao vêr-me humilde ,
D'Agua volante ao paludoso insecto ,

Tudo consegue movimento , e vida ,
Ou tudo se confunde acaba , e perde
S'Elle hum aceno faz : se a fronte inclina
Se o sobrolho carrega , os montes fumião ,
Inflammão-se os Volcões , vacilla a Terra.
E se a face serena ao Mundo amostra ,
A pintura dos Ceos se aviva , e brilha.

Meditação profunda , eia suspende
O vôo audacioso ; hum Deos achaste :
Console-se a razão , o ímpio emudeça ,
Dos systemas no pélagos se abysme :
A simples inspecção da Natureza
Ao pensador só basta , hum Deos encontra.

Este grande espectaculo me prende :
No Mundo , alheio ao Mundo , ignoto aos homens ,
Entre o sévo clamor da guerra insana ,
Dando sinceras lagrimas á Patria ,
Surdo á voz da ambição , surdo á lisonja ,
Da fama , da avareza , eu gózo , eu tenho
Thesouro , a cujo aspecto se esvaecem
Os thesouros dos Reis , dos Reis a gloria ,
Se mudo , e solitario entre arvoredos ,
Onde não chega estrépito profano ,
Que rompa o magestoso , alto silencio
Que escolta a Natureza , o quadro immenso
Das suas produções vejo , e contemplo :

Se ha na vida mortal prazer sincêro
He este o meu prazer , he gloria , he tudo.
Com elle surjo sobranceiro ao Mundo ,
Suavissimos extases me alheião
Da terrena morada , e absorto vejo
A cadeia immortal, que os Seres une
Dese o Ente principio ao vêr-me ignoto.
Tal foi a doce bemaventurança ,
Que o primeiro mortal gozou primeiro ,
Quando os olhos abrio , e os poz na vasta
Campina azul dos Céos , e os poz na Terra :
Anticipou-se a possessão do Elysio ;
Em sua alma assomou da gloria hum raio ,
Ouvio-se a vez primeira a voz das Musas ,
Elle o Vate primeiro ; em almos hymnos
Subio ao Throno do Immortal seu brado.
Até depois que o pavoroso crime
A seu mando forçou do Inferno as portas ,
Embargadas as lagrimas lhe ficão
Nos tristes olhos , se o pomposo , e vasto
Quadro da Natureza hum pouco encara.
Contemplação sublime ! ella me accende
Impetuoso entusiasmo n'alma ;
He este unico livro onde medito ,
Onde estudo , onde sei ; elle a meu canto
Dá força , dá vigor , pompa , harmonia ;

Elle ao consorcio do Supremo Nume ,
Neste desterro , a estrada me franquêa.

Fim do quarto e ultimo Canto.



